



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**LORENA AZEVEDO DO CARMO**

*SOB SEUS OLHOS: NARRATIVAS E IMAGENS DO PATRIARCADO*  
*EM O CONTO DA AIA.*

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**LORENA AZEVEDO DO CARMO**

***SOB SEUS OLHOS: NARRATIVAS E IMAGENS DO PATRIARCADO  
EM O CONTO DA AIA.***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Maria Luiza Süssekind.

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**LORENA AZEVEDO DO CARMO**

**SOB SEUS OLHOS: NARRATIVAS E IMAGENS DO PATRIARCADO  
EM O CONTO DA AIA.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em 31 de janeiro de 2022.

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Süssekind – Unirio (ORIENTADORA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Dias Peregrino Ferreira – Unirio (AVALIADORA INTERNA)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Stela Guedes Caputo – UERJ (AVALIADORA EXTERNA)

**Rio de Janeiro**

**2022**

C287 Carmo, Lorena Azevedo do  
SOB SEUS OLHOS: narrativas e imagens do  
patriarcado em O Conto da Aia / Lorena Azevedo do  
Carmo. -- Rio de Janeiro, 2022.  
139

Orientadora: Maria Luiza Süsskind.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em Educação, 2022.

1. Currículo. 2. Gênero. 3. O Conto da Aia. 4.  
Resistências. 5. Fascismo. I. Süsskind, Maria  
Luiza, orient. II. Título.

## DEDICATÓRIA

Dedico essa dissertação a todo o povo brasileiro como parte do meu compromisso com uma Educação Pública mais democrática, de qualidade social, acolhimento às diferenças e valorização da força feminina.

## **AGRADECIMENTOS**

A todas as pessoas que não largaram as minhas mãos durante o longo trajeto que foi chegar e concluir o mestrado.

Agradeço a minha orientadora pelas (des)orientações, carinho, amizade, compreensão e cuidado durante tantos anos.

Às professoras Mônica Peregrino e Stela Caputo pela generosidade em partilhar conhecimentos e orientações no exame de qualificação e defesa de dissertação.

À minha mãe que me segurou a cada deslize e que me deu os empurrões necessários para que eu não desistisse de sonhar.

Ao meu pai que nos momentos mais difíceis me apoiou e continua apoiando para que eu continuasse regando a plantinha da educadora que vive dentro de mim.

À minha avó que sempre me faz rir contando histórias da minha mãe e expressa o quanto sente orgulho da neta.

À Valdete Rigo que me acolheu como filha e não me deixa esquecer esse amor maternal.

À Fátima Maria que além de vizinha e melhor amiga da minha mãe tornou-se amiga e mãe.

Aos meus grandes amigos que me apoiam, incentivam, compartilham, inspiram a continuar escrevendo, conversando e contando ao mundo o que com eles vivi. São vocês: Kevin, Letícia, Lorrán, Wendel, Monique, Raquel, Manuela, Ingrid, Jeferson, Débora, Sílvia.

Ao Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores pelos abraços, palavras de apoio, amizades, acolhimentos que fizemos em nossos encontros presenciais e virtuais durante tantos anos.

## RESUMO

A Dissertação se debruça sobre os estudos da intersecção currículos-gênero a partir do contato com o livro de Margaret Atwood *O Conto da Aia* (2017), filme (1990) e a série (2017-2021), ambas adaptações televisivas. A pesquisa justifica-se em sua originalidade temática, tendo suporte nos estudos dos cotidianos, nas teorias dos currículos para pensar a partir das redes de conhecimentos e sociabilidade das aias a fim de narrar algumas das táticas usadas pelas pessoas ordinárias nos cotidianos (CERTEAU, 2020) como, por exemplo, a fofoca (ELIAS; SCOTSON, 2000), a compreendo como tática de sobrevivência das redes de mulheres da resistência no mundo do conto. A metodologia se dá pela análise do conteúdo da obra de Atwood, juntamente ao conteúdo do filme e seriado audiovisual, relacionando-os aos conhecimentos e estudos de gênero e feministas, buscando fazer conexões distópicas e diatópicas com a história e o contexto da ocidentalidade colonial patriarcal branca (LERNER, 2019; FEDERICI 2019a, 2019b), assim como a caça as bruxas na Europa no século XIV (FEDERICI, 2017). O desafio teórico e metodológico e a atualidade temática se apoiam academicamente e politicamente porque deslocar as linhas de abissalidade (SANTOS, 2007) desenhadas por Gilead e enfrentar seus epistemicídios (SANTOS, 2018), como os nossos, cotidianamente, é um ato de bravura.

**Palavras-chave:** currículo; gênero; o conto da aia; resistências; fascismo.

## **ABSTRACT**

The Dissertation focuses on the studies of the curriculum-genre intersection as from the contact with Margaret Atwood's book *The Handmaid's Tale* (2017), film (1990) and series (2017-2021), both television adaptations. The justification in its originality of thematic research, having as support in the studies of everyday life, in the theories of the curricula to think from the networks of knowledge and sociability of the handmaids in order to narrate the tactics used by ordinary people in everyday life (CERTEAU, 2020) such as, for example, gossip (ELIAS; SCOTSON, 2000), an understanding as a survival tactic of resistance women's networks in the world of tale. The methodology is based on the analysis of the content of Atwood's work, together with the content of the film and audiovisual series, relating them to gender and feminist knowledge and studies, seeking to make dystopian and diatopic connections with the history and context of patriarchal colonial westernity (LERNER, 2019; FEDERICI 2019a, 2019b), as well as the witch hunts in Europe in the 14th century (FEDERICI, 2017). The theoretical and methodological challenge and the current thematic are academically and politically supported because moving the lines of abyssality (SANTOS, 2007) drawn by Gilead and facing its epistemicides (SANTOS, 2018), like ours, is an act of bravery.

Key words: curriculum; gender; the handmaid's tale; resistances; fascism.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 1 – FIM DA MANHÃ E INÍCIO DE PESQUISA.....	15
CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA NARRADA POR ATWOOD: sobre todas/es/os nós.....	22
2.1. A catástrofe climática como justificativa para o uso de práticas e políticas fascistas .....	31
2.2. Patriarcado branco: uma ideologia necessária à arquitetura da colonização, à estrutura da escravização e ao desenvolvimento do capitalismo. ....	34
CAPÍTULO 3 - TÁTICAS, BURLAS, (RE)CRIAÇÕES COTIDIANAS EM GILEAD .....	48
3.1. Fofoca.....	52
CAPÍTULO 4 – UMA CONVERSA SOBRE A PROVA PLATÔ.....	57
4.1. A dinâmica da Prova Platô .....	60
4.2. (Infelizmente) Um pouco do ódio .....	62
4.3. Mas nem só de ódio sobrevive a humanidade.....	63
CAPÍTULO 5 – SOBRE FAZER PESQUISA NO COTIDIANO: roteiro e trajetória.....	66
5.1. <i>Banherão</i> .....	66
5.2. Oficina O Conto da Aia .....	70
5.3. Diálogos com os estudantes na leitura da Prova Platô .....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	76
ANEXO 1 – LISTA DE PRODUTOS INTELECTUAIS.....	86
1.1. Comprovantes de publicações .....	87
ANEXO 2 – SINOPSES.....	92
ANEXO 3 – PLANEJAMENTO DA OFICINA O CONTO DA AIA .....	96
ANEXO 3.1 – MATERIAL UTILIZADO.....	98
3.1.1 – Imagem dos slides apresentados no primeiro dia da oficina .....	98
3.1.2 – Imagens dos slides apresentados no segundo dia da oficina. ....	107
ANEXO 3.2 – PROVA PLATÔ TURMA SEGUNDA-FEIRA (VESPERTINO).....	115
ANEXO 3.3 – PROVA PLATÔ TURMA SEXTA-FEIRA (MATUTINO) .....	133

## INTRODUÇÃO

Encontrei-me debruçada sobre os estudos de gênero a partir do contato com a obra de Margaret Atwood intitulada “O conto da Aia”. Publicada originalmente no ano de 1985, ganhou uma adaptação cinematográfica no ano de 1990, com nome traduzido para “A decadência de uma espécie”, porém foi em 2017 que recebeu maior notoriedade pela produção da série audiovisual de mesmo nome que, no ano de 2021, conta com quatro temporadas, já se caminhando para a quinta. O Conto narra, sob a perspectiva de uma aia<sup>1</sup>, o cotidiano em suas relações de opressão e redes de resistência e solidariedade diante de um mundo autocrático em colapso ambiental. Em 2019, após a série se tornar popular, Atwood lança o segundo livro intitulado ‘Os testamentos’ que é narrado a partir da perspectiva de uma das tias, nomenclatura dada às mulheres mais velhas que atuam na educação de aias, são também as únicas mulheres inférteis a ocupar um cargo no governo.

Compreendendo minha dissertação como um percurso que pode ser trilhado de diferentes maneiras, deixo em anexo sinopses da história (Anexo 2), incluindo um resumo feito por mim, para que os caminhantes que partem de um ponto onde não tiveram contato com a narrativa, possam mudar sua rota de maneira a conhecer também a história através de meus olhos, além de criar seu próprio entendimento. De forma a trazer as imagens sem a intenção de colocá-las no texto para contar uma história, foram criados hiperlinks ao longo da dissertação para tornar-se mais um percurso possível de leitura do texto.

Gostaria de explicitar que a pesquisa fixa locus no primeiro livro, filme e série televisiva (até a quarta temporada) e dialoga com outras narrativas e imagens, principalmente, as conversadas com estudantes na formação de professores, que acompanho desde 2017, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, até a “oficina O conto da Aia” ministrada em 2021. O caminho que venho trilhando é em direção a contar histórias com e sobre as mulheres e suas formas de ser e estar no mundo. Meu compromisso é esbravejar que temos histórias, memórias, pois segundo Lerner:

---

<sup>1</sup> Mulheres férteis que tiveram seus corpos raptados pelo governo de Gilead, distopia dos Estados Unidos da América, para procriarem com homens da mais alta hierarquia, intitulados comandantes, durante o período fértil por meio de estupro ritualizados chamados de Cerimônia. Os bebês gerados a partir das Cerimônias são entregues a família que a aia serve, após o período de amamentação a Aia é realocada por uma tia.

A história das mulheres é uma história de exclusão, de apagamentos, de sabotagens, de desvalorização. Para se atacar a luta das mulheres, que historicamente leva o nome de feminismo, é preciso que nosso protagonismo seja negado. É preciso fingir que nunca lutamos (2019, p.19).

Ao ler o livro de Atwood, cujas premissas decorrem da infertilidade tanto humana quanto da natureza e a escassez das reservas naturais, questiono como as aias em meio à opressão e subjugo de seus corpos criam redes de solidariedade, conseqüentemente resistência, em seus cotidianos, analisando suas diferentes táticas e formas de compartilhar saberes no que entendo como fofoca.

O foco principal da minha pesquisa são as aias, suas táticas de sobrevivência, burlas e subversões cotidianas, o que não significa que personagens como o importante comandante Fred Waterford, por exemplo, serão invisibilizados em minha escrita, visto que ele e Serena Joy, sua esposa, são personagens que fazem parte do enredo principal da história. Pois entendo que cada um deles têm suas visões de mundo para explicar seus atos e é sempre importante lembrar com Certeau (2020, p. 248) “[...] que não se devem tomar os outros por idiotas”, assim como o comandante Waterford, no episódio 05 da 1ª temporada (THE HANDMAID’S TALE, 2017) diz a June, uma das principais personagens, sendo ela uma aia que serve a família Waterford e recebe o nome patronímico de Offred (vale lembrar que o nome June é referente a série, pois no livro só conhecemos a aia pelo nome de Offred e no filme a personagem recebe o nome de Kate), que o que quer é deixar o mundo melhor, mas “Isso não significa melhor para todos. Sempre é pior para algumas pessoas”. Contudo, embora seja foco de nossas teorias e perpassem nossos diálogos, essa pesquisa fala sobre, mas não é sobre o patriarcado branco.

Nesta pesquisa abordo a narrativa de Atwood, que ela entende como *Spec Fic* (ficção especulativa), uma narrativa de distopia, porque compreendo não se tratar de um futuro próximo e nem de uma invenção da realidade, ou seja, uma realidade paralela, destacada da nossa, em que violências extremas são meios políticos possíveis. Pensar a narrativa de Atwood como uma distopia significa assumi-la, nas conversas curriculares, como uma distorção do mundo em que vivemos dando um foco específico, radicalizando o apocalipse ambiental e a dominação patriarcal branca, pois com o pesquisador Hilário (2013) compreendo “o gênero da distopia, em particular, [...] como dispositivo de análise radical da sociedade” (p. 201).

Ainda segundo Hilário, “Etimologicamente, distopia é palavra formada pelo prefixo dis (doente, anormal, dificuldade ou mal funcionamento) mais topos (lugar)”(2013, p. 205). Entendo que “Topos” é lugar, um espaço-tempo, portanto distopia é nosso tempo olhado de um lugar diferente. Usei o tempo que Atwood escreve o livro, o tempo do filme, da série e o tempo de agora, por compreender que distopias políticas são narrativas tão importantes para cultura da sociedade quanto a literatura, isso interessa particularmente para falar do momento atual. Importante ressaltar que a consulta aos materiais referentes à narrativa “O Conto da Aia” (livro, filme e série televisiva) é feita com o material dublado/traduzido oficialmente para a língua portuguesa brasileira.

Posso citar tantas outras obras que podemos analisar como distópicas e que abordam outros assuntos quanto “O Conto da Aia”, por ser uma interseção entre a crítica social e a literatura antiga que já se faz há muito tempo. Sabemos da invasão dos alienígenas de H.G. Wells de 1897, por exemplo, o livro “Nós” de Evgeni Zamiatin que foi inspiração para o homônimo livro “1984” de George Orwell, ou mesmo “As viagens de Gulliver” de J. Swift, além dos atualíssimos “Bacurau” (SÜSSEKIND; PAVAN, 2019) e “Parasita” (SÜSSEKIND; REIS; PEREIRA, 2020). Já tratando de produções audiovisuais, cito também como exemplos: a série “Expresso do Amanhã”, que tem como pano de fundo um mundo congelado devido à crise climática, ainda, a talvez precursora, a série “The Twilight Zone” que a cada episódio “aborda temas que habitam o mundo da imaginação, da possibilidade” (SÜSSEKIND; GONÇALVES JUNIOR; OLIVEIRA, 2020, p. 110). Entre os atuais e superfamosos, há também a série “Black Mirror” (SÜSSEKIND; PIMENTA; FERREIRA, 2020) que a cada episódio traz uma crítica de como a tecnologia tem alterado a forma com que as pessoas se relacionam em seus cotidianos, além da série brasileira “3%”, que aborda as desigualdades extremas passada numa Ilha. Há também produções mais antigas como os filmes Waterworld e Mad Max, dentre tantas outras.

[...] escolhemos as narrativas (sons de todo tipo) e as imagens para com elas trabalhar e melhor compreender os movimentos [...] e como entram nos processos curriculares, buscando para isto, as outras tantas narrativas e imagens que são formuladas pelos ‘praticantespensantes’ (ALVES; CHAGAS; MENDONÇA, 2019, p. 209).

Desta forma, será analisado, na dissertação, esse olhar distorcido propositalmente sobre o presente e para o que ele está chamando atenção, que de

antemão, atenta para catástrofe climática e para o sistema de normatização cisgênera e em como esse sistema alimenta o patriarcado e é alimentado pelo machismo, de modo que a distribuição das propriedades, dos recursos e da proteção surge a partir dessas relações hierárquicas de gênero (LERNER, 2019). A perspectiva interseccional exige que seja assumido desde já que estamos falando de um patriarcado branco, em sua historicidade, práticas e ideias, mesmo não sendo uma pesquisa do campo das relações étnico-raciais. Então, dessa forma, miro nas redes de conhecimentos e subjetividades, nas criações de resistência e revoluções subalternas no contexto de como essas mulheres de Gilead (e do mundo) estão fazendo essas revoluções, cuja atualidade e relevância são fundamentais para o filósofo Preciado (2019a, S/P):

O corpo e a sexualidade ocupam na atual mutação industrial o lugar que a fábrica ocupou no século XIX. Há, ao mesmo tempo, uma revolução dos subalternos e apátridas em andamento e uma frente contrarrevolucionária lutando pelo controle dos processos de reprodução da vida.

O enquadramento teórico que venho construindo para essa análise traz o reconhecimento das tessituras de conhecimentos cotidianos (ALVES, 2008), como, por exemplo, pela prática da fofoca (ELIAS; SCOTSON, 2000) e da conversa, também, como uma possibilidade curricular e como conversa complicada (PINAR, 2012 apud SÜSSEKIND, 2014b). Conversa que é dado acontecimental imprevisível (SÜSSEKIND; LONTRA, 2016), em que as redes de conhecimentos-solidariedade não só apoiam a sobrevivência como também os movimentos de resistência e enfrentamento do patriarcado. Tanto na obra literária quanto na série, as redes de solidariedade entre aias e marthas<sup>2</sup> criam, burlam e inventam *usosfazer*<sup>3</sup> que são múltiplos em suas possibilidades (CERTEAU, 2020).

Para além da fofoca, que trago para esta escrita com a intenção de subverter a conotação negativa que vem ganhando ao longo do tempo e a correlação a uma prática feminina, abordo também como há outras formas de comunicação sem a existência de um diálogo verbal, formas que burlam, subvertem o que está posto, como vemos no seguinte trecho do livro:

---

<sup>2</sup>Mulheres que são propriedade das casas de Gilead e trabalham nos afazeres domésticos.

<sup>3</sup>A união dos termos, em sua formulação, é uma escolha *políticaepistemológica* para ratificar a indissociabilidade dos mesmos, rompendo com a pressuposição de que são coisas diferentes (OLIVEIRA, 2013). A mesma explicação serve para as demais palavras em justaposição.

Ele olha para mim e me vê olhando. Tem um rosto francês, magro, forte, pouco comum, ligeiramente jocoso, cheio de planos e ângulos, com sulcos fundos ao redor da boca onde sorri. Dá uma tragada final no cigarro, deixa cair no pavimento e pisa nele. Ele começa a assobiar. Então pisca um olho. Baixo a minha cabeça e viro de modo que as abas brancas me escondam o rosto, e continuo a andar. Ele acabou de se arriscar, mas para quê? E se eu o denunciasse? (ATWOOD, 2017, p. 28).

Longe de buscar traçar um discurso futurístico e fatalístico ou procurar paralelos, assumo que Gilead, como distopia, apresenta práticas sociais não distantes das nossas. Na direção dos exageros da nova nação, tenho estudado um tsunami neoliberal global de tendências conservadoras que se formou “[...] na fenda de um relevo muito antigo: um Brasil-colonial-escravista-heteropatriarcal” (SÜSSEKIND, 2018, p. 7) que nos inundou em suas redes de misoginia, racismo e fundamentalismos, alimentos das necropolíticas (MBEMBE, 2016) do Estado. Dialogarei com pesquisadores como Pinar, Lerner, Federici para argumentar que as questões de Gilead, assim como estão na Bíblia, estão também na história da humanidade até hoje. Tomo várias questões sociais e ambientais - históricas, culturais, geográficas e como elas entram nos currículos que para Alves, Chagas e Mendonça (2019, p. 202) são:

[...] como articulação entre os problemas sociais e as ações e experiências desenvolvidas nas escolas, buscando compreender a multidão de seres que nisto está envolvida, numa clara tentativa de pensar junto EDUCAÇÃO e ENSINO, este “entrelugar” ocupado pelos currículos oficiais e aqueles criados nos cotidianos escolares, em conjunto com as propostas neles feitas pelo “praticantespensantes”, nas diversas redes educativas.

O estudo com os cotidianos de uma obra que, através da burla, dos sussurros, dos golpes e astúcias do “fraco” (CERTEAU, 2020), busca nas alianças entre mulheres oprimidas um engendrar de uma máquina de guerra (DELEUZE; GUATTARI, 1997 apud PIMENTA, 2018) usada por elas para lutar contra o controle e o estriamento de suas condições e escolhas, porque “A realidade é sempre mais complexa do que nossos meios de representá-la” (STANLEY, 2020, p. 63).

## **CAPÍTULO 1 – FIM DA MANHÃ E INÍCIO DE PESQUISA.**

Não me recordo muito bem do dia em que decidi estudar “O Conto da Aia”. Talvez tenha sido em um final de manhã ensolarado, mas como poderia afirmar se minha memória engole os dias. Um sentimento de não saber bem em qual ano me encontro após tantos dias de isolamento social. O que permanece entre as nuvens de minhas memórias são cortes que me atravessam e reafirmam minha escolha de trabalhar com a narrativa de Atwood.

Durante uma das reuniões do grupo de pesquisa, me deparei com um diálogo entre minha orientadora e uma colega da pós-graduação que falava sobre a narrativa e sua adaptação em série televisiva, acho que era algo sobre uma nova temporada. Como a grande curiosa que sou, ou melhor, opto por usar a palavra fofoqueira de maneira a subverter a conotação negativa que essa palavra ganhou ao longo da história e da caça as mulheres. Como a boa fofoqueira que sou, pesquisei sobre a narrativa e busquei primeiro pelo livro.

E como uma boa devoradora de histórias, carreguei Offred comigo pelos cômodos de minha casa e até mesmo pelas salas de espera do Inca (Instituto Nacional do Câncer), onde minha mãe realizava seu tratamento contra o câncer. Por mais que possa soar exagerado, eu senti Offred a cada palavra, a cada fragmento do que me contava, nos tornamos confidentes. O que Offred e eu poderíamos compartilhar? Saberes femininos.

Nossas histórias são gritos abafados, são percursos de lágrimas secas, uma poesia não compartilhada, que estiveram e ainda estão enraizados em nossas espinhas. A cada mulher apagada há um sussurro. A cada sussurro um saber feminino que anseia por ser apreendido, mas não apreendido nos corações cavernosos do patriarcado. São nossas vozes interiores que nos contam segredos e nos unem por laços ancestrais. Somos as bruxas sobreviventes dos cotidianos canibais.

Meus estudos desdobram-se e dobram-se em um origami de meu cotidiano, em que busco investigar a intersecção dos currículos e os saberespráticas de resistência feminina em uma obra distópica, que atravessa o tempo presente e nos assusta com suas variáveis possibilidades e similaridades. Seria um aviso ou uma

lembrança da fragilidade de nossas existências? Por que “O Conto da Aia” nos intriga tanto? Vivemos uma Gilead rebatizada? Até que ponto a arte imita vida?

Essas são perguntas que não busco responder, porque as múltiplas respostas são os ecos femininos, ora gritos de socorro ora gritos de esperança. Busco por entre os caminhos dessas linhas conversar com cada indivíduo que por aqui se encontra. Uma encruzilhada de saberes e vozes que se abalroam entre passados e tempo presente sem a intenção de adivinhar o futuro.

A análise que busco realizar do conteúdo da obra de Atwood, suas imagens e narrativas, juntamente ao conteúdo do seriado audiovisual e do filme, relaciona os conhecimentos e estudos em áreas de gênero e feministas e suas interseccionalidades (CAETANO, et. al., 2020), vislumbrando evidenciar a pesquisa como uma “[...] busca de uma produção pós-abissal de um conhecimento prudente e não indolente” (SÜSSEKIND; LONTRA, 2016, p. 101). Tal análise assume a obra para além de um simples recurso midiático, mas como um discurso regido por mecanismos ficcionais que se vale também para veicular posições, ideias e debates em torno de temas atuais. Podendo assim abordar as muitas facetas do patriarcado e suas constantes formas de controle, que são comumente colocadas à prova quando a troca de informações acontece sem o conhecimento ou consentimento de sua tão elaborada e requerida posição de poder.

Trago para minha escrita partes de mim e de minha trajetória. Ou seja, minha trajetória vai de encontro com minhas vivências durante a graduação e a pós-graduação. Portanto, faço o exercício metodológico de buscar nas rasuras, nos vestígios, nas pistas e índices em conexão e triangulação com os conservadorismos atuais a partir de Ginzburg (1989). Caminho nessa trilha com Certeau (2020), em busca das incontáveis possibilidades de usos produzidos nos cotidianos do homem ordinário. Caminho também com Elias e Scotson (2000), pretendendo compreender os usos da(s) fofoca(s) a partir das redes de sociabilidade e suas possibilidades de mobilização. Com Pinar (2008; 2009; 2020), na tentativa de singularizar as identidades coletivas dentro da sociedade de Gilead recusando uma forma única de *serestar* hetero(sexual) masculino branco. Com Arendt (1999), teorizo sobre a banalização do mal através de um cidadão que cumpre seu *dever* e com González (2020), Federici (2017; 2019a; 2019b) e Lerner (2019) dialogo, a partir dos estudos de gênero, raça e classe, investindo no aprofundamento teórico-epistemológico da pesquisa.

A investigação dos saberespráticas de resistência acontece a partir dos usos possíveis dos estudos nosdoscotidianos, do ponto de vista epistemológico e metodológico, de modo compatível com a forma que se entende o currículo como a conversa complicada que é, entendendo nosso papel como educadores sendo o de participar, porque conforme sugere Pinar (2009, p.162) “o currículo pode transmitir a imanência da realidade cotidiana que a transcendência divide entre futura e de outro mundo”. Minha pesquisa margeia a individualidade através de uma narrativa que se aproxima da autobiografia da alteridade, reconhecendo experiências femininas, por exemplo, que podem cruzar a fronteira entre escritor e leitor (PINAR, 2009) por meio de experiências vividas.

*Sob Seus Olhos* é uma referência ao cumprimento típico de Gilead “sob o olho Dele” apresentado ao mesmo tempo como desejo de proteção e direcionamento, mas em contrapartida, representando, discursivamente, como a vigilância que constantemente persegue os cidadãos, o olhar onipresente do poder, autocrático, divino. Seus vigilantes camuflados são chamados de Olhos. Ninguém sabe ao certo quem são, mas tal existência busca regular os comportamentos, palavras, em uma investida de capturar o ilegal, o proibido que margeia as existências como uma sombra a espreita do antigo normal. Todavia, a obediência causada pela suposta vigilância mostra-se uma performance de sobrevivência para tornar a vida mais vivível (BUTLER, 2018).

Ainda sobre o título, ao voltarmos nossos olhares para o agora, assistimos a inúmeras violências presentes nos cotidianos. O que estaria então *Sob Seus Olhos*? Política-epistemologicamente, afirmo que embora o poder seja vigilante, *Sob Seus Olhos* estão a criação cotidiana, as redes de conhecimentos e solidariedades (ALVES, 2008) e, no sentido dado por Sússekind (2007, p.123) “Von Foster afirma “Não vejo se não creio!”. Ou seja, narrativas e imagens se multiplicam e criam, nas conversas, conhecimentos coletivos-singulares e plurais (SUSSEKIND, 2014a) aderentes as conveniências, situações, relações e acontecimentos vividos. Assim, se não vejo violência contra mulher, conseqüentemente não creio em misoginia, feminicídio e se creio, vejo bruxas voando durante a noite secretamente até o sabá e posso puni-la (FEDERICI, 2017) assim como nas [figuras 1 a 3 nas páginas 1 e 2](#).

Na tentativa de capturar a realidade, visto que o encontro com o “real” é fragmentado (MBEMBE, 2017), assim como nos diz Caputo (2001, p. 2) “Ainda que vendo, só é dado ao pesquisador [...] uma dada e momentânea apreensão da

realidade”, o momento em que vivemos, assumo mais uma vez que fomos inundados pelo tsunami neoliberal conservador, mas sem deixar de reconhecer que outras existências se criam nos excessos (PINAR, 2009) hegemônicos como resposta e (re)afirmação da alteridade.

Quando nos sugere que para pensar o real é preciso pensá-lo relacionalmente e também romper, muitas vezes, com noções pré-construídas, Bourdieu instrumentaliza o olhar do pesquisador para que este mais que olhar, olhe ativamente e, portanto, veja (CAPUTO, 2001, p.2).

Como sabemos de Joan Scott (2005, p. 12):

[...] não existem soluções simples para as questões, debatidas calorosamente, da igualdade e da diferença, dos direitos individuais e das identidades de grupo; de que posicioná-los como conceitos opostos significa perder o ponto de suas interconexões.

Com a autora, entendo que a atitude de “reconhecer e manter uma tensão necessária entre igualdade e diferença, entre direitos individuais e identidades grupais” (SCOTT, 2005, p. 13), parece a melhor possibilidade de sermos mais democráticos, sabendo, que isso depende de construções, acontecimentos, deslizamentos entre público, privado, pessoal, institucional, histórico, contextual. Enfim, ainda de acordo com Scott, vale registrar que o “elevado senso de identificação que surge com a redução de um indivíduo a uma categoria é, ao mesmo tempo, devastador e embriagador” (Idem, p.18). Nessa luta contra esse limite, e outros limites da teoria, reforçado sempre na epistemologia da pessoa ordinária de Certeau (2020), rompe-se com a ideia de que existem consumidores passivos das imagens e narrativas distribuídas pela televisão, de modo, a questionar o que é que o consumidor fabrica com tais materiais.

Um filme não reproduz a realidade, ele cria realidades possíveis veicula inventa soluções originais para situações inusitadas ou fazem surgir soluções inusitadas para situações que poderiam ser consideradas clichês Uma narrativa consegue nos remeter a muitas outras e, pode nos ajudar a, no caso dos números e tão diferentes filmes que ‘vemosouvimosentimopensamos’ a compreender processos (ALVES; CHAGAS; MENDONÇA, 2019, p. 209).

Tenho por objetivo criar caminhos de entendimento sobre narrativas, imagens, processos, reconhecimentos dos modos de resistência (SÜSSEKIND, PELLEGRINI, 2016) e os fluxos de revolução dos subalternos (PRECIADO, 2019a) nos cotidianos das mulheres hierarquizadas dentro da sociedade de Gilead, da narrativa de “O conto da Aia” de Margaret Atwood, juntamente com sua adaptação

televisiva em formato de seriado de mesmo nome e do filme, através de pistas indiciárias (GINZBURG, 1984). Esses caminhos passam por me pensar como mulher jovem universitária, pedagoga, mestranda e periférica, para diante da distopia gileadeana abordar as questões urgentes sobre os diferentes corpos, as plurais sexualidades, as múltiplas violências, como o estupro, a partir das conversas, fofoca(s) e narrativas sobre redes de solidariedade(s), perpassando interseccionalmente pelos estudos de gênero, raça, classe e feministas.

Ainda como objetivo, tenho, também, por pretensão usar a prática social da fofoca (ELIAS; SCOTSON, 2000) como tática de sobrevivência, sororidade, no sentido de valorizar, dar contexto e relevos as narrativas por meio de uma abordagem metodológica que afronte o medo das conversas sussurradas e escondidas que o patriarcado demonstra ter em suas diversas falas, escritas e demonstração de punição, tanto no livro e série quanto no meu cotidiano. Na série o medo se mostra tão palpável que sugiro olharem a imagem de uma aia com sua boca costurada na [página 3, figura 4](#).

As fofocas, os sussurros, os saberes proibidos, principalmente em relação ao período antes do regime, são passíveis de punição, como ocorre após Ofglen, ressalto aqui que os nomes precedidos pelo prefixo “Of” são referentes às aias, ser capturada por ter um caso amoroso com uma martha. No episódio 03 da 1ª Temporada (THE HANDMAID’S TALE, 2017), June/Offred é interrogada por um Olho<sup>4</sup> na sala de estar dos Waterfords, ele questiona sobre o que ela e Ofglen, que se chama Emily, conversavam durante suas idas ao mercado, June/Offred responde ser acerca do tempo, mas logo em seguida ao ser questionada se tinha conhecimento de que sua companheira de caminhada, visto que as aias caminham em duplas, era uma traidora de gênero, ela responde que sabia que Ofglen era gay, sendo agredida por tia Lydia com uma arma de choque, e a justificativa usada por tia Lydia é a de que “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (Mateus 5.5 *In*: BÍBLIA SAGRADA, 1969), já que a palavra “gay” é proibida, conforme [figura 5 na página 3](#).

---

<sup>4</sup> Nome utilizado para denominar um participante da agência de inteligência de Gilead.

A utilização dos conceitos, principalmente as vestimentas das aias em protestos ao redor do mundo a favor da legalização do aborto na Argentina<sup>5</sup>, por exemplo, nos mostra o quanto a narrativa de *The Handmaid's Tale* está presente nos cotidianos em meio a uma luta contra o patriarcado e suas múltiplas violências. A conjuntura em que o mundo se encontra, em grande parte, é desanimadora, na Bolívia, país da América Latina, por exemplo, encontramos a violência policial brutal ao reprimir manifestações contra a proposta de reforma tributária, uma das pautas dos protestos, no país<sup>6</sup>. Aqui no Brasil a repressão e violência policial, históricas e atuais, como visto na operação dentro da comunidade do Jacarezinho em 06 de maio de 2021<sup>7</sup> resume de modo vil a ideia de associação entre estado, burocracia e capitalismo devoradora de vidas. Segundo Tommaselli o governo Bolsonaro:

[...] é um governo que está preocupado com em distribuir armas, encarcerar, controlar, punir, ou seja, um governo que exerce uma política que potencializa a morte, no entanto, as mortes potencializadas tem endereço certo, isto é, são negros, pobres, indígenas, os que estão em situação de marginalização social, cultural, política, econômica, educacional (2020, p. 188).

A falsa premissa de que o homem domina a natureza a seu favor, a exploração do trabalho reprodutivo feminino (FEDERICI, 2019a), o controle dos corpos femininos e sua abissalização (SANTOS, 2017) pendurados nos muros, como na [figura 6, página 4](#), metaforicamente, as não-mulheres com ou sem pênis marginalizadas, nossas colônias não radioativas, nossa natalidade controlada através de políticas sanitaristas, entre outros aspectos estão tão distantes do nosso agora?

Na realidade, a destruição da vida humana em larga escala tem sido um componente estrutural do capitalismo desde a sua criação, como a contrapartida necessária da acumulação da força de trabalho, o que pressupõe, inevitavelmente, um processo violento (FEDERICI, 2019a, p. 218).

<sup>5</sup>**How The Handmaid's Tale dressed protests across the world.** Disponível em: [https://www.theguardian.com/world/2018/aug/03/how-the-handmaids-tale-dressed-protests-across-the-world?CMP=share\\_btn\\_tw#img-6%3E](https://www.theguardian.com/world/2018/aug/03/how-the-handmaids-tale-dressed-protests-across-the-world?CMP=share_btn_tw#img-6%3E).> Acesso em 06 de mai. de 2021.

<sup>6</sup>**Greve geral e repressão policial seguem na Colômbia após queda de ministro da Fazenda.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/04/greve-geral-e-repressao-policial-seguem-na-colombia-apos-queda-de-ministro-da-fazenda>. Acesso em 06 mai. 2021.

<sup>7</sup>**Operação no Jacarezinho deixa 25 mortos, provoca intenso tiroteio e tem fuga de bandidos.** Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/06/tiroteio-deixa-feridos-no-jacarezinho.ghtml>. Acesso em 07 mai. 2021.

Ao metaforizar a minha pesquisa como o tapete de Ginzburg (1989), mudo diversas vezes a direção de minha observação, alterando conseqüentemente a coerência do desenho que é ser uma mulher em Gilead. Seja uma aia ou uma tia, todas as mulheres são subjugadas pelos homens, tornando-se estratificadas com base no que representam dentro do sistema patriarcal. Entretanto, uma forma de reaver e tomar para si seu próprio corpo, por exemplo, é quando Offred passa manteiga em sua pele para hidratá-la e humanizá-la.

Enquanto fizermos isso, passar manteiga em nossa pele para mantê-la macia, podemos acreditar que algum dia sairemos, que seremos tocadas de novo, com amor ou com desejo. Temos nossas próprias cerimônias, cerimônias privadas (ATWOOD, 2017, p. 118).

São várias as observações acadêmicas sobre a relação intrínseca entre gênero, raça e classe. Estes três aspectos permeiam as múltiplas identidades, assim como as múltiplas formas de ver o mundo, ou mundos. “É preciso lutar, e a linguagem é palco de muitas lutas” (MATTOS, 2020, p.33). Reescrevo aqui a palavra linguagem no plural, abordando as “linguagens” utilizadas como táticas para descrever desobediências cotidianas entre as mulheres de Gilead. De modo a reconhecer, valorizar e desinvisibilizar as lutas das mulheres que vem das margens, os indivíduos ordinários que usam as táticas como a *arte do fraco* que precisa “utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário” (CERTEAU, 2020, p. 95).

Pretendo ainda, que no desenvolvimento da minha pesquisa sejam feitas analogias com experiências vividas como mulher que convive com as relações de poder ao qual meu corpo e minha existência são submetidos todos os dias. Assim, minha pesquisa não se atém às narrativas e contextos criados no universo imaginado por Atwood e aos conhecimentos criados como conversas complicadas na formação de professores da UNIRIO, mas também integra a forma como os efeitos dessas relações hierarquizantes são tratados e vividos por mim.

Somos estupradas, tanto em nossa cama quanto na rua, precisamente porque fomos configuradas para ser as provedoras da satisfação sexual, as válvulas de escape para tudo o que dá errado na vida dos homens, e os homens têm sido sempre autorizados a voltar seu ódio contra nós se não tivermos à altura do papel, particularmente quando nos recusamos a executá-lo (FEDERICI, 2019a, p. 57).

## **CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA NARRADA POR ATWOOD: sobre todas/es/os nós.**

A obra de Atwood nos apresenta a República de Gilead, país fictício que surge após uma série de golpes pontuais contra a democracia dos Estados Unidos da América, por um grupo de homens fundamentalistas chamados Filhos de Jacó (mais detalhes veja Anexo 2). Os Filhos de Jacó formam uma milícia que faz uso dos membros que ocupam lugares de poder e premeditam ataques e culpabilizam terroristas, de maneira que “a solução era desarticular o estado e substituí-lo pela nação” (STANLEY, 2020, p. 154), fazendo com que a Constituição seja suspensa no que eles dizem ser temporário.

Os direitos das mulheres são paulatinamente cerceados, ou melhor, os direitos sociais, sobretudo femininos sofrem uma série de “cercamentos” que de acordo com Federici (2017, p.24-25) foi um movimento, na Idade Média, que “expropriou milhões de produtores agrários de suas terras, além da pauperização massiva e da criminalização dos trabalhadores”. No caso das mulheres, na narrativa, elas têm seus direitos e suas existências múltiplas cercadas a partir de um conjunto de medidas que confisca, inicialmente, seus bens monetários nos bancos transferindo-os para um homem que os tutele, logo em seguida, elas são demitidas de seus empregos sendo obrigadas a ficarem em casa.

Aos poucos, as mulheres são “cercadas” pela nova configuração de Estado, de maneira que percam suas autonomias e não muito depois são criminalizadas por motivos relacionados à sua subjetividade e livre arbítrio, em que são divorciadas, estão em um segundo casamento, são amantes ou lésbicas. Todavia, os muros dessas cercas são pretextos para abduzir essas mulheres e as transformarem em mão de obra reprodutiva, de modo que não apenas gerem bebês para a nova nação de Gilead, mas que sirvam aos homens em todos os âmbitos possíveis, limpando, cozinhando, domesticando outras mulheres e até mesmo fazendo o trabalho de limpar um solo radioativo até a morte como punição.

Ele abaixa uma de minhas alças, desliza a outra mão para dentro em meio às penas, mas não adianta, fico deitada ali como um pássaro morto. Ele não é um monstro, penso. Não posso me dar ao luxo de ter orgulho ou aversão, há todo tipo de coisas que têm de ser descartadas, diante das circunstâncias (ATWOOD, 2017, p. 239-240).

Gilead invoca uma fundação teocrática sobre o Antigo Testamento da Bíblia, de modo a justificar suas atrocidades hipócritas contra as mulheres, porque entende a mulher como “a monstra, a outridade desumanizada e abissalizada, deixando, por isso, de ser sujeita de direitos e podendo ser aniquilada” (SÜSSEKIND; GONÇALVES JUNIOR; OLIVEIRA, 2020, p.115). De acordo com Atwood, em seu próprio livro, diz que “políticas racistas, por exemplo, estavam firmemente enraizadas no período pré-Gilead, e temores racistas forneceram parte do combustível emocional que permitiu o golpe de Gilead” (2017, p. 281).

A propaganda fascista, evidentemente, não apresenta somente membros de grupos-alvo como criminosos. Para garantir o tipo certo de pânico moral sobre esses grupos, seus membros são apresentados como *tipos* particulares de ameaça à nação fascista – geralmente, uma ameaça à sua pureza (STANLEY, 2020, p. 126).

A consolidação de Gilead se deu não só pelo apagamento das vidas, mas também de grande parte da produção humana como livros, quadros, revistas, que, de acordo com Stanley (2020, p. 31) “Essas tentativas de legislar o apagamento do passado de uma nação são características de regimes fascistas”, porque eliminar o passado legitima outras narrativas, como a de um passado mítico (STANLEY, 2020).

Houve uma época em que eram bastante comuns. Era uma revista, uma revista feminina parecia pela fotografia, uma modelo em papel lustroso, de cabelos soprados pelo vento, com uma echarpe no pescoço, a boca pintada de batom; os lançamentos da moda de outono. Pensei que todas as revistas desse tipo tivessem sido destruídas, mas ali estava uma, que havia sobrevivido, no gabinete particular de um Comandante, onde você menos esperaria encontrar uma coisa dessas (ATWOOD, 2017, p. 145).

Entendo o governo teocrático e totalitário de Gilead como um governo de práticas culturais e políticas fascistas, a partir de Stanley (2020), que adota uma série de estratégias para se consolidar de maneira que “encobre a desigualdade estrutural, tentando inverter, deturpar e subverter o longo e difícil esforço para enfrentá-la [a política fascista]” (*Grifos meus*, p.103). Porque, ainda de acordo com o autor, o fascismo se agarra em um passado mítico, uma história nacional gloriosa como o seguinte exemplo: “- Eu tô muito feliz que eu mostrei que realmente, hoje em dia, grande parte da população entende que o período militar não foi ditadura como a esquerda sempre pregou”. Este trecho é uma transcrição de uma entrevista do então presidente Jair Bolsonaro à Band no ano de 2018<sup>8</sup> que vem alimentando sua

---

<sup>8</sup>**Bolsonaro: Período militar não foi ditadura.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMJPNIOqQTI>. Acesso em 20 out. 2021.

política com essa criação de um passado mítico que se confunde com um mundo novo, bíblico, austero e puro.

O objetivo estratégico dessas construções hierárquicas da história é deslocar a verdade, e a invenção de um passado glorioso inclui o apagamento de realidades inconvenientes. Enquanto a política fascista fetichiza o passado, nunca é o passado real que é fetichizado. Essas histórias inventadas também diminuem ou extinguem completamente os pecados passados da nação (STANLEY, 2020, p. 29).

Através da distorção de um passado “mítico”, propagandas, principalmente as que mascaram “a corrupção sob o disfarce de anticorrupção” (STANLEY, 2020, p. 40), anti-intelectualismo, visto que “A Educação [...] representa uma grave ameaça ao fascismo ou se torna um pilar de apoio para a nação mítica” (STANLEY, 2020, p. 48), irrealidade e suas teorias conspiratórias, hierarquia para se obter poder, vitimização e medo das minorias e suas conquistas, política do “nós” e do “eles” e a ansiedade sexual/reprodutiva, em que os direitos femininos ou da comunidade LGBTQIA+ significam a destruição da masculinidade (STANLEY, 2020).

“Se entendermos como totalitarista um regime que subordina qualquer ato individual ao Estado e sua ideologia, então o nazismo e o stalinismo eram regimes totalitários” (ECO, 2019, p. 25). Estendo este entendimento para Gilead, que foi inspirado em regimes como o nazismo na Alemanha. Arendt, em seu livro “Eichmann em Jerusalém” (1999), aborda a prática da banalidade do mal, em que Eichmann seria um bom cidadão que cumpriu as leis vigentes.

Arendt descreve o desenrolar do julgamento do antigo oficial nazista responsável pela logística das deportações em massa dos judeus para os campos de extermínio. Testemunha, repórter e pesquisadora do caso Eichmann deu foco à dicotômica noção bem/mal defendendo que o oficial nazista não possuía um histórico antissemitas e não apresentava nenhuma característica de possuir um caráter doentio ou distorcido. Ela afirma que ele não era um monstro, mas um “bom cidadão” que agiu segundo o que acreditava ser o seu dever, cumprindo ordens e movido pelo desejo de ascender profissionalmente (SÜSSEKIND; PIMENTA; FERREIRA, 2020, p. 25).

Arendt, sobre Eichmann, diz que “tanto quanto podia ver, seus atos eram os de um cidadão respeitador das leis. Ele cumpria o seu dever, como repetiu insistentemente à polícia e à corte; ele não só obedecia a ordens, ele também obedecia à lei” (1999, p.152), sentimento este muito comum na Alemanha.

[...] porque não sendo igual, o diferente é atirado na busca inglória por se tornar um membro igual, ou é tornado um monstro. O diferente, como

---

ameaça, é desumanizado e por isso deixa de ser sujeito do direito podendo ser aniquilado (SÜSSEKIND; PIMENTA; FERREIRA, 2020, p. 23).

Em relação a banalização do mal, Stanley nos diz que “O que a normalização faz é transformar o que é moralmente extraordinário em ordinário. Isso nos torna capazes de tolerar o que antes era intolerável” (2020, p. 181), de modo, a transparecer ter sido sempre dessa forma, assim como muitas vezes acontece com o patriarcado. Entre os anos de 1904 e 1908 a Alemanha utilizou pela primeira vez campos de concentração como tecnologia de extermínio contra os povos Herero e Nama, onde hoje se localiza a Namíbia. De acordo com pesquisadores o fato citado foi compreendido como “a semente do holocausto”<sup>9</sup>, ou seja, foi uma etapa de desenvolvimento para o que se compreende por nazismo. De acordo com Lerner,

[...] o período do "estabelecimento do patriarcado" não foi um "evento", mas um processo que se desenrolou durante um espaço de tempo de quase 2500 anos, de cerca de 3100 A 600 antes de Cristo. Aconteceu, mesmo no antigo Oriente próximo, em ritmo e momento diferentes, em sociedades distintas (LERNER, 2019, p.28).

“O Conto da Aia” foi inspirado em diversos acontecimentos históricos, assim como já mencionado pela autora em algumas entrevistas, conforme a concedida ao canal The View<sup>10</sup>, em que a autora diz “eu não criei nada”, referindo-se a inspiração em acontecimentos na história da humanidade. Gilead congrega uma série de violências que já aconteceram ou estão acontecendo no mundo, assim como a recente tomada de Cabul, no Afeganistão, pelo grupo Talibã, que acionou um movimento de fuga do país, consoante ao que ocorreu quando Gilead é instituído, mais um exemplo de necropolítica. Várias mulheres, na série e no filme, ao tentarem fugir são presas.

Mbembe (2016), sobre a necropolítica nos diz que “Aparecem formas de crueldade mais íntimas, sinistras e tranquilas” (p. 129). Em 2018<sup>11</sup>, Boaventura de Sousa Santos afirmou que o Brasil se tornava mais uma vez “zona de sacrifício” diante da vitória do necropresidente Jair Bolsonaro. A ideia de “zona de sacrifício” como uma fronteira abissal conceitua áreas e/ou populações vulneráveis ao

<sup>9</sup>O genocídio 'esquecido' da Alemanha na Namíbia, reconhecido após mais de um século. Disponível em: [youtube.com/watch?v=PlvjGGsLE3Y](https://youtube.com/watch?v=PlvjGGsLE3Y). Acesso 01 nov. 2021.

<sup>10</sup>Margaret Atwood Talks Real Life Gilead Events. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jyYLVeZlrO0>. Acesso em 01 out. 2021.

<sup>11</sup>Boaventura de Sousa Santos: “O Brasil será uma ‘zona de sacrifício’ na geopolítica dos EUA” Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2018/11/27/boaventura-de-sousa-santos-o-brasil-sera-uma-zona-de-sacrificio-na-geopolitica-dos-eua/> Acesso em 31 out. 2021.

massacre em nome do entretencimento das ideologias colonial, branco-patriarcal, cristológica e capitalista. Nesse sentido, mulheres, trans, travestis, lésbicas, gays, intersexo, não-binaries, diferentes, *bárbaros*, nativos do *novo mundo*, negros, orientais, árabes, populações do terceiro mundo ou de zonas de guerra e invasão do Norte, comunidades de favelas, povos originais e tradicionais, lideranças de movimentos sociais, ciganos, populações LGBTQQIA+...

O que terminou com os processos de independência do século XX foi uma forma específica de colonialismo, e não o colonialismo como modo de dominação. A forma que terminou foi o que se pode designar por colonialismo histórico caracterizado pela ocupação territorial estrangeira. Mas o modo de dominação colonial continuou sob outras formas. O colonialismo como modo de dominação assente na degradação ontológica das populações dominadas por razões etno-raciais está hoje tão vigente e violento como no passado. As populações e aos corpos racializados não é reconhecida a mesma dignidade humana que é atribuída aos que os dominam. São populações e corpos que, pese embora todas as declarações universais dos direitos humanos, são existencialmente considerados sub-humanos, seres inferiores na escala do ser, facilmente descartáveis. Foram concebidos como parte da paisagem das terras “descobertas” pelos conquistadores, terras que, apesar de habitadas por populações indígenas, foram consideradas como terras de ninguém. Foram também considerados como objetos de propriedade individual, de que é prova histórica a escravatura.

E continuam hoje a ser populações e corpos vítimas do racismo, da xenofobia, da expulsão das suas terras para abrir caminho aos megaprojetos mineiros e agroindustriais e à especulação imobiliária, da violência policial e das milícias paramilitares, do tráfico de pessoas e de órgãos, do trabalho escravo designado eufemisticamente como “trabalho análogo ao trabalho escravo”, da conversão das suas comunidades de rios cristalinos e florestas idílicas em infernos tóxicos de degradação ambiental. Vivem em zonas de sacrifício, a cada momento em risco de se transformarem em zonas de não-ser.

As novas formas de colonialismo são mais insidiosas porque ocorrem no âmago de relações sociais dominadas pelas ideologias do antirracismo, dos direitos humanos universais, da igualdade de todos perante a lei. O colonialismo insidioso é gasoso e evanescente, tão invasivo quanto evasivo, em suma, ardiloso. Mas nem por isso engana ou minora o sofrimento de quem é dele vítima na sua vida quotidiana. Floresce em *apartheids* sociais não institucionais mesmo que sistemáticos. Ocorre nas ruas e nas casas, nas prisões e nas universidades, nos supermercados e nas esquadras de polícia (SANTOS, 2018, S/P)<sup>12</sup>.

Em minha escrita e forma de analisar as adaptações da narrativa, direciono-me a uma prática pós-abissal, de respeito às diferenças, valorização dos saberes e entendimentos, pois compreendo com Santos que “o pensamento pós-abissal tem por premissa a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o

<sup>12</sup> **O colonialismo insidioso.** Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/O%20colonialismo%20insidioso\\_30Mar%C3%A7o2018.pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/O%20colonialismo%20insidioso_30Mar%C3%A7o2018.pdf) Acesso 31 out. 2021.

reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico” (2007, p. 85-86), de modo a concordar com a seguinte frase de Eco, “Posso até admitir que Eichmann acreditava sinceramente em sua missão, mas não posso dizer: ‘Ok, pode voltar e fazer tudo de novo’” (2019,p. 20).

Nessa direção, fazer uma análise dos nomes escolhidos por Atwood não só remete a prática necropolítica e genocida da diáspora e escravização de sequestrar, apagar histórias, desfazer famílias, silenciar línguas e nomear. Antes de receberem um nome patronímico (Of + nome do chefe da casa), as aias são identificadas por números, assim como as marthas de maneira explicitada no episódio 03 da 1ª temporada da série (THE HANDMAID’S TALE, 2017), em que Ofglen/Emily ao ser julgada por ter um caso com uma martha, é chamada pelo número 8967. A sonoridade de Offred é bem semelhante à palavra em inglês *Offered*, que também traz o sentido dúbio de oferenda. Um ponto a se discutir seria o de Of significar pertencimento e Off desligado, fora, que no início era meu entendimento ao ler o livro, já que ao duplicar a letra “F”, temos OFFred. Ou seja, além de ser a posse de alguém, a questão de June/Offred estar “desligada” de seu próprio pertencimento ecoava em minha mente. Para Certeau “O ato de nomear não é mais aqui (como alhures) a pintura de uma realidade; é um ato performativo que organiza o que enuncia” (2020, p.226).

Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de seu telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia (ATWOOD, 2017, p. 81-82).

Do mesmo modo como nos episódios crescentes de exploração do trabalho doméstico e domiciliar e da violência contra mulheres durante os enclausuramentos da pandemia, a narrativa das aias é de desumanização, descaracterização e domínio do patriarcado. Despossuídas de si mesmas, participam de cerimônias de concepção que ocorrem mensalmente durante o período fértil das aias, como disposto [na figura 7, página 4](#), e resistem, sobrevivem, seja sussurrando seus nomes originais, seja passando manteiga na pele formando as “pistas” (GINZBURG, 1989) que seguirei para compor uma dissertação sobre as marcas do patriarcado na sociedade e as formas plurais de resistência contra as opressões que são criadas

nas redes de solidariedades e conhecimentos cotidianas, múltiplas e multi-aderentes.

Ou seja, não são apenas os corpos que são roubados das aias, mas também seus nomes que remetem às suas identidades. Gilead, desta maneira, retira-lhes suas identidades as desumanizando e objetificando, já que a cada realocação as aias mudam de nome. E o que não tem nome pode vir a não existir, porque segundo Mbembe “A cada desaparecimento enfraquece a memória dos nomes, como se todas estas vidas fossem assuntos devidamente ordenados” (2017, p. 216). Daí, em um ato astucioso, no episódio 07 da 2ª temporada da série (THE HANDMAID’S TALE, 2018), June/Offred conta de forma sussurrada seu nome para as outras aias conforme aparece na [página 5, figura 8](#). O desenvolvimento do sussurro como astúcia (CERTEAU, 2020) também aparece na narrativa literária.

Aprendemos a sussurrar quase sem qualquer ruído. Na semiobscuridade podíamos esticar nossos braços, quando as Tias não estavam olhando, e tocar as mãos umas das outras sobre o espaço. Aprendemos a ler lábios, nossas cabeças deitadas coladas às camas, viradas para o lado, observando a boca umas das outras. Dessa maneira trocávamos nomes, de cama em cama: Alma. Janine. Dolores. Moira. June (ATWOOD, 2017, p. 12).

Como dito em outros momentos, “vivemos” “O Conto da Aia” e um exemplo que me marcou bastante foi o da então deputada Linda Brasil, que em uma *live* (SÜSSEKIND; RIBEIRO; BRASIL, 2021), disse que ao ingressar na universidade, teve que lutar bastante para se valer do direito de usar seu nome social, contudo uma das docentes recusou-se a fazer a alteração em sua pauta de maneira a alegar que escreveu o nome de Linda a lápis ao lado do nome de alguém que já não existe mais. Este relato me marcou, porque recordei-me da minha alfabetização, em que aprendi escrever a lápis, uma vez que poderia apagar o que escrevi. Este processo de usar lápis era uma forma de iniciar a escrita para então sermos obrigados a escrever de caneta a partir de um determinado ano no Ensino Fundamental.

Escrever a caneta remetia a uma preparação, como se nós, estudantes, não tivéssemos conhecimentos suficientes para os eternizarmos com uma caneta, que supostamente é permanente. Então, ao escrever o nome de Linda Brasil a lápis, penso que sua existência, não permanente, é passível de apagamento. Infelizmente ao pesquisar sobre Linda Brasil, descobri que vários sites têm artigos que se

referem a ela no gênero masculino, inclusive o Tribunal Regional Eleitoral de Sergipe, sugiro olhar a [figura 9, na página 5](#).

Nas adaptações da história, as personagens são representadas de maneiras diferentes. No livro e no filme, Offred é uma mulher jovem em relação a Serena Joy, que inclusive usa bengala, e a Fred Waterford, ambos descritos como estando na terceira idade. Já na série, Fred e Serena, aparentemente, têm idades próximas de da então protagonista, de forma a tornar o conflito entre essas duas mulheres, mais palpável e atraente para explorar a questão da procriação que à primeira vista é tão pungente para Serena. Fred é protagonista da história, sua família é o centro do Conto, sendo ele um dos fundadores e líderes de Gilead, casado com Serena Joy, sem filhos.

Importante ressaltar a existência de uma hierarquia CISnormativa dentro da organização social e também feminina, em que as esposas, por exemplo, podem infligir também punições contra as aias, seja de forma física ou psicológica, como quando Serena Joy, esposa de Fred Waterford, no episódio 03 da 1ª temporada da série (THE HANDMAID'S TALE, 2017), mantém Offred isolada em seu quarto por três semanas por ter menstruado, não concebendo de imediato após cerimônia mensal. Outro ponto é a exploração do trabalho reprodutivo (FEDERICI, 2019a) das marthas, em que as esposas escapam através do poder de comando, do poder de oprimir. Tal organização hierárquica pode oferecer interessantes termos para pensarmos as marcas da desigualdade, das múltiplas formas de violência e opressão, inclusive de gênero, que a pandemia evidenciou ainda mais e “a enorme violação da dignidade humana com essa classe trabalhadora” (DUARTE, 2020, p.78) em especial a classe de trabalhadoras domésticas que oscilam entre serem essenciais e descartáveis, sendo constantemente acusadas de transmitir coronavírus aos seus empregadores<sup>13</sup>.

Vale apontar que algumas críticas RadFem (Feministas Radicais) sugerem que a sociedade de Gilead aprisionou as mulheres para reprodução porque as esposas seriam transsexuais e, portanto, inférteis, visão com a qual não concordo. Também, merece registro, a narrativa de defensores das comunidades Trans,

---

<sup>13</sup>**Marido de Ivete Sangalo culpa cozinheira por infecção por Covid-19.** Disponível em: <https://www.opovo.com.br/coronavirus/2021/04/10/marido-de-ivete-sangalo-culpa-cozinheira-por-infeccao-por-covid-19.html>. Acesso em 10 abr. 2021.

Travestis, não-binários e intersexo de que a distopia de Atwood se mantém no campo da cisgeneridade, o que concordo, e se reforça na presença da categoria de “não-mulheres”, nas colônias.

No episódio 08 da 1ª temporada da série (THE HANDMAID’S TALE, 2017), o comandante Fred Waterford ao levar June/Offred, à Casa de Jezebel, lhe explica que as mulheres ali presentes não se adequaram à sociedade. A Casa de Jezebel também é uma opção para não serem enviadas às colônias. A cena citada também aparece no filme. Em conversa com June/Offred, Moira, sua amiga desde antes do regime de Gilead, ainda na primeira temporada, em referência a sua captura após uma fuga diz: “- Disseram que eu seria uma influência corruptora. Eu tinha a minha escolha, isto aqui ou as Colônias. Bem, merda, ninguém exceto uma freira escolheria as Colônias.” (THE HANDMAID’S TALE, 2017, T01E08). Moira, em relação à June/Offred, vai ocupar o extremo oposto da descartabilidade.

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isso porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (GONZALEZ, 2020, p. 83).

Moira, na série, é representada como uma mulher negra, enquanto no filme o elenco é majoritariamente, atrevo-me a dizer exclusivamente, branco como fica aparente na [figura 10, página 6](#). No livro não há a descrição de nenhum personagem negro. A palavra “negro” aparece no livro para elucidar o mercado clandestino dentro de Gilead como no seguinte trecho “Livros, escritos, objetos do mercado negro. Todas as coisas que não devemos ter” (ATWOOD, 2017, p.148).

Em uma reviravolta, o último capítulo do livro, intitulado “Notas Históricas”, abrange uma transcrição de um evento, o 12º Simpósio sobre Estudos Gileadeanos que faz parte da Convenção da Associação Histórica Internacional no ano de 2195. Mais especificamente, o final do livro foca em uma palestra que se chama “Problemas de Autenticação com Relação à O conto da aia”, de forma a mostrar que a narrativa surgiu a partir de fitas deixadas por Offred durante seu período de fuga. As fitas de Offred, assim como as cartas escritas pelas princesas Isabel e Leopoldina no século XIX (AGUIAR; VASCONCELOS, 2012, p.7) apresentam “várias peculiaridades e códigos a serem decifrados” e “às vezes consegue escapar

do contrato de escrita para o qual foi composta, sendo oferecida à leitura de terceiros” (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p.19).

Entendo as fitas de Offred de forma semelhante a que compreendo as cartas, dada às restrições que Gilead impunha as mulheres com as proibições de lerem e escreverem, portanto não permitindo que as mesmas fizessem registros. Contudo, através da burla, Offred faz um uso diferente de fitas antigas. Ela grava entre as músicas sua própria narrativa. “Afim, para que se guarda? Guarda-se para ter a vida reconhecida. Para testemunhar, reviver, eternizar” (MIGNOT, 2010, p. 15).

Esse aspecto da representação simbólica importava até mais do que a realização da transmissão. Por exemplo, o cristão da Idade Média imagina claramente a possibilidade de uma correspondência entre a Terra e o Céu. Diversas cartas mal se diferenciavam dos documentos oficiais. Outras, em contrapartida, como as “saudações”, aproximavam-se dos poemas epistolares e tinham valor estético. A profusão de formas na Idade Média, bem como sua complexidade, revela as inúmeras possibilidades abertas pela carta (HAROCHE-BOUZINAC, 2016, p. 28).

As cartas, as fitas, as fofocas compartilhadas que resistem as investidas do tempo, mexem com sua linearidade, podendo ser, portanto, distopia, além de mexer muitas vezes com as narrativas hegemônicas, porque ao contar sua história, abrir sua intimidade, mesmo que de maneira fragmentada, Offred põe em cheque o discurso patriarcal sobre a história das mulheres. Ela dá sua versão e se torna fonte histórica. Porque segundo Rubin, “não sofremos opressão apenas enquanto mulheres, nós a sofremos por termos que ser mulheres, assim como os homens são obrigados a ser homens” (1993, p.55), já que “os sistemas de sexo/gênero não são produtos não históricos da mente humana; são produtos da atividade humana histórica” (RUBIN, 1993, p. 56).

Um grande ponto é que o nome do departamento da Universidade de Denay, instituição que abriga o evento, chama-se “Departamento de Antropologia Caucasiana”, de modo a explicitar que a branquitude tornou-se um estudo de minorias. “Mas as classes trabalhadoras brancas, como se costuma dizer por aqui, eram repletas de mulheres como ela, de modo que isso não ajuda em nada” [na descoberta da identidade de Offred] (*Grifos meus*. ATWOOD, 2017, p. 359).

2.1. A catástrofe climática como justificativa para o uso de práticas e políticas fascistas.

Retornando a um dos olhares, a um dos pontos que a Atwood nos traz, como a catástrofe climática que nós vemos o tempo todo sendo discutido na mídia como, por exemplo, os incêndios no pantanal, no Mato Grosso do Sul, nos anos de 2020 e 2021, que no último ano consumiu 261,8 hectares<sup>14</sup>. Federici nos traz que:

[...] precisamos superar o estado constante de negação e irresponsabilidade no que se refere às consequências de nossas ações, resultantes das formas destrutivas nas quais a divisão social do trabalho é organizada no capitalismo; além disso, a produção de nossa vida torna-se inevitavelmente a produção da morte de outras pessoas. Como aponta Mies, a globalização piorou a crise, aumentando a distância entre o que é produzido e o que é consumido, intensificando, assim, apesar de um aparente aumento na interconexão global, nossa cegueira quanto ao sangue na comida que comemos, no petróleo que usamos, nas roupas que vestimos, nos computadores com os quais nos comunicamos (FEDERICI, 2019a, p.317).

A violência praticada contra as pessoas e contra a natureza, direcionadamente contra as minorias, faz parte, também, da violência que impõe currículos epistemicídas de apagamentos de saberes outros, que impõe uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Reforma do Ensino Médio, o *Homeschooling*, avaliações externas em larga escala que produzem e materializam dados, rankings, fracassos e que conseqüentemente promovem discursos de desvalorização da Escola Pública como uma instituição falida e incompetente. Portanto, defendemos com os currículos *pensados/praticados* que existem “conhecimentos aniquiladores, abissais, coloniais que precisam ser deslocados, desconstruídos, nas escolas, num movimento de produção de presença travesti, feminina, negra, pós-binária, múltipla” (SÜSSEKIND; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2020, p. 121-122).

As colônias não são tão exploradas na narrativa do livro quanto na série televisiva e não chegam a aparecer no filme, porém sua descrição como um lugar tóxico permanece nas três, na série aparece como na [figura 11, página 6](#). Como argumenta Mattos, as colônias “são um paralelo aos campos de concentração nazista: lá, as “não-mulheres” são tratadas como sub-humanos, e trabalham até sua aniquilação em ambientes inóspitos” (2020, p. 14). Ou seja, são lugares para despejar os indivíduos indesejados, debilitar a resistência de forma a reduzir os custos da produção do trabalho de limpeza do solo adoecido pela poluição.

<sup>14</sup>**Fogo consome 261,8 mil hectares do Pantanal em 2021; área devastada é maior que média histórica.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/08/23/fogo-consome-2618-mil-hectares-do-pantanal-em-2021-area-perdida-equivale-a-2-cidades-do-rio-de-janeiro.ghtml>. Acesso em 28 set. 2021.

As Colônias são onde as mulheres e “não-mulheres” são enviadas para morrer trabalhando em um solo totalmente adoecido, o que conseqüentemente gera a elas enfermidades. Em vários episódios são abordados como a pele delas vai se desgastando e como os dentes vão caindo, por exemplo, em uma situação de “morrer, estar ciente de sua morte, para viver com o sentimento de estar morrendo” (MBEMBE, 2016, p. 144).

[...] a destruição da vida humana em larga escala tem sido um componente estrutural do capitalismo [...] desde a sua criação como a contrapartida necessária da acumulação da força de trabalho, o que pressupõe um processo violento (FEDERICI, 2019a, p. 218).

Em relação às mulheres de Gilead, entendo, e trabalho com a hipótese de que, assim como analisa Mbembe ao falar da necropolítica, “quando seu valor e utilidade não são demonstrados, podem ser destituídas como escravos, peões ou clientes” (2016, p. 141). De forma que a misoginia é excesso de conhecimentos patriarcais e masculinos (SÜSSEKIND; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2020) que alimenta a ideologia patriarcal e sustenta estruturas de opressão que se sobrepõe como o racismo, o escravismo e o capitalismo.

A lógica cultural das categorias sociais ocidentais é baseada em uma ideologia do determinismo biológico: a concepção de que a biologia provê a racionalidade para a organização do mundo social. Assim, essa lógica cultural é na verdade uma “bio-lógica”. Categorias sociais como “mulher” são baseadas no corpo e são construídas em relação e em oposição a outra categoria: “homem”; a presença ou ausência de certos órgãos determina [nesse caso] a posição social (OYEWÚMÍ, 2018, p.297).

No mês de julho de 2021, minha orientadora e eu tivemos a experiência de visitar o Museu do Amanhã, localizado na Praça Mauá, Rio de Janeiro, que aborda de diferentes maneiras a ação humana na natureza. O museu alerta para mudanças climáticas de forma bastante interativa, contando também com atividades em que de forma ampla nos mostram o quanto consumimos e de quantos planetas precisaríamos para continuar consumindo da mesma forma, tendo em vista a “biocapacidade do planeta em fornecer e regenerar os recursos naturais que são consumidos pela humanidade” (MUSEU DO AMANHÃ, 2019, p. 42).

Por contar com um espaço bem amplo, há várias exposições dentro do museu, algumas são permanentes como no caso da exposição intitulada “Antropoceno”. Sugiro olhar a fotografia da miniatura da exposição ([Figura 12](#)) e a fotografia da exposição realizada dentro do museu ([Figura 13](#)), que a partir de

inúmeros dados acerca da ação humana sobre a Terra, discute a situação de destruição, extinção, consumo excessivo acarretando no esgotamento e produção exacerbada de lixo. De acordo com o site do Museu, “Antropoceno é um termo formulado por Paul Crutzen, Prêmio Nobel de Química de 1995. O prefixo grego “antropo significa humano; e o sufixo ‘ceno’ denota as eras geológicas”<sup>15</sup>.

O Antropoceno é o ponto central da exposição principal do museu. Sua combinação entre som e imagens tem a capacidade de fomentar nos visitantes diferentes sentimentos, sobretudo nas crianças menores, que tendem a ficar impressionadas com os fatos apresentados (MUSEU DO AMANHÃ, 2019, p.43).

Nessa discussão, Federici (2019) nos alerta sobre:

[...] o distanciamento entre a produção e a reprodução e o consumo nos leva a ignorar as condições sob as quais o que comemos ou vestimos, ou aquilo com que trabalhamos, foi produzido, seu custo ambiental e social e o destino da população sobre a qual o lixo que produzimos é despejado (p. 316-317).

Como trouxe anteriormente, o museu também contava com exposições temporárias tal qual “Coronaceno - Reflexões em tempos de pandemia”, sugiro olhar a fotografia retirada da/na exposição ([Figura 14](#)), que abordava como a ação do homem e a globalização propagou o vírus, além do isolamento social que segundo a revista Planeta, em 11 de dezembro de 2020<sup>16</sup>, ajudou na redução do uso de automóveis, por exemplo, e conseqüentemente na emissão de gases poluentes. Além de relembrar e homenagear profissionais que atuaram na linha de frente e das milhares de vidas perdidas.

A concepção da morte, para Hegel, está centrada em um conceito bipartido de negatividade. Primeiro, o ser humano nega a natureza (negação exteriorizada no seu esforço para reduzir a natureza a suas próprias necessidades); e, em segundo lugar, ele ou ela transforma o elemento negado por meio de trabalho e luta. Ao transformar a natureza, o ser humano cria um mundo; mas no processo, ele ou ela fica exposto(a) a sua própria negatividade (MBEMBE, 2016, p. 125).

2.2. Patriarcado branco: uma ideologia necessária à arquitetura da colonização, à estrutura da escravização e ao desenvolvimento do capitalismo.

<sup>15</sup> **Antropoceno.** Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/antropoceno>. Acesso em 10 set. 2021.

<sup>16</sup> **Pandemia e poluição: emissões mundiais de CO2 caem 7% em 2020.** Disponível em: <https://www.revistaplaneta.com.br/pandemia-e-poluicao-emissoes-mundiais-de-co2-caem-7-em-2020/>. Acesso em 10 out. 2021.

*O fato de [os deuses] mudarem de nomes (todo poder é toponímico e instaura a sua ordem de lugares dando nomes) nada tira essa força múltipla, insidiosa, móvel. Ela sobrevive aos avatares da grande história que os desbatiza e rebatiza (CERTEAU, 2020, p. 198)*

De acordo com Federici (2017), já no período feudal, as mulheres são tratadas como propriedades de homens “sob a autoridade de seus maridos e de seus pais” (p. 52), quando não sob a autoridade dos senhores que reivindicavam muitas vezes o direito (*iusprimae*) de se deitar com a esposa do servo na noite de núpcias (FEDERICI, 2017). Os senhores controlavam não apenas a divisão dos trabalhos como também angariavam impostos sobre a formação de famílias, melhor dizendo, angariavam imposto sobre o casamento de um servo que aumentava caso a esposa fosse de outro feudo (FEDERICI, 2017).

No século XV, nas cidades, após um grande movimento migratório, as mulheres distanciaram-se da tutela masculina, podendo viver sozinhas ou compartilhando a moradia com outras mulheres (FEDERICI, 2017) e quanto mais às mulheres ganhavam autonomia, mais chamavam atenção da Igreja Católica, de modo a receber sermões repreendendo sua “indisciplina” (CASAGRANDE, 1978 apud FEDERICI, 2017). Talvez esteja aí o início de uma reação misógina, cujas ondas perduram até os dias atuais.

Os hereges eram queimados aos milhares na fogueira e, para erradicar sua presença, o papa criou uma das instituições mais perversas jamais conhecidas na história da repressão estatal: a Santa Inquisição (VAUCHEZ, 1990, p. 162-170 apud FEDERICI, 2017, p. 69).

Seria numericamente acertado se os nomeássemos “as hereges”, visto que as mulheres (em suas pluralidades e multiplicidades) foram o alvo preferencial da Santa Inquisição, inclusive nas colônias. Conforme nos diz Byington, em prefácio do livro *O Martelo das Feiticeiras*, o “mito de solidariedade pôde ser tão deformado a ponto de produzir a Inquisição e o *Malleus*” (2020, p. 25), já que o “Demônio e as bruxas são a sombra patológica oriunda das distorções da mensagem de Cristo” (KRAMER; SPRENGER, 2020, p. 37). Atualizando essa afirmativa, temos hooks ao se referir aos fundamentalismos: “De fato, nenhum grupo demonizou mais as feministas do que os fundamentalistas religiosos de direita, que pediram e toleraram o assassinato de pensadoras feministas, principalmente aquelas que apoiavam os direitos reprodutivos das mulheres” (2020, p.154).

Não é atual a luta das mulheres pelos seus direitos reprodutivos, principalmente, em países que mesmo se autodenominando laicos, perpetuam fundamentos judaico-cristãos referentes à natalidade e papéis de gênero. Todavia, Federici afirma que “as mulheres tentavam controlar sua função reprodutiva, já que são numerosas as referências ao aborto e ao uso feminino de contraceptivos nos penitenciais” (FEDERICI, 2017, p.84). Como experiências que vivemos nas nossas vidas, como nos contam as aias, sempre houve resistências e modos de desobedecer, burlar, inverter, inventar outras artes de fazer pelas pessoas *fracas* em suas ações de “vitória do lugar sobre o tempo”, de insinuação fragmentária, e que “não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões” (CERTEAU, 2020, p. 45). Nesse estudo, portanto, venho trabalhando com a hipótese de que essas similaridades e contemporaneidades se retroalimentam e, inclusive comprovam a antecedência e precedência do patriarcado sobre outras tecnologias de dominação, conforme Federici (2017) e Lerner (2019) argumentam.

Deveria parecer significativo o fato de a caça às bruxas ter sido contemporânea ao processo de colonização e extermínio das populações do Novo Mundo, aos cercamentos ingleses, ao começo do tráfico de escravos, à promulgação das Leis Sangrentas contra vagabundos e mendigos (FEDERICI, 2017, p. 292-293).

Nesse sentido, trago uma percepção de que, entendendo a Necropolítica, a partir de Mbembe, estamos falando da construção de modelos de “estado de exceção e a relação de inimizade tornaram-se a base normativa do direito de matar” (2016, p. 128). Política esta que trabalha na criação de inimigos da nação, que para Stanley (2020), seriam “eles”, de forma que “tendemos a descrever as ações daqueles que consideramos como um de ‘nós’ de forma bem diferente da que usamos para descrever as ações daqueles que consideramos como ‘eles’” (p.115). Práticas políticas e culturais, além de uma associação entre estado, ideologia e burocracia, baseadas num profundo divisionismo, abissal, que se alimenta da permissão de desumanizar e acabar com as vidas de populações inteiras.

Definitivamente, esse debate exige marcar que essa construção da masculinidade e do patriarcado é branca (PINAR, 2020), que nessa equação o limite da precarização e desumanização é a mulher, a lésbica e a travesti, trans, bi negras. Não por não ser maximamente importante, mas por não ser o objeto desse estudo, deixamos apenas como pistas e texturas o debate necessário.

Ainda com Mbembe, que diz “qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravização, que pode ser considerada uma das primeiras instâncias da experimentação biopolítica” (2016, p. 130) e sobre tal afirmação, trago mais uma vez Lerner que explica que isso foi uma tecnologia/ideologia desenvolvida a partir do domínio sobre a capacidade reprodutiva de (algumas) mulheres:

[...] os homens aprenderam a instituir dominância e hierarquia sobre outras pessoas praticando antes a dominância sobre as mulheres do próprio grupo. Isso se manifestou na institucionalização da escravização, que começou com a escravização de mulheres dos grupos conquistados (LERNER, 2019, p. 29).

Já Mbembe traz que “de fato é, sobretudo nesses casos que a seleção de raças, a proibição de casamentos mistos, a esterilização forçada e até mesmo o extermínio dos povos vencidos foram inicialmente testados no mundo colonial” (2016, p.132), ou seja, novos mecanismos de extermínio e controle são criados para dar conta da miscigenação e/ou das diferenças.

A primeira coisa que a gente percebe nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice etc. e tal. Daí é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho sabe? Se não trabalha é malandro, e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha, pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (GONZALEZ, 2020, p. 78).

Ao pensar nas aias, ajudam Federici e Mbembe na busca do que é similar ao que era vivido pelas mulheres “negras nas *plantations* coloniais americanas, que, especialmente depois do fim do tráfico de escravos, em 1807, foram forçadas por seus senhores e se tornar criadoras de novos trabalhadores” (FEDERICI, 2017, p. 178), principalmente, por “sofrer a agonia de ver seus filhos levados embora e vendidos em leilão” (FEDERICI, 2017, p.178). Afirimo, então, que:

[...] este processo, que marcou a transição da perseguição à heresia para a caça às bruxas, a figura do herege se tornou cada vez mais, a de uma mulher, de forma que, no início do século XV, a bruxa se transformou no principal alvo da perseguição aos hereges (FEDERICI, 2017, p.86).

Apesar da crueldade da escravização e do rapto dos corpos, corpos<sup>17</sup> e corpos bem como suas liberdades, Mbembe traz a ideia da criação do ser ordinário quando diz:

Apesar do terror e da reclusão simbólica do escravo, ele ou ela desenvolve compreensões alternativas sobre o tempo, sobre o trabalho e sobre si mesmo. Esse é o segundo elemento paradoxal do mundo colonial como manifestação do estado de exceção (2006, p. 132).

Como tal, Gilead é o local que se vale da Necropolítica, dos controles e das garantias de suas próprias leis, tornando-se uma zona, onde a violência do estado de exceção alegadamente atua a serviço da civilização quase em extinção. Mbembe diz que “a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é” (2016, p. 135) e é sobre este poder que Gilead se funda.

O controle de corpos, aqui em foco os que têm útero, é tão grande que no ano de 2021 nos deparamos (ainda) com planos de saúde solicitando autorização de maridos para que uma mulher possa colocar DIU<sup>18</sup>, que é um método contraceptivo. Outra situação a citar são as exigências para a realização de uma laqueadura “de o interessado ter pelo menos dois filhos vivos para tomar a decisão, caso não tenha a idade mínima”<sup>19</sup> que, no caso, é de 25 anos. Além de que “a legislação vigente fixa prazo mínimo de 60 dias entre a manifestação da vontade e o ato cirúrgico, para que o cidadão seja aconselhado por equipe multidisciplinar, a fim de desencorajar a esterilização precoce”<sup>20</sup>. Seria a função uterina a de gerar filhos para a nação ainda vigente? Para Gilead sim, já que um útero saudável é a salvação da espécie humana, ou “função biológica”, segundo Fred Waterford no 5º episódio da 1ª temporada (THE HANDMAID’S TALE, 2017).

---

<sup>17</sup> Corpos é “território não essencializado como biológico reprodutor, binarizado e representado como feminino, cuja propriedade é europeia, branca e cis-heteropatriarcal” (SÜSSEKIND; GONÇALVES; OLIVEIRA, 2020, p.113)

<sup>18</sup> **Seguros de saúde exigem consentimento do marido para inserção do DIU em mulheres casadas.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/seguros-de-saude-exigem-consentimento-do-marido-para-insercao-do-diu-em-mulheres-casadas.shtml>. Acesso em 18 set. 2021.

<sup>19</sup> **Projeto flexibiliza regras para laqueadura e vasectomia.** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/691550-projeto-flexibiliza-regras-para-laqueadura-e%20vasectomia/>. Acesso em 18 set. 2021.

<sup>20</sup> **Projeto flexibiliza regras para laqueadura e vasectomia.** Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/691550-projeto-flexibiliza-regras-para-laqueadura-e%20vasectomia/>. Acesso em 18 set. 2021.

Na linha do que constrói, numa especulação científica, o romance de Atwood, mostra que historicamente as coisas mudaram drasticamente logo que o controle das mulheres sobre a reprodução começou a ser percebido como uma ameaça à estabilidade econômica e social, tal como ocorreu no período subsequente à catástrofe demográfica produzida pela Peste Bubônica, a praga apocalíptica que, entre 1347 e 1352, destruiu mais de um terço da população europeia (FEDERICI, 2017).

Utilizando o estudo de Federici, argumento que conforme as mulheres ganharam mais autonomia, no período feudal, suas vidas passaram a ser constantemente vigiadas e citadas em sermões dos padres que repreendiam suas indisciplinas (2019a), tal fato pode ser explicado, porque segundo Kramer e Sprenger (2020):

As mulheres possuem também memória fraca; e nelas a indisciplina é um vício natural: limitam-se a seguir seus impulsos sem qualquer senso do que é devido; e sua instrução segue a medida da sua indisciplina, pois muito pouco lhes é dado guardar na memória (2020, p. 126).

Eva foi a primeira mulher, ou melhor, a “primeira mulher sedutora” (KRAMER; SPRENGER, 2020, p. 123), criada para não deixar Adão sozinho no paraíso, que ao contrário da bem-aventurada Maria, a virgem, abusada durante o sono por um Deus homem, centralizador, patriarcal, vingativo que teve todo seu trabalho destruído pela primeira mulher. Maria torna-se exemplo de santidade, ao contrário das mulheres bruxas que deixam suas corpas serem tomadas por íncubos, com a permissão de Deus Todo Poderoso, enquanto dormem. “No Novo Testamento, há uma mudança do nome de Eva para Ave [...] e todo pecado de Eva é expungido pela bem-aventurança de Maria” (KRAMER; SPRENGER, 2020, p. 123).

É possível destacar o seguinte acontecimento, tanto no livro quanto na série, de culpabilização de Janine/Ofwarren, uma aia, que fez um aborto após ser estuprada aos quatorze anos de idade, e de punição do Deus Pai Todo Poderoso, assim como exposto na [figura 15, página 8](#).

— Mas de quem foi a culpa? — diz tia Helena, levantando um dedo roliço.  
 — Dela, foi dela, foi dela, foi dela, entoamos em uníssono.  
 — Quem os seduziu? Tia Helena sorri radiante, satisfeita conosco.  
 — Ela seduziu. Ela seduziu. Ela seduziu.  
 — Por que Deus permitiu que uma coisa tão terrível acontecesse?  
 — Para lhe ensinar uma lição. Para lhe ensinar uma lição. Para lhe ensinar uma lição (ATWOOD, 2017, p. 71).

Assim como aconteceu com Janine/Ofwarren, quando Deus se enfureceu, destruiu tudo em um grande dilúvio, mas antes salvou um homem, Noé, e pediu que este levasse consigo em uma arca um macho e uma fêmea de cada espécie para reproduzirem e repovoarem a Terra. “Então disse Deus a Noé: O fim de toda carne é vindo perante a minha face; porque a terra está cheia de violência; e eis que os desfarei com a terra” (Gênesis 6.13 *In: BÍBLIA SAGRADA, 1969*) e “Porque passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e desfarei de sobre a face da terra toda a substância que fiz” (Gênesis 7.4 *In: BÍBLIA SAGRADA, 1969*).

Na série, Serena Joy descobre que Fred deu um vestido do período antigo a June/Offred, pois encontrou resquícios de maquiagem no colarinho de uma de suas capas azuis, para que ela passasse por esposa para sair da casa à noite. Na escapada, Fred leva June/Offred a Casa de Jezebel ([figura 16](#)). Após descobrir a traição do marido, Serena direciona sua fúria a June/Offred a agredindo com um tapa tão forte que a faz bater com a cabeça contra o batente da porta, caindo logo em seguida na [figura 17, página 9](#). Serena arrasta June/Offred até o banheiro e lhe entrega um teste de gravidez, objeto proibido em Gilead, mas que confirma a gravidez da aia. Mais tarde, Serena espera Fred em sua sala de reuniões, área restrita para mulheres, ela o convida para jogar palavras-cruzadas, hábito secreto que Fred e Offred têm. Contudo, Fred diz a Serena que a lei não permite que eles joguem, já que ela não pode ler e/ou escrever. As pequenas violações da lei só reforçam o mecanismo de domínio do patriarcado distribuindo desigualmente privilégios e proteção

A Esposa diz a Fred que ele precisa manter suas mãos longe da aia e que precisa dar um jeito para se controlar, ele responde que ela trouxe de volta a luxúria, a tentação para a casa se deitando e se ajoelhando. Fred, em um grande complexo de Adão, diz “Se eu pequei, foi você que me levou a isso”. Serena rebate dizendo que Fred responde a Deus, que ouve do comandante que ela responde a ele, deixando bem claro seus poderes patriarcais de marido e comandante. No livro a cena é bem parecida, mas Serena não agride Offred.

— Veja — diz ela. Tira a mão livre de trás das costas. É sua capa longa que está segurando, a de inverno.

— Havia batom nela — diz. — Como pôde ser tão vulgar? Eu disse a ele...

— Ela deixa cair a capa, está segurando mais outra coisa, a mão é toda ossos. Ela atira aquilo no chão também. As lantejoulas de cor púrpura

caem, escorregando para baixo pelo degrau como escamas de serpente, rebrilhando na luz do sol.

— Pelas minhas costas — diz ela.

— Você poderia ter me deixado alguma coisa. — Será que ela o ama, afinal, apesar de tudo? Ela levanta a bengala. Penso que vai me bater, mas não bate.

— Apanhe essa coisa nojenta e vá para o seu quarto. É igualzinha à outra. Uma vadia. Vai acabar exatamente como ela (ATWOOD, 2017, p. 267).

São várias as incursões violentas contra as mulheres, sejam elas de qualquer categoria social dentro e fora do novo Estado. Em Gilead, Serena Joy, por exemplo, apanha de Fred por ter chamado uma Martha, que antes de Gilead era médica, para que esta salvasse a bebê de Janine/Ofwarren, teve também seu dedo mindinho amputado por ter lido a Bíblia diante de vários comandantes em um ato de reivindicar a permissão para leitura. Para Certeau (2020), isto ocorre porque:

Para que a lei se escreva sobre os corpos, deve haver um aparelho que mediatize a relação de uma com os outros. Desde os instrumentos de escarificação, de tatuagem e da iniciação primitiva até aos instrumentos da justiça (...) uma série de objetos destinados a gravar a força da lei sobre seu súdito, tatuá-lo para fazer dele uma demonstração da regra, produzir uma cópia que torne a norma legível (p. 211).

Emily/Ofglen, após ser denunciada por ter um relacionamento afetivo com uma martha é capturada e detida, como já mencionado. Ela é obrigada a assistir sua companheira ser enforcada, logo após ela sofre uma mutilação em sua genitália, como pena de redenção por ser uma traidora de gênero, tendo seu clitóris removido, pois segundo Tia Lydia “As coisas vão ser bem mais fáceis para você agora. Você não vai querer aquilo que não pode ter” [\(figura 18\)](#), no episódio 03 da 1ª temporada da série (THE HANDMAID’S TALE, 2017). Longe de incomum, a mutilação genital feminina (MGF):

incide num conjunto de práticas feitas por alguns grupos culturais, apresentando diferenciadas técnicas, estando sempre envolto de práticas bem antigas (datando de mais de seis mil anos) e também oriundas de religiosidades variadas. A prática é realizada em povos distintos e em diversos países. E perpetua até hoje (SILVA, 2021, p. 55).

Da mutilação genital a procedimentos invasivos no corpo da mulher no pós-parto ou para o prazer masculino como captura de tela retirada de uma rede social, sugiro olhar a [figura 19 na página 10](#).

— É um clube? — pergunto.

— Bem, é assim que chamamos, entre nós. O clube.

— Pensei que esse tipo de coisa fosse estritamente proibido.

— Bem, oficialmente, é — diz ele.

— Mas, afinal, todo mundo é humano. Espero que ele explique isso, mas não o faz, de modo que digo:

— O que isso significa?

— Significa que não se pode trapacear com a Natureza — diz ele. — A Natureza exige variedade para homens. É lógico, razoável, faz parte da estratégia de procriação. É o plano da Natureza. — Não digo nada, de modo que ele prossegue. — As mulheres sabem disso instintivamente. Por que elas compravam tantas roupas diferentes, nos velhos tempos? Para enganar os homens levando-os a pensar que eram várias mulheres diferentes. Uma nova a cada dia (ATWOOD, 2017, p. 220-221).

Muitas vezes as violências se mostram sutis, como quando empresas obrigam mulheres a usarem maquiagens para aparecerem mais “apresentáveis” para os clientes, pois não precisam perder a “feminilidade”. Nossa luta é tão grande e necessária que, chegamos a uma vitória, que é a condenação de uma empresa aérea<sup>21</sup> que obrigava suas funcionárias mulheres a usarem maquiagem, a se depilarem, fazerem as unhas e sobrancelhas. Federici questiona: “O fato de termos que nos preocupar com a nossa aparência no trabalho é uma condição laboral ou um resultado da vaidade feminina?” (2019a, p.50).

Como já afirmei, essas hierarquias de obediência e proteção, que acena com privilégios e propriedades divide não só as mulheres, mas também todas as outras pessoas, em suas múltiplas performatividades, reduzindo a sociedade a equação de: ser um patriarca ou não ser ninguém. Assim, na relação entre o comandante Waterford, a June/Offred e a Serena Joy, na série, existe uma hierarquia, mas não só entre os três, como também entre as duas mulheres, como já explicitado, que faz com que uma enfraqueça a outra, porém quando elas se aliam elas conseguem derrotar o comandante, como, por exemplo, quando elas se unem para tirar a bebê Nicole, filha de June/Offred e Nick, motorista dos Waterford<sup>22</sup>, após relação forçada por Serena Joy, de Gilead e mandá-la para o Canadá.

O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho (LERNER, 2019, P.17).

<sup>21</sup> **Gol é condenada a pagar maquiagem, manicure e depilação de funcionárias.** Disponível em: <https://exame.com/negocios/gol-e-condenada-a-pagar-maquiagem-manicure-e-depilacao-de-funcionarias/>. Acesso em 08 set. 2021

<sup>22</sup> Nick Blaine além de motorista também faz parte dos “Olhos”, sistema de controle de Gilead. Contudo, ele é fiel à família Waterford de forma a não denunciar os crimes puníveis de Fred e Serena para Gilead. Como argumento dentro deste trabalho, a presença de Nick reforça o patriarcado de Fred Waterford dando a ele privilégios, inclusive em relação ao domínio familiar, podendo ter um caso.

Nesse momento, quando elas se aliam, conseguem fazer uma *revolução subalterna* (PRECIADO, 2019a), só que na maior parte desse tempo, quando June/Offred luta para se manter viva, acaba enfraquecendo Serena Joy. O mesmo acontece ao contrário. Então se a proteção varia de uma para outra, a questão dos benefícios e malefícios também. A June/Offred pode morrer, enquanto a Serena Joy tem o dedo mindinho cortado, porque de acordo com Lerner (2019, p.30) "para as mulheres, a classe é mediada pelos seus vínculos sexuais com um homem, que então eles proporcionam acesso a recursos materiais".

São todas essas imagens e narrativas que me possibilitam ajustar a lente da pesquisa para olhar essas redes de solidariedade, portanto redes de resistência em relação a essa superposição de opressões que é o patriarcado, porque quando as redes de ódio são soberanas as redes de solidariedade nos fazem sobreviver. Lerner (2019) também fala que uma das violências contra a mulher, a mais primitiva delas, é a de manter a propriedade privada do homem sobre o direito reprodutivo da mulher.

Quando me vejo tratando desses deslocamentos abissais a ideia de um tempo linear acaba se perdendo, por isso "O Conto da Aia" não está no passado e nem no futuro, é uma maneira de se olhar o agora, nesse olhar para o agora, percebo o quanto a pandemia esgarçou as desigualdades de gênero e mais uma vez colocou as mulheres em uma posição vulnerabilizada, porque nós somos responsáveis por cuidar das crianças, cuidar dos idosos, trabalhar e cuidar do lar.

Quando membros da família cuidam dos mais velhos, as tarefas recaem principalmente sobre os ombros das mulheres, que, por meses, às vezes anos, vivem à beira da exaustão física e nervosa, consumidas pelo trabalho e pela responsabilidade de ter que oferecer cuidado e muitas vezes realizar procedimentos para os quais elas normalmente não estão preparadas (FEDERICI, 2019a, p. 261).

Recém falecida, hooks nos inspirou dizendo que "Ser membro de um grupo explorado não torna ninguém mais inclinado a resistir. Se assim fosse, todas as mulheres [...] teriam tido vontade de participar do movimento de mulheres" (2020, p. 137-138) ou que "até mesmo resistir a ele não significa que entendemos por que ele existe ou como mudá-lo" (hooks, 2020, p. 44). Isso se mostra evidente no episódio 5 da 1ª temporada da série (THE HANDMAID'S TALE, 2017), em que a nova Ofglen ao sair do Mercado com June/Offred diz que "Não vou deixar você me levar para o

buraco” em referência a ela ter conversado secretamente com Emily, que se tornou Ofsteven. A nova Ofglen continua:

— Eu fazia programa em becos para comprar drogas e um McLanche. Agora eu estou limpa, tenho um lugar seguro para dormir e pessoas que são muito boas para mim (...). E eu quero que continue assim. O que fizeram com Ofsteven não vai acontecer comigo (THE HANDMAID’S TALE, 2017, T01E05).

Ofmatthew, ou Natalie, uma aia, no episódio 7 da 3ª temporada (THE HANDMAID’S TALE, 2019), diz a June/Offred: “Tia Lydia me mandou ficar de olho para tentar te proteger [...] Eu salvei você. Nós salvamos você”, após ter denunciado, o que acarretou na sentença de morte por enforcamento, a Martha que cuidava da primeira filha de June/Offred, Hannah. Devemos nos lembrar de que não é porque todas essas mulheres estão na mesma situação de opressão, de certa forma, que isso significa que todas elas se voltarão contra o que está institucionalizado, ou seja, serão contra Gilead.

Entra aí a questão das conveniências, a Natalie/Ofmatthew mostra a conveniência dela, assim como outra aia quando diz que ela gosta daquela situação, porque no período anterior a Gilead ela vivia nas ruas, era usuária de drogas, então quando Gilead foi instituído, ela teve um lar, ela saiu das ruas e tinha o que comer. Segundo Certeau:

A conveniência é *grosso modo* comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse “preço a pagar” (saber “comportar-se”, ser “conveniente”), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana (2021, p. 37).

Ou:

A conveniência é simultaneamente o modo pelo qual se é percebido e o meio obrigatório de se permanecer submisso a ela: no fundo, ela exige que se evite toda dissonância no jogo dos comportamentos, e toda ruptura qualitativa na percepção do meio social (2021, p. 47).

Na primeira temporada, episódio 06, (THE HANDMAID’S TALE, 2017) logo após Fred voltar do México, onde coordenou uma delegação comercial, uma embaixadora do país visita Gilead e a casa dos Waterford. June/Offred direciona seu cumprimento ao homem e é surpreendida ao descobrir que uma mulher é embaixadora. A embaixadora, Castillo, pergunta sobre a posição “sagrada” de

June/Offred como aia e se foi a mesma que a escolheu. Aparentemente acuada, Offred responde que sim. Logo após, Serena Joy adentra a sala de estar para dizer que o jantar está servido, fazendo com que os demais se direcionem a sala de jantar onde há outras esposas e comandantes.

A Embaixadora, em meio ao jantar, questiona as esposas sobre o que elas acham sobre Gilead, o que causa desconforto entre os homens, uma das esposas responde, porém, Castillo, não satisfeita com o silêncio feminino, direciona então sua pergunta à Serena Joy que responde de maneira positiva. Ainda intrigada, ela continua e cita um trecho do livro *Lugar de Mulher* de publicação anterior a Gilead escrito por Serena Joy, em que diz “Nunca confunda a docilidade de uma mulher com fraqueza” (THE HANDMAID’S TALE, 2017, T01E06) e continua perguntando se Serena imaginava uma sociedade como Gilead, onde nenhuma mulher pode ler seu livro ou qualquer outro. Serena Joy responde que Deus pede sacrifícios.

Ainda no mesmo episódio, June/Offred encontra a Embaixadora Castillo a sós e revela que mentiu quando disse que era feliz por ter escolhido ser aia. Ela diz que todas as aias na verdade são prisioneiras e que se fugirem serão mortas ou agredidas e mutiladas, além de serem estupradas mensalmente, durante o período fértil. Cada aia é marcada com agulhão de gado para serem sinalizadas e conseqüentemente controladas. Offred pede que Castillo faça algo por ela e suas companheiras, ao que a Embaixadora diz que não pode fazer nada por elas e finaliza dizendo “Eu sou de Xipica, senhora Offred, é uma cidade muito boa, talvez do tamanho de Boston. Não há uma criança nascida viva em Xipica há seis anos. Meu país está morrendo” (THE HANDMAID’S TALE, 2017, T01E06). Os fins justificariam os meios? Deus exige sacrifícios para a perpetuação da espécie?

Stanley (2020) traz a questão dicotômica entre as cidades e o meio rural, onde este último agregaria uma comunidade conservadora em relação às cidades que, de acordo com o autor, são mais cosmopolitas, diversas e abrigam as diferenças. Encontramos nesse conservadorismo uma masculinidade performática no ódio, na aniquilação, como exemplificam a morte de aias, punições contra esposas desobedientes, violência contra marthas, em um processo de eliminação e domesticação dessas mulheres em uma tentativa de controle. Entendo que mais que a oposição campo-cidade, a questão mais relevante é pensar nas possibilidades de adesão a redes de solidariedade e seus conhecimentos de sororidade e resistência,

e, obviamente, as opressões sobrepostas não se revelam teoricamente, existem no local, abalroando as existências e aniquilando vidas.

Dessa forma, alimentando-se da ausência da *outra*, obcecada por uma mesmidade, a masculinidade odeia a *outridade*, numa forma feminina de alteridade, e provoca inexistência e ausência dos conhecimentos outros e plurais e, como consequência, admite sua aniquilação como pessoa (SÜSSEKIND; GONÇALVES JUNIOR; OLIVEIRA, 2020, p.121).

Pinar (2008) aborda a história bíblica da maldição que Noé coloca em seu neto Canaã, filho de Cam, por este último ter feito tão mal a seu pai, que este não pode perdoá-lo. O pesquisador ao levantar o questionamento sobre o que teria acontecido na tenda, enquanto Noé estava embriagado e nu, retoma tal fato usado como uma das justificativas para a escravização dos povos negros, pois, segundo ele “Cam (equivocadamente) tenha a conotação de ‘escuro’ no hebreu antigo” (PINAR, 2008, p.36) e a maldição remetia a escravização eterna de seus descendentes.

O pai repudiou o desejo de seu filho [...] porque ele violentou seu Status como “homem”, uma categoria que na sua formação patriarcal, requer aqueles que pediram isso, no sentido de afirmar uma ação, um poder, uma posse. Como um objeto de desejo do filho masculino [...], o edifício patriarcal ameaça ruir (PINAR, 2008, p. 37)]

Ainda de acordo com o autor, “Convertida em maldição, essa falta negada tornou-se alteridade, primeiramente generificada, mais tarde racializada. Nessa sequência, o gênero é o pai da raça” (2008, p. 37), de maneira a afirmar que foi a racionalização da alteridade de gênero que viabilizou a organização do comércio de escravos (PINAR, 2008). Estas afirmações conversam com as explicações de Lerner (2019), sugerindo que o primeiro teste de escravização foi feito por homens contra mulheres de sua própria tribo.

Aquela forma socialmente viciosa é a Maldição – não só a de Cam, mas a outra maldição: a servidão desses filhos que sublimam (que não olham, que fingem que ele -Noé – não está nu) e são recompensados com o Reino de Deus, aquele sistema patriarcal racializado em que não só as mulheres constituem “unidades de moeda corrente” em submissão “cortês” para homens que se imaginam brancos (PINAR, 2008, p. 40).

Como visto, anteriormente, a caça às bruxas foi um aperfeiçoamento da caça aos hereges, sendo, a caça aos judeus, também presente nesta mesma época e, em tempos anteriores e posteriores. Pinar (2008, p. 38) acerca da perseguição dos judeus durante a segunda Guerra Mundial aponta que “em contraste com a hipermasculinização euro-americana do corpo masculino afro-americano, europeus

feminizaram os judeus”. Os judeus de acordo com Federici (2017) eram obrigados a usar vestimentas de maneira a serem reconhecidos e humilhados desde muito antes.

O ataque sistemático a que os judeus foram submetidos a partir do século XII e a constante deterioração de seu estatuto legal e social nesse mesmo período [...] as novas regras de discriminação (por exemplo, o uso de roupa distintiva) que foram adotadas pelo clero contra eles, assim como sua expulsão da Inglaterra e da França (FEDERICI, 2017, p. 62).

Assumir que a masculinidade estaria desaparecendo, principalmente no final do século XIX com a “descoberta” da homossexualidade, significaria reconhecer que o poder patriarcal estaria fadado a ruína (PINAR, 2020). Uma maneira de se manter o poder é atacar mais forte seus inimigos, para que assim se preserve a virilidade. Pinar, em texto mais recente, retoma o medo da feminização por parte das mães ao educarem seus filhos homens, o que acarretou na recomendação da presença paterna na educação das crianças e na instituição dos currículos nacionais e políticas de controle sobre a docência.

Vários projetos foram pensados para valorização da família como meio de formação plena de um cidadão e base da nação moderna capitalista. Não à toa facilmente encontramos discursos direcionados a mães quando algo de ruim acontece com um menor de idade. Vejo esse ódio ir mais pesado quando direcionado a mães solo, marcadas como fracassadas no quesito educação, e no crescimento de experiências e políticas para o homeschooling.

[...] na crise da masculinidade branca no final do século XIX, engendrada por um medo racializado (ou desejo) pela potência fálica do homem negro e o pânico homofóbico relacionado, publicamente focado do medo da feminilização associado com a primazia das mães na criação e escolarização dos filhos. Nos anos 1920, tal medo foi centrado na alegada (mesmo que inadvertidamente) sabotagem das mães sobre a masculinidade dos meninos (particularmente os brancos) (PINAR, 2020, p. 84).

### **CAPÍTULO 3 - TÁTICAS, BURLAS, (RE)CRIAÇÕES COTIDIANAS EM GILEAD.**

Embora *sob os olhos Dele*, por meio de revoluções subalternas (PRECIADO, 2019a) e cotidianas, como uma festa de práticas, de “procedimentos multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos” (CERTEAU, 2020, p. 163) e, por vezes, desobedientes, de acordo com Certeau “[o] cotidiano se inventa de mil maneiras de *caça não autorizada*” (2020, p.38). A partir dessa visão, entendemos que apesar das mulheres de Gilead estarem em situações de vulnerabilidade diferenciadas, umas ainda mais vulneráveis, elas (re)criam, burlam e usam táticas para sobreviverem em cotidianos em que as violências se sobrepõem.

Posso dar como exemplo a situação em que Moira, no livro e na série, troca de roupa com uma das tias na tentativa de fugir ou quando participando de uma rede de resistência June/Offred se veste de martha para ter acesso a uma determinada parte da cidade, proibida para aias. Há também o conhecimento compartilhado das fazendas em que as aias fugitivas podem buscar abrigo, das mensagens escondidas na comida, dos gestos e silêncios que falam mais que palavras quando se está, todo tempo, *Sob Seus Olhos*. São essas ações, esses golpes astutos que trazem pequenas vitórias cotidianas.

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia (CERTEAU, 2020, p. 95).

Eco ao lembrar da sua biografia diz que “Muitos dos futuros membros da Resistência e dos futuros intelectuais do Partido Comunistas foram educados no GUF, a associação fascista dos estudantes universitários, que deveria ser o berço da nova cultura fascista” (2019, p. 37-38). Este relato explicita que por mais que haja uma intencionalidade em um tipo de Educação, Ensino, por exemplo, isso não significa que aqueles a quem se destinam serão meros receptores e reprodutores passivos. Assim se dá com as aias, que são constantemente punidas por comportamentos não condizentes com o esperado, mas que apesar dessa condição permanecem burlando cotidianamente.

Segundo Stanley, as universidades também têm sido locais onde as pessoas “subvertem a masculinidade e minam a família tradicional, apoiando estudos de gênero” (2020, p.55). Portanto, reafirmamos as (im)possibilidades de um currículo prescritivo (SÜSSEKIND, 2014a), sobretudo se tecido de cima para baixo, mesmo que imponha manuais, provas padronizadas, treinamentos e cursos com o objetivo de nos ensinarem uma prática docente que se diga melhor e eficiente, haverá dissenso sobre o que é melhor, e ainda, haverá golpes, invenções e revanches.

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é *representada* por uma arte. Na Instituição a servir se ensinou assim no estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral, isto é, uma economia do “*dom*” (de generosidades como revanche), uma estética de “*golpes*” (de operações de artistas) e uma ética de *tenacidade* (mil maneiras de negar à ordem estabelecida o estatuto de lei, de sentido ou fatalidade) (CERTEAU, 2020, p. 83).

Um exemplo muito importante para colocar nessas linhas é a da jovem Éden de 15 anos, personagem da série, que aparece na segunda temporada, e nasceu em Gilead e aparentemente compartilha dos pensamentos impostos pelo regime. Ela é prometida a Nick, o motorista da família Waterford, para tornar-se sua esposa. Contudo, ela se apaixona por um dos guardas, Isaac, e em uma manobra para escapar de Gilead foge com seu amado. Futuramente descobrem que Éden não apenas lia a Bíblia como também fazia anotações em suas páginas, ambas as ações proibidas às mulheres. Ou seja, por mais que Éden tenha nascido e sido criada dentro do regime já consolidado, nascendo *Sob Seus Olhos*, ela subverte os ensinamentos, mostrando-nos mais uma vez que não existe uma pura e simples doutrinação sem que o sujeito reflita e aja de acordo com suas possibilidades materiais, desejos, conveniências com seus pensamentos, (re)criações e invenções cotidianas, deslocando os quadros normativos para um entendimento de instrumentos manipuláveis pelos consumidores.

Como os utensílios, os provérbios ou outros discursos, são *marcados por* significam as *operações* de que foram objeto, operações relativas a situações e encaráveis como *modalizações* conjunturais do enunciado ou da prática; de modo mais lato, indicam, portanto, uma *historicidade* social na qual os sistemas de representações ou os procedimentos de fabricação não aparecem mais só como quadros normativos, mas como *instrumentos manipuláveis por usuários* (CERTEAU, 2020, p. 77-78).

De maneira a consolidar um lugar “seguro”, o mercado torna-se um lugar de encontro ([figura 20](#)), assim como nos diz Certeau no segundo volume do livro *A Invenção do Cotidiano* (2021) “Os mercados são lugares onde o ambiente social é muito pouco controlável por causa da extrema complexidade das relações aleatórias que aí se entre mesclam” (p.61).

[...] o pequeno estabelecimento comercial desempenha o papel de uma “casa de mulheres” onde aquilo que se convencionou chamar de “feminino” encontra o lugar de seu exercício: um bom bate-papo, notícias familiares, conversas sobre a gastronomia, a educação dos filhos etc. (CERTEAU, 2021, p.55).

Esses conhecimentos, formas de fazer e estar, são saberes femininos aprendidos e compartilhados entre essas mulheres, como forma de sobreviver, visto que o governo fascista de Gilead adota “formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror” (MBEMBE, 2016, p. 146). Ainda de acordo com Mbembe, “sob o necropoder, as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem” (2016, p. 146).

Essas “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural [...] as operações microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano (CERTEAU, 2020, p. 40- 41).

Mbembe, ao trazer Canetti, diz que, segundo o autor, “o sobrevivente é aquele que, tendo percorrido o caminho da morte, sabendo dos extermínios e permanecendo entre os que caíram, ainda está vivo” (2016, p. 142).

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo - às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (CERTEAU, 2020, p.96).

Rita, a martha dos Waterford, que atua em todas as tarefas domésticas de uma casa, exemplifica uma das possibilidades de se utilizar das táticas quando cozinha, de modo a ser percebido pela personagem principal no livro: “A coxa de uma galinha, cozida demais. É melhor que sangrenta, que é a outra maneira como ela faz. Rita tem maneiras de fazer seu ressentimento ser sentido. Uma batata cozida, ervilhas verdes, salada” (ATWOOD, 2017, p. 66), porque “as táticas do

consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2020, p. 44). Ainda dialogando com Certeau:

Aqui se teriam duas variantes de uma “maneira de fazer” a teoria das práticas. Como, por exemplo, uma maneira de cozinhar, ela pode exercer-se em circunstâncias e com interesses heterogêneos; e, ela também variou seus lances e seus bons ou maus jogadores; permite também que se deem golpes (2020, p.124).

Rita, que antes de Gilead era médica, em sua luta pela sobrevivência, por não poder expressar verbalmente ou com ações seus sentimentos e ser tratada como serva, sendo explorada a partir de todo trabalho doméstico da casa, pode ser olhada a partir de Federici, “É importante reconhecer que, quando falamos em trabalho doméstico, não estamos tratando de um trabalho como os outros, mas, sim, da manipulação mais disseminada e da violência mais sutil que o capitalismo já perpetuou” (2019a, p. 42). De modo a reafirmar esta ideia, hooks diz que “Quando as mulheres, em casa, dedicam todo o tempo a atender às necessidades dos outros, o lar é local de trabalho para ela, não é local de relaxamento, conforto e prazer” (2020, p.84).

[...] nós não percebemos a coisa ou a imagem inteira, percebemos sempre menos, percebemos apenas o que estamos interessados em perceber, ou melhor, o que temos interesse em perceber, devido a nossos interesses econômicos, nossas crenças ideológicas, nossas exigências psicológicas (Deleuze, 2007, p. 31 apud ALVES; CHAGAS; MENDONÇA, 2019, p.206).

Para percebermos as pistas que essas mulheres nos deixam, como migalhas no chão a serem seguidas, precisamos nos valer dos vestígios, pois “é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis” (GINZBURG, 1989, p.144). Ginzburg no livro *O queijo e os vermes* (2006), ao buscar pistas para entender o julgamento de Menocchio e em como ele conseguiu organizar para si as ideias que o levaram ao interrogatório, descobre que alguns “dados são significativos e apontam para uma rede de leitores que superam o obstáculo dos recursos financeiros exíguos, passando os livros de mão e mão” (p. 68). Com isto, reforço que atores ordinários subvertem, burlam, recriam e “Algo essencial se joga nessa *historicidade* cotidiana, indissociável da Existência dos sujeitos que são os atores e autores de operações conjunturais” (CERTEAU, 2020, p. 77). E “Sem sair do lugar onde tem que viver e que lhe impõem uma lei, ele aí instaura *pluralidade* e criatividade” (CERTEAU, 2020, p.87).

Ao contrário do seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões” (CERTEAU, 2020, p. 45).

Offred/June, assim como as marthas e sua rede de liderança, atua conforme enxerga oportunidades de golpear Gilead. Apesar de criar estratégias, ela se vale de táticas que segundo Certeau, “Em suma, a tática é a arte do fraco” (2020, p. 95). Em sua fraqueza, aproveita, inclusive, momentos em que apenas ela sabe de sua pequena vitória contra Gilead como na seguinte situação do livro:

E ela tem razão, sei disso agora enquanto estou ajoelhada neste chão inegavelmente duro, ouvindo a cerimônia monótona continuar. Há algo de poderoso em sussurrar obscenidades sobre aqueles que estão no poder. Há algo de delicioso nisso, algo de malicioso, secreto, proibido, estimulante. É como uma espécie de feitiço. Isso os esvazia, os reduz ao denominador comum onde se pode lidar com eles (ATWOOD, 2017, p.206).

### 3.1. Fofoca.

Então as palavras fazem a festa, tornam-se perigosas, capazes de desencadear o escândalo [...] vêm então perturbar o monumento rígido do bom comportamento, mostram as suas falsas janelas, revelam de modo insolente as rachaduras da soberba fachada por onde deslizam o vento fino do desejo, a tempestade da cobiça: separam com o dedo a carapuça que procede para deixar a nu, rindo, a sua nudez (CERTEAU, 2020, p. 67).

Nos cotidianos, a linguagem mostra-se fluida, ou seja, “a língua fluida é a que não pode ser contida no arcabouço dos sistemas e fórmulas [...]. Língua na qual convivem processos muito diferentes e cuja história é feita de fartura e movimento” (ORLANDI, 1988, p. 34 apud POMPEU, 2018, p. 87), porque as personagens ordinárias fazem diferentes usos (CERTEAU, 2020).

Desdobram-se, transmudam-se os modos de dizer. A relação palavra/coisa faz ruído, relação não coincidente entre si e nem perfeitamente ajustada. Outras formas vão estabelecer-se fazendo intervir, e ao mesmo tempo constituindo, a memória local (ORLANDI, 2005, p.29).

Elias e Scotson (2000) que fizeram uma das clássicas investigações sociológicas sobre problemas comunitários, num povoado industrial na Inglaterra no final dos anos 50, constatam que, entre *proud and blame gossip*, ou seja, fofocas elogiosas e estigmatizantes constroem-se dois mundos sociais diferentes que partilham de modo profundamente desigual à violência e o assassinato entre *estabelecidos e outsiders*. De acordo com Federici (2019b), o termo *gossip* era

aludido como “amiga próxima” e diante de uma série de perseguições misóginas acabou se transformando em “um termo que significa uma conversa fútil, maledicente [...] uma conversa que semearia a discórdia” (p.75), ou seja, transformou-se negativamente em “fofoca”, em crescente sentimento de ódio.

Imputar um sentido depreciativo a uma palavra que indicava amizade entre as mulheres ajudou a destruir a sociabilidade feminina que prevaleceu na Idade Média, quando a maioria das atividades executadas pelas mulheres era de natureza coletiva e, ao menos nas classes baixas, as mulheres formavam uma comunidade coesa (FEDERICI, 2019b, p.75).

Ainda em diálogo com Federici (2019b), ela nos diz que na Europa no período compreendido como a Era da Razão, mulheres eram punidas com focinheiras, sugiro olhar a [figura 21](#), “uma estrutura de ferro que circundava a cabeça, um bridão de cerca de cinco centímetros de comprimento e dois centímetros e meio de largura projetado para dentro da boca e voltado para baixo sobre a língua” (p. 81), e eram exibidas pelas ruas caso fossem acusadas de serem desbocadas. As vozes femininas eram cada vez mais silenciadas. Kramer e Sprenger (2020) dizem mais uma vez: “Consideremos outra de suas propriedades - a voz. Mentirosas por natureza” (p. 127). Ainda sobre a Inquisição, ficou conhecido através do clássico *Montaillou: uma aldeia de cátaros e católicos numa aldeia occitana (1294-1324)* de Emmanuel Le Roy Ladurie (1975) o quanto a transumância dos pastores, o isolamento sazonal nas montanhas, e as fofocas sobre a vida privada e a religião alimentaram a voracidade dos clérigos no extermínio de toda uma comunidade na região do Languedoc no sul da França. Tal qual Menocchio, os cátaros tinham uma interpretação bem inventiva dos textos bíblicos.

Quando June/Offred viaja com Serena e Fred, na série, durante a terceira temporada, eles vão para Washington promover uma campanha de apelo para terem a bebê Nicole de volta, após um suposto sequestro. June/Offred, ao chegar, observa que suas semelhantes, naquele estado, têm suas bocas cobertas como parte da vestimenta. Contudo, apenas ao tentar conversar com a aia da casa onde está hospedada com os Waterfords, que ela descobre que a mesma tem argolas em seus lábios, o que impede que ela fale, como exposto [na figura 4](#).

O medo da voz feminina, e não estamos falando de Gilead, era tão grande que decretos foram expedidos de modo que os maridos controlassem suas esposas em casa, na Europa do século XVII (FEDERICI, 2019b). Seria medo da coalizão feminina? Medo da partilha de informações, segredos, solidariedades? Como parte

da minha experiência de vida, compreendi cedo que o ato de compartilhar, conversar, fofocar com outras mulheres era muitas vezes fundamental para enxergar abusos desferidos por homens e, por vezes, arquitetar soluções de fuga. Elias e Scotson dizem que “As mulheres, em especial, pareciam vivenciar tudo o que aprendiam com as comunicações sobre o mundo externo em termos de seu próprio bairro” (2000, p. 96).

As amizades femininas forma um dos alvos da caça às bruxas, na medida em que, no desenrolar dos julgamentos, as mulheres acusadas foram forçadas, sob tortura, a denunciar umas às outras, amigas entregando amigas, filhas entregando mães (FEDERICI, 2019b, p. 83).

As mulheres eram acusadas de ser pouco razoáveis, vaidosas, selvagens, esbanjadoras. A língua feminina era especialmente culpável, considerada um instrumento de insubordinação. Porém, a principal vilã era a esposa desobediente, que, ao lado da “desbocada”, da “bruxa” e da “puta”, era o alvo favorito de dramaturgos, escritores populares e moralistas (FEDERICI, 2017, p. 202).

Segundo os inquisidores Kramer e Sprenger (2020) as mulheres são mais supersticiosas que os homens por três razões, a primeira é porque, nós mulheres somos mais crédulas, a segunda porque somos mais impressionáveis e propensas a receber influências espirituais e a terceira é porque somos “possuidoras de língua traiçoeira, não se abstêm de contar às suas amigas tudo o que aprendem através das artes do mal” (p.123). Ou seja, somos fofoqueiras.

Aqui abordo a fofoca a partir do entendimento com Certeau (2020), que as mulheres, em sua ordinariedade, podem subverter por meio da fofoca e torná-la meio de resistência e luta contra Gilead, como uma possibilidade curricular, uma conversa complicada que se encontra em “um fluxo constante [...] para manter o moinho em funcionamento” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 95). Certamente, as fofocas e sussurros garantiram que muitas palavras, ideias, penteados, histórias, canções, receitas e conhecimentos tivessem longa duração.

Ainda de acordo com Elias e Scotson, necessita-se de um nível organizacional alto para que a transmissão corra de ouvido a ouvido, porque os autores entendem que “A fofoca, em outras palavras, não é um fenômeno independente. O que é digno dele depende das normas e crenças coletivas e das relações comunitárias” (2000, p. 95). Quanto mais integrado, mais o grupo pode fofocar livremente, visto que os mexericos reforçam a coesão existente como o

seguinte exemplo, onde a troca dos nomes verdadeiros, pelas aias, é juramento de confiança.

Recebo um copinho, me inclino para o lado para passá-lo, e a mulher a meu lado diz baixinho em meu ouvido:

— Você está procurando por alguém?

— Moira — digo, em voz igualmente baixa. — Cabelo castanho, sardas.

— Não — diz a mulher. — Eu não conheço essa mulher, ela não esteve no Centro comigo, embora a tenha visto, fazendo compras. Ficarei de olho para você.

— E você é? — pergunto.

— Alma — diz ela. — Qual é seu nome verdadeiro? (ATWOOD, 2017, p. 116-117).

Podemos tomar como exemplo outro trecho do livro em que Ofglen repassa uma fofoca a Offred de maneira a integralizar esta última ao grupo de resistência chamado *Mayday*.

— Ouvi dizer que é aí que os Olhos realizam seus banquetes.

— Quem lhe disse? — pergunto. Não há ninguém por perto, podemos falar mais livremente, mas por hábito mantemos as vozes baixas.

— Uma das outras — diz ela. Faz uma pausa, olha para o lado, para mim, percebo o borrão de branco enquanto as abas se movem. — Há uma senha — diz.

— Uma senha? — pergunto. — Para quê?

— De modo que você saiba — diz ela. — Quem é e quem não é. Embora eu não possa ver de que utilidade será para mim saber, pergunto:

— Qual é?

— Mayday ou dia de maio — diz ela. — Experimentei com você uma vez. (ATWOOD, 2017, P.187).

A fofoca, no contexto da narrativa, longe de ser um simples ato de trocar boatos elogiosos ou maldosos, proporciona a criação de redes (de mulheres, ou de não-patriarcas) que trocam informações e conhecimentos para continuarem resistindo em Gilead, de maneira a não serem descobertas e punidas com a morte. Ela serve para alertar, organizar movimentos como em um jogo de xadrez em que elas são peões na linha de frente e que a qualquer momento podem ser aniquiladas e retiradas do tabuleiro.

Na série, 3ª temporada episódio 8, a fofoca dentro do grupo das aias aparece de modo punitivo, após Natalie/Ofmatthew delatar à martha da filha (Hannah) de June/Offred. Natalie ao mostrar sua conveniência com o sistema de Gilead faz com que as outras aias a enxerguem como traidora, acarretando assim em uma forma de punição durante o parto de Ofandy, em que não deixam que ela fale com a Offred, esbarrando propositalmente nela, cuspidando na água que ela beberia ou até mesmo derrubando objetos e a acusando de ser desajeitada.

Não importa o quanto Natalie/Ofmatthew defenda a ideia de que estava protegendo June/Offred, a fofoca, a informação compartilhada entre elas de que havia uma traidora,

reforçou e aprofundou o efeito que o caráter coletivo das fofocas de rejeição tem sobre o preconceito grupal, a discriminação grupal e as crenças neles encarnadas. Também aumentou sua rigidez, seu caráter axiomático e sua impermeabilidade aos argumentos contrários, baseados em realidades concretas (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 100).

Assim como uma rota de comércio ou uma rota clandestina, as fofocas fazem e criam percursos, histórias e consolidam grupos como quando, no livro, Ofglen diz: “— Você pode se juntar a nós — diz ela. — Nós? — digo. Então existem outras, existe um nós. Eu sabia. — Você não imaginou que eu fosse a única — diz ela” (ATWOOD, 2017, p.157). O compartilhar, aqui dito como fofoca, também traz esperança como no seguinte trecho:

Ofglen diz que algumas pessoas conseguiram escapar assim, fingindo ser judias. Mas que não foi fácil, por causa dos exames pelos quais eles as obrigavam a passar e que agora tornaram isso ainda mais rigoroso (ATWOOD, 2017, p. 186).

Para que as aias compartilhem saberes entre si, elas precisam fortalecer seus laços para adquirir confiança de que não serão traídas e entregues para as mãos punitivas de Gilead. Então, elas sussurram seus nomes antes de dormirem, no livro, ou dentro do mercado, na série, ou até mesmo trocam informações durante caminhadas, no filme.

## CAPÍTULO 4 – UMA CONVERSA SOBRE A PROVA PLATÔ.

Neste capítulo parto da ideia de ineditismo da Prova Platô, portanto, trago aqui teorias que alicerçaram seu desenvolvimento, assim como sua metodologia, que sofreu alterações ao longo dos anos, e brevemente pelos recortes de ódio e solidariedade que nos atravessaram durante os anos em que vimos realizando a prova. Seus desdobramentos e uso no primeiro semestre de 2021, deixo para discorrer no próximo capítulo.

As aulas pensadas e praticadas em formato de docência compartilhada (monitoria e grupo de pesquisa) têm possibilitado trocas de diversos saberes junto às turmas e seus estudantes que compartilham seus fluxos identitários, lutas e performances trans, cis, negros, pobres, vyados, beechas, travas, monas, manas, feminazis, ciganos, crentes, candomblecistas, católicos, todos em sua diferença, diversidade e adversidade, principalmente, por saberem que compreendemos suas falas como conversas que trazem pistas (GINZBURG, 1989), alegorias (SÜSSEKIND, 2007), historicidades e dissensos na criação curricular, que é singular-coletiva. Cultivando o dissenso, já que segundo Gallo “O consenso está instaurado quando, em nome da igualdade, a diferença é negada, apagada” (2008, p. 242).

Em meio aos debates teóricos e defesa dos registros curriculares a posteriori, como experiênciavida (SUSSEKIND, 2014a; 2017; SUSSEKIND, REIS, 2015), identificamos uma relevante insatisfação com os resultados e formatos que vínhamos utilizando nas avaliações dos estudantes nas *disciplinas* (que são academicamente chamados *componentes curriculares*) de Currículo, Didática e Introdução aos Conhecimentos Científicos na Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Foi então que a partir de 2016, como outra oportunidade de conversa, num semestre de Currículo, criamos a Prova Platô como prova final, mas sem a preocupação com nota, que guardasse anonimato e fizesse outros registros das conversas complicadas (PINAR, 2012 apud SÜSSEKIND, 2014b) que aconteciam nas criações cotidianas dos currículos nas salas de aula.

A docência compartilhada e a ecologia de saberes (SANTOS, 2008) na formação de professores exigem uma série de deslocamentos contra hegemônicos, por exemplo, em relação à imagem de docência, ao papel da escrita, a

preponderância do conhecimento científico, etc. Temos defendido com Santos que “A luta pela justiça social global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva global. Para ser bem-sucedida, esta luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal” (2007, p.10).

Assumindo que os estudantes são pessoas ordinárias, conforme nos diz Certeau (2020), que burlam, criam e recriam, por exemplo, e fazem múltiplos usos, em mundos de permanente e contínua invenção, que é o cotidiano, em sua riqueza e desobediência, a prova oferece às pessoas ordinárias a possibilidade de inverter, subverter, reverter e criar suas práticas e táticas. Ou seja, os estudantes, como pessoas comuns, ordinárias, em minhas observações junto à equipe do Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores/GPPF/UNIRIO, têm visto nessas provas uma oportunidade de expor anonimamente suas angústias, incômodos, ressentimentos, solidariedades e tudo o que naquele momento lhes aflora.

As conversas presentes nas provas são atravessadas, emboladas, nem sempre translúcidas e complicadas. Como cotidianistas (SÜSSEKIND, 2007; 2012), valorizamos nossos compromissos de fazer com os praticantes (CERTEAU, 2020), nos e dos chãos das salas de aulas e suas condições de protagonismo e autonomia na criação curricular. Percorrer as provas, como metodologia de pesquisa, é apostar em valorizar também nos indícios (GINZBURG, 1989) dos conhecimentos conversados por escrito entre estudantes, suas biografias, narrativas e criações.

As conversas são complicadas, porque estamos inseridos em um espaço rico de dissensos. Destarte, seja na pesquisa ou nas aulas, a ideia é enfrentar os silêncios que se mostram, em sua maioria, ensurdecidores. Na busca por ultrapassar as formas invisibilizadoras de pesquisar, assumo os currículos como criação cotidiana, de maneira a buscar o reconhecimento das múltiplas existências do que foi jogado para o outro lado da linha abissal (SANTOS, 2007).

[...] a conversa é uma metodologia que considera o acontecimento e a ordinariedade em suas potências e possibilidades quando enfrenta as obsessões pela estrutura, pela escritura e pelo decifrar. Conclui[mos] que, também na pesquisa, os conhecimentos produzidos não podem anular as experiências, as historicidades, as subjetividades, as localidades, os dissensos sob risco de praticarem e multiplicarem os epistemicídios do Norte (SÜSSEKIND, PELLEGRINI, 2016, p. 151-152).

Nós tivemos inspiração na escrita em platôs de Deleuze e Guattari (SÜSSEKIND; CARMO; NASCIMENTO, 2020), na conversa feita sob a forma de prova escrita, em folhas sem assinaturas, recorrentemente trocadas pelos estudantes. Não há perguntas, nem respostas, mas conversas. Apostamos nessa invenção metodológica para a pesquisa de campo como instrumento de captura das pluralidades dissensuosas que as redes de conhecimento significações multiplicam nas ocupações que criam e são criadas nos, dos e com os cotidianos. Segundo Sússekind, “o conhecimento curricular que se deseja democrático é deslocamento e conversa, é resistência permanente ao pensamento único, homogêneo, unívoco, uníssono, não é comum, é diferença e é dissenso” (2019, p. 92).

[...] o dissenso está intimamente ligado ao processo sensorial de dissonância ontológica e epistemológica, compreensão afetiva e cognitiva mais que a outras maneiras de ser e conhecer que não precisam ressoar com uma determinada comunidade ética para ser considerada de valor. Este é o potencial e o poder da dissonância, a possibilidade de inclusão de múltiplas perspectivas mesmo contrárias para formar um grupo amorfo e complexo sem a necessidade de reduzir a discussão apenas para aqueles com quem às perspectivas de alguém ressoam. (GERSHON, 2017, p. 373).

No desenvolvimento da Prova Platô, consideramos a ideia de reunir algumas teorias como, por exemplo, a teoria do *free writing* desenvolvida por Schneider (SÜSSEKIND; CARMO; NASCIMENTO, 2020), em que defendemos que escrever em curtos períodos de tempo e evitar fazer muitas revisões possibilita uma escrita mais livre, espontânea, sem a preocupação de formato e correção. Também, a ideia de Deleuze e Guattari de que os textos se comunicam e dentro deles mesmos formam platôs, em que seria mais uma contribuição metodológica para o desenvolvimento das provas platô como metodologia de pesquisa com os currículos. Pois, de muitas maneiras, os *leitores escritores* (ALVES, 2008) dos textos confluem ideias, as entrelaçam e rizomatizam de modo que quando cada um de nós lê os textos, podemos localizar platôs, cortes teóricos, epistemológicos, políticos, noções de currículo, conceitos de docência, ódio, solidariedade, etc, inventando outros textos naqueles que existem (CERTEAU, 2020).

Com apego às leituras de Bayard (2007), investiu-se na densidade teórica e textura autoral da prova, sustentando que todo texto ao ser lido é relido e filtrado por um livro interior, buscamos, com a proposta da prova platô, estimular as pessoas a conversarem também sobre as coisas que elas não leram. Com Bayard enunciemos que era preciso falar também sobre os livros que não lemos nas escritas

curriculares. Assim inventamos a prova platô (SÜSSEKIND, 2017) - uma produção individual, autoral, interativa, dialogada e coletiva - e usada como bússola para percorrermos os debates multidirecionais dos cursos e o aparecimento, mesmo na prova, de manifestações de solidariedade e antissolidariedade e a assunção de currículos de ódio, ressentimento e de banalização do mal (ARENDR, 1999). Sobre o livro interior Bayard nos diz:

Conjunto de representações míticas, coletivas ou individuais, que se interpõem entre o leitor e todo novo escrito e que interferem em sua leitura sem que ele saiba. Muito inconsciente, esse livro imaginário exerce função de filtro e determina a recepção de novos textos, decidindo quais dos seus elementos serão retidos e como serão interpretados. (BAYARD, 2007, p. 105).

Essa escrita em platôs nos apresenta uma forma pós-abissal de (re)pensar o contexto avaliativo, possibilitando aos estudantes uma escrita rizomática na medida em que redes vão sendo tecidas e atualizadas no papel, apropriando modelos padrões e convencionais de avaliação. Apostando no potencial de criação dos conhecimentos em redes, em que se tecem conversas que se dão e se originam na multiplicidade epistemológica de quem as praticam, demandando relações mais ecológicas.

A valorização dos saberes com a utilização de uma avaliação que os respeitem é uma posição política que visa lutar pela educação brasileira, pública, laica e democrática como um espaço de múltiplos conhecimentos. Tais conhecimentos aparecem nas margens, nos indícios, nas desobediências e a prova platô viabiliza esses atos, pois ao “pensar as escritas como lugar de diferença, emaranhados de eus, histórias, contextos, desejos” (SÜSSEKIND, 2017, p. 134) os valorizamos como indivíduos.

#### 4.1. A dinâmica da Prova Platô.

Como acontece a Prova Platô? Geralmente, ao final do curso, em sala de aula, os estudantes escrevem sobre um assunto de seu interesse em um determinado período de tempo que vamos alterando durante os registros. Quando o tempo se esgota eles, logo em seguida, trocam suas escritas passando suas folhas para o lado esquerdo a fim de que o outro possa continuar escrevendo, porém, a

próxima escrita não deve ser de maneira que busque completar a escrita anterior, mas sim seguindo os interesses que cada um teve durante as conversas e leituras, formando platôs. Ao final da tarefa era realizada a leitura de todo material em conjunto depois de ter sido comentada pela professora e monitora.

Inicialmente, em 2016, os estudantes recebiam folhas com recortes de textos, ou seja, platôs iniciais para que fizessem novos platôs a partir do que estava posto. No ano seguinte, abandonamos essa ideia entendendo que os próprios estudantes davam conta de fazer os platôs que iniciassem as conversas. A segunda alteração foi que até o primeiro semestre de 2018, compartilhávamos com os estudantes, via e-mail, o resultado. Contudo, a partir de então, não fizemos mais isso por conta de manifestações de ódio, racismo, misoginia, entre outras agressões e violências que tornariam arriscada sua divulgação mais ampla. Vale ressaltar mais uma vez que o anonimato é uma das principais características dessas escritas e por conta dele diferentes manifestações aparecem nas provas, o que tornou sua divulgação restrita apenas ao debate final com a turma.

A realização a cada final de semestre da Prova Platô tem nos proporcionado ler diferentes comentários dos estudantes, sendo eles tanto voltados para a solidariedade quanto para o ódio. O ódio mostrou-se bem evidente no segundo semestre de 2018, como já explicitado, em que o rancor aparece sem timidez, tais currículos de ódio vêm sendo tecidos através de experiências e interações contínuas entre sujeitos/atores cotidianos e “cada narrativa no seu encontro com o outro torna-se um devir, ou seja, não há como prever de que forma os relatos interferem nas redes” (SÜSSEKIND & REIS, 2015, p. 616).

A prova platô também possibilita aprendermos com os estudantes através de suas escritas livres, onde eles se sentem confortáveis para escrever da sua maneira, sem um julgamento prévio. Nossos estudantes sabem que tal avaliação tem como objetivo valorizar suas aprendizagens e não julgá-las em certas ou erradas. Acreditamos que seja de suma importância proporcionar aos mesmos, atividades mais democráticas, tendo a diferença como princípio enquanto se tecem platôs de conversas e escritas praticadas ao Sul.

Diante da pandemia de Covid-19 que vem assolando todo o mundo, junto a suas variantes, encontramos-nos no ano de 2020 em isolamento social que vem perdurando até os dias atuais. Em isolamento social, inúmeras entidades

educacionais acordaram em retomar as aulas de modo virtual através de plataformas online. A UNIRIO instituiu então o Ensino Remoto Emergencial<sup>23</sup> para atender as demandas de retorno às aulas. De modo virtual, nos deparamos com a necessidade de repensarmos nossas metodologias, principalmente a da Prova Platô que contava com a troca de folhas entre os estudantes. Para mantermos tal avaliação, recorreremos ao uso da ferramenta *Google Docs* que permite múltiplos acessos a um documento disponível online, além de nos possibilitar o controle de acesso e de disponibilidade do arquivo em acordo com as turmas.

Ou seja, adaptamos a Prova Platô em uma prova online, em que poderíamos disponibilizar virtualmente aos estudantes, mas que mantivesse um formato de conversa por escrito conquistando, inclusive, um formato de hipertexto com imagens, links e etc. Outro ponto importante foi que virtualmente, passamos a deixar a prova aberta durante uma semana, com isso conseguimos incluir aqueles estudantes que porventura não conseguiam chegar a Universidade no dia de realização da prova. Usamos também o instrumento do *Padlet*, de construção de murais coletivos de ideias, porém foi com o *Google Docs* para realização da Prova Platô e o *Google forms* para a realização da autoavaliação que se revelaram as plataformas mais congruentes ao período que enfrentamos.

#### 4.2. (Infelizmente) Um pouco do ódio.

Durante a prova platô, em 2018, os estudantes despiram-se e tornaram possíveis seus discursos, incluindo aqueles que expõem ódio. Ali, na prova, tiveram a coragem de dizer o implícito, mas que é quase palpável nos contextos, memes, nas estruturas sociais, aliás, é interessante observar que o não dito se transforma em um discurso de ódio possível de ser declamado e aceito por uma maioria esmagadora, vimos então o aparecimento de manifestações de ódio evocando

---

<sup>23</sup> O Ensino Remoto Emergencial (ERE), de acordo com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO trata-se de “Conjunto de atividades não presenciais a serem realizadas pela UNIRIO para o segmento discente”. Disponível em: <http://www.unirio.br/prae/copoe1/publicacoes/Ensino remoto.pdf>. Acesso em 29 out. 2021.

racismo, misoginia, entre outros. Contudo, Esse discurso não é novo, mas sua aceitação nos assustou e permanece nos assustando. Gallo (2008) explana que:

[...] quando odeio o outro, condenso nesse ódio minha aversão a todos os outros que não eu: o desejo de suprimir o outro é o desejo de eliminar todos os outros, de forma que eu possa ser suprema e plenamente livre, sem nada nem ninguém que possa limitar meus desejos e minhas ações (p. 235).

As políticas de conhecimentos que confluem com o ódio, em sua tentativa de controlar e homogeneizar os diferentes saberes, apagam as criações cotidianas e alimentam o tsunami neoliberal conservador (SÜSSEKIND, 2018). Tentando resistir a tantos ódios, conversamos sobre esses excessos de saber nas salas de aulas, pois pesquisar o cotidiano é bordar outras perspectivas e possibilidades para a solidariedade.

Creio não caber aqui as ofensas direcionadas a nossa equipe ou as escritas odiosas que compactuam com um governo eleito pelo ódio aos pobres, aos negros, as mulheres, aos índios, a natureza, ódio as mudanças e conquistas. Vimos aparecerem os debates curriculares trazendo as *fake news*, negacionismos, extinção do programa Bolsa Família, aumento da pobreza, fome, violências, dentre tantas mazelas que estamos enfrentando e vimos também dentro das universidades o rancor pelas mudanças e acolhimentos nos corpos docentes e discentes, ou melhor, vimos outras existências adentrarem a universidade, vimos cabelos cacheados, peles retintas, moradores da Baixada, religiosos de matrizes africanas, dentre tantos outros exemplos.

#### 4.3. Mas nem só de ódio sobrevive a humanidade.

O ódio choca-se com a solidariedade, e ao contrário do binarismo declarado, ambos estão interligados, o que nos leva a afirmação de hooks de que “as fronteiras são transpostas, as diferenças são confrontadas, a discussão acontece e a solidariedade surge” (2013, p. 174). A solidariedade, a busca pela justiça, pela reparação de erros históricos incomoda, pois abala as estruturas forçando uma reorganização das mesmas para atender as demandas democráticas.

A valorização de diferentes conhecimentos é uma posição política que visa lutar pela educação brasileira, pública, laica e democrática como um espaço de diferença, multiplicidade e pluralidade, inclusive de conhecimentos. Tais conhecimentos ocupam margens, indícios, silêncios, se inspiram nas desobediências e as Provas Platô viabilizam esses atos.

A partir das pistas de democracia e solidariedade, trazemos as criações cotidianas de currículos como prática de desarmadilhar o mundo em busca de mais solidariedade e na luta pela democracia. A solidariedade é, nessa perspectiva, uma teia de trocas democráticas entre diferentes, na qual ambos se enriquecem, por meio de reconhecimento mútuo e aprendizagens comuns e diferentes a partir do acesso a conhecimentos comuns diferentes (SÜSSEKIND, 2012; 2014b).

Solidariedade é também querer que o outro seja o outro, seja diferente, seja o que quer ser, porque segundo Couto (2011, p. 54), “é fácil sermos tolerantes com os que são diferentes. É um pouco mais difícil sermos solidários com os outros. Difícil é sermos outros, difícil mesmo é sermos os outros”. É possível ter esperança e (re)afirmar que a humanidade se mantém nos currículos de solidariedade.

Dia após dia, nós nos deparamos com uma extensão da humanidade que tenta sobreviver. São atos que resistem, dão de comer aos famintos, de beber aos sedentos, as mãos aqueles que se encontram caídos. Vemos filas para as doses de vacina contra a Covid-19 contrariando os discursos do presidente Bolsonaro que tenta apagar os rastros da ciência, da pesquisa, para desacreditá-las e esconder seu rastro de morte.

Ao nos deslocarmos, ou melhor, descentralizarmos o norte, partindo em direção ao Sul epistemológico (SANTOS, 2008), visamos enfrentar o desafio de “ensinar a escrita a conversar com a oralidade” (COUTO, 2011, p. 103), daí estimulamos os estudantes a contar, narrar, desenhar, bordar, escrever, analisar e representar seus eus. Portanto, abrimo-nos para a possibilidade de criar, de inventar, de construir novas formas de aprender ensinar.

Como já mencionado, o material da Prova Platô nos possibilitou desdobramentos na pesquisa como uma exposição que carinhosamente apelidamos de “Banherão” que percorreu o Brasil. Além da exposição, a seguir, abordo também a oficina intitulada “oficina O Conto da Aia” que tinha em seu planejamento a

realização da Prova Platô pelos estudantes no primeiro semestre de 2021, de maneira a dar destaque aos recortes feitos por eles.

## **CAPÍTULO 5 – SOBRE FAZER PESQUISA NO COTIDIANO: roteiro e trajetória.**

*Mas então, o que é escrever? Designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado (CERTEAU, 2020, p. 204).*

Por que me afastar de minha autobiografia se ela perpassa minhas escolhas para esta pesquisa e minhas experiências até certo ponto se fazem presentes nestas páginas? Pinar (2009, p. 152) diz que “potencialmente a autobiografia pode cruzar fronteiras entre escritor e leitor, porque retrata a causa não em termos abstratos e totalizantes, mas, antes, por meio de narrativas vívidas de experiência de vida”. Minha história me fortalece a cada palavra digitada, a cada texto lido e, principalmente, a cada posicionamento] teórico que tomo.

Esse reconhecimento da própria diferença, que uma autobiografia da alteridade testemunha, é pré-requisito para a apresentação da multivariada complexidade da experiência e da identidade. Ao fazê-lo, a autobiografia deixa claro que o Outro é outra pessoa (PINAR, 2009, p. 154).

Durante minha graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, fui monitora durante três anos, ou seja, mais da metade da minha formação, atuando majoritariamente nas disciplinas de Currículo e Didática. Durante esses três anos, as muitas aprendizagens me renderam um trabalho de conclusão de curso muito rico, em que eu conversava sobre as minhas experiências de hibridismo e deslocamento físico, material e mental.

Eu, que hoje, sou menos que a Lorena que chegou de Mesquita, porque agora sou universitária, menos que uma universitária, porque minha biografia não sai de mim, mas mais do que universitária, sou, portanto, menos que um e mais que o dobro (CARMO, 2019, p. 13).

### **5.1. Banherão.**

Em 2019, como resultado de pesquisa, apresentamos, inicialmente à comunidade da UNIRIO na IX semana de educação, uma exposição com banners

em formato de instalação que recebeu o nome de “Conversas na/da/com a formação: uma instalação curricular”, que trazia a estética dos banheiros para alegorizar o debate sobre essas escritas curriculares marginais, abissais, conversadas, desenhadas e rabiscadas, pois:

[...] pensamos uma instalação curricular onde capturassémos, das centenas de páginas de prova, desenhos, diálogos e narrativas que apontassem para dois temas mais urgentes e frequentes, principalmente, nos últimos três semestres: os currículos de ódio e os currículos de solidariedade (SÜSSEKIND, et al., 2019. p.10).

Essa exposição ocorreu no banheiro masculino do 4º andar do prédio do CCH, na Urca, Campus Praia Vermelha da UNIRIO, e depois ocupou mais de 10 banheiros diferentes em universidades, escolas, na 39ª RN ANPEd, e até em Manaus na Universidade do Estado do Amazonas/UEA. A escolha pelo banheiro dito masculino, e sua arquitetura peculiar, se deu por entendermos que é um ambiente nada hospitaleiro e, portanto, violento para aqueles que não seguem um padrão desejado de masculinidade. Então, esse espaço do banheiro masculino foi **transformado** em galeria através de uma estética de grafites e banners, de forma que os corpos que ali eram negados pudessem se fazer presentes.

Os banheiros públicos, por exemplo, instituições burguesas espalhadas pelas cidades europeias a partir do séc. 19, foram inicialmente pensados como espaços de gestão do lixo corporal nas cidades e converteram-se, progressivamente, em locais de policiamento de gênero (PRECIADO, 2019b, S/P).

Nos vimos diante de lutas diárias de pessoas que têm seus acessos negados aos banheiros, e quando o frequentam, fazem as suas burlas, sofrem constantes humilhações, violências, assédios. Nas escolas, a pesquisa de Alexsandro Rodrigues et. al. (2018) traz à urgência o tema das crianças viadas, desde muito pequenas, agredidas nos banheiros das escolas. E:

Assim como lemos nas portas e paredes dos banheiros da universidade, elementos estéticos, repetições, grafismos, que aparecem nas provas platô, tematizam diversas questões: racismo, feminismo, misoginia, ódios e solidariedades (SÜSSEKIND et al., 2019. p.9).

Colocamos papel higiênico e rolos pelos corredores, além de colocarmos dentro do banheiro também, de modo que os corpos, corpes e corpas passassem por treze banners para ler e observá-los naquele ambiente, muitas vezes hostil para muitas pessoas. O banner final da exposição era disponível com uma caneta para que elas pudessem desenhar, escrever, dentre outras possibilidade e, desta forma,

compartilhassem conosco suas impressões ou o que elas estavam sentindo naquele momento.

Nesses tempos em que a diferença tem sido caçada por pensamentos ultraconservadores, pesquisamos e escrevemos para resistir, empurrar, deslocar, as linhas abissais do capitalismo, da colonialidade, do CISheteropatriarcado, reconhecendo as redes de solidariedade para não só sobreviver, mas, viver (SÜSSEKIND; GONÇALVES JUNIOR; CARMO, 2020, S/P).

Sobre o acesso ao banheiro, uma notícia impacta, porque mostra que o “preconceito e falta de acesso a banheiros aumentam o risco de infecção urinária em pessoas trans” (MACHADO, 2019, S/P), e é uma questão de saúde pública muito importante a ser discutida. Na mesma reportagem, lê-se que:

Uma pesquisa realizada pela universidade da Califórnia identificou que 54% das pessoas transgênero entrevistadas tiveram problemas de saúde relacionados à falta de acesso a banheiros públicos, incluindo infecção urinária. Aproximadamente 70% tiveram dificuldade para utilizar os banheiros ou sofreram ofensas e ataques físicos nesses locais (MACHADO, 2019, S/P).

Negar o acesso aos banheiros, necessidade fisiológica básica, é uma violência muito grande, já que dentro desse lugar, como Paul Preciado já mostrou, há constante vigilância desses corpos, corpes e corpas, fazendo com que as pessoas transgêneras, travestis sejam barradas de acessar esses lugares. A questão do não acesso é extremamente problemática, como no caso de uma pessoa que trabalha em um shopping mais de oito horas por dia e não pode ir ao banheiro, por exemplo. As consequências para a saúde desse indivíduo, portanto, é uma questão de saúde pública e de Direitos Humanos, e, por isso, é assunto dos currículos da formação de professores. Em Pinar (2008, p. 42) “o currículo que esbocei aqui não vai ajudar a parir um ‘novo homem’, mas vai solicitar aos estudantes que encontrem sua própria alteridade, especularidade e falta”.

Deparei-me com outra notícia, em que diz “Travesti denuncia que foi impedida de usar o banheiro feminino em shopping de Maceió” (FARIAS, 2020, S/P), e um ano depois vemos que o segurança foi condenado e nunca pediu desculpas por tê-la barrado, ou a retirado do banheiro (MADEIRO, 2021, S/P). A pena foi definida em um ano e seis meses de reclusão, porém foi convertida em prestação de serviços comunitários e pagamento de 10 salários-mínimos. Assim, quantas e quantas “Lannas Hellens” não são expulsas de banheiros públicos? Ou, quantas “Lannas

Hellens” não acessam esses banheiros porque são impedidas ou assassinadas antes mesmo de chegarem aos 30 anos de idade?

Pensar sobre o patriarcado, o “Cistema” heteronormativo, me trouxe inúmeros questionamentos. Como, por exemplo, um homem transexual que ainda tem órgãos reprodutivos femininos, porque não consegue acesso a cirurgias de redesignação de gênero ou quando precisa provar que está ciente da sua escolha, de modo a passar por inúmeras entrevistas e acompanhamento psicológicos como se fosse um alerta para um possível arrependimento futuro que este indivíduo estaria fadado a sentir, faz exame preventivo? Como é ser chamado pelo nome social dentro de um consultório de ginecologia?

Um relato que gostaria de expor é o de um amigo trans que ao renovar a habilitação teve que escutar da atendente que o nome dele estava escrito errado, já que o nome que constava no documento era o nome de alguém que não existia mais. Ele teve que passar pelo constrangimento de explicar que o documento não havia sido corrigido para o nome social. Além deste relato ele também já me contou outros relacionados à documentação e a dificuldade de fazer alteração, de maneira que um banco bloqueou sua conta e o acusou de falsidade ideológica, como já trouxe no Capítulo 2 com a Vereadora Linda Brasil.

Meu amigo, um homem trans, negro, que todos os dias precisa sair para trabalhar em um aplicativo de transporte, além de temer em ser abordado, por que como pode um homem negro ter nome de mulher? Gilead do romance de ficção especulativa ou a “nossa Gilead cotidiana” têm inúmeras formas de colocá-lo no muro assim como colocou Dandara<sup>24</sup> em 2017. Em um tempo não muito distante, em 2019, ouvimos da ministra da mulher, família e Direitos Humanos, Damares Alves, que “menino veste azul e menina veste rosa”<sup>25</sup> este é um dos exemplos possíveis para demonstrar parte das criações do conservadorismo para reafirmar o patriarcado sobre determinismos contemporâneos, assim como a distinção de vestimenta para homens e mulheres ou até mesmo o uso de peruca e maquiagem.

Enquanto escrevo estas linhas penso em quantas/os/es amigas/os/es extremamente fortes carrego comigo sem poder compartilhar uma pequena

---

<sup>24</sup> Dandara Kettley, travesti, espancada e brutalmente assassinada a tiros aos 25 anos em 15 de fevereiro de 2017 no estado do Ceará. Cenas do crime foram gravadas e divulgadas na internet.

<sup>25</sup> **Damares Alves diz que ‘menino veste azul e menina veste rosa’**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q6X3-nXjmv4>. Acesso em 02 nov. 2021.

porcentagem de suas dores. Amigas e amigos trans, gays, lésbicas, bissexuais que têm medo de apanhar dos pais, de apanhar nas ruas, que têm medo de que descubram que são a outridade, já que “na moral burguesa, tudo o que não é reprodutivo é obsceno, antinatural, pervertido” (FEDERICI, 2019a, p. 57).

E essa divisão nos separa não apenas das outras mulheres como também de nós mesmas, em termos do que aceitamos ou não em nosso corpo e sentimentos, as partes “limpas” para serem exibidas e as partes “sujas”, “secretas”, que só podem ser mostradas (...) no leito conjugal, no ponto da produção (FEDERICI, 2019a, p. 57-58).

## 5.2. Oficina O Conto da Aia.

No primeiro semestre letivo de 2021, que ocorreu de forma remota de junho a outubro, elaboramos (junto com minha orientadora e convidadas) uma oficina de dois dias para cada uma das duas turmas de formação de professores da UNIRIO (ANEXO 3, p. 96-97), cujo nome era “Oficina O Conto da Aia”, de maneira que disponibilizamos os mesmos materiais da narrativa que utilizamos nessa pesquisa (livro, filme e série), além de uma unidade de currículos de gênero que contou com inúmeros autores como, por exemplo William Pinar, Marcio Caetano, Sara Wagner York, esta última foi uma das convidadas na oficina, mais precisamente no segundo dia em que conversamos sobre existências trans/travestis em um “Cistema” heteropatriarcal.

No primeiro dia da oficina, tivemos como convidada a professora Thamires Ribeiro de Mattos que se formou mestra com dissertação intitulada: “ABENÇOADO SEJA O FRUTO: UMA ANÁLISE DE THE HANDMAID’S TALE E O CONTO DA AIA À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS”. Nesse mesmo dia, tive oportunidade de apresentar pontos centrais da minha pesquisa em andamento de modo a compartilhar com os estudantes e aprender com eles em um diálogo aberto. Porque,

[...] as imagens e as narrativas (e sons de todo tipo) [...] são aqueles que ‘fazemos falar e perguntar por nós’ [...] como o ‘outro’ com que conversamos’, permanentemente, que nos vai colocando perguntas, que nos obriga a ‘fazerpensar’ para permitir ‘caminhar’ o pensamento e com os quais criamos ‘conhecimentossignificações’ com tudo o que vamos acumulando, organizando e articulando no desenvolver de nossas pesquisas com os cotidianos (ALVES; CHAGAS; MENDONÇA, 2019, p. 203).

Ainda neste primeiro dia de oficina, mostrei imagens, e citações para consolidar minhas questões e teorias (ANEXO 3.1.1, p. 98-106). Voltei no tempo com imagens que remetem séculos atrás, expressas em forma de esculturas ([figura 22](#)), com a intencionalidade de mostrar que semelhanças entre a narrativa e acontecimentos históricos não são meras coincidências, ao contrário, são questões históricas que perduram e subjagam as pessoas sob o patriarcado. Além de mostrar imagens da série que escolhi para conversar com os estudantes, entendendo que a imagem, assim como Certeau entende que o texto, “só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhes escapam” (2020, p. 242).

A pesquisa da professora Thamires de Mattos foi uma inspiração para a presente dissertação, apesar de terem abordagens diferentes. Todavia, foram e são essas diferenças e o diálogo entre elas que possibilitaram fazer outras defesas, outras leituras do material de “O Conto da Aia”. Mattos faz uma discussão a partir de análises da construção das cenas como, por exemplo, o aparecimento de flores em segundo plano para indicar a fertilidade de June/Offred na série.

O segundo dia, com Sara Wagner York, como convidada, fato mencionado anteriormente, é também muito importante para minha reflexão acerca dos estudos de gênero dentro de uma pluriversidade de possibilidades de ser/estar no mundo (ANEXO 3.1.2, p.107-114). Além de flexionar e reiterar a ideia de que o binarismo homem/mulher ou fêmea/macho não dá conta de outras existências como as travestis, transsexuais, etc. Com Sara York, aprendemos que as pessoas TRANSi(A)cionam suas existências e que muitas vezes pagam com seus corpos/as/es. Contudo, mesmo que enviem todas as pessoas trans, travestis, gays, etc. às colônias ou que as operem, elas ainda existirão em Gilead. E que por mais que haja o sentimento de ódio contra os comandantes, eles, como opressores, também são desumanizados, como visto no final da quarta temporada de “O Conto da Aia”, em que Fred Waterford é brutalmente assassinado.

A violência é patriarcal, a vingança, a punição e em uma conversa com uma grande amiga, ela me trouxe um dado importante para ilustrar isso, que é a maioria dos atentados ocorridos em escolas serem realizados por autores do sexo masculino. O que me levou ao seguinte artigo da revista Veja intitulado “Homens são

os grandes responsáveis por tiroteios em massa nos EUA”<sup>26</sup>. Esse diálogo tinha como tema principal o patriarcado e em como ele nos afeta como mulheres plurais, ou não-machos, diariamente, o que reforça a ideia de que mulheres aprenderem sobre violências com outras mulheres.

### 5.3. Diálogos com os estudantes na leitura da Prova Platô.

Neste subcapítulo, pretendo abordar as escritas das provas platô (ANEXO 3.2, p.115-132; ANEXO 3.3, p. 133-140) e relacionar com diálogos durante a oficina. Compreendo que no fazer da pesquisa, criam-se currículos e os resultados até onde espero cruzam fronteiras e deslocam modos paradigmáticos de pesquisar. Pesquiso buscando tessituras de redes de conhecimentos e solidariedades enredadas pelos usos e táticas das pessoas ordinárias em suas maneiras de fazer, dizer, conversar, focar nas possibilidades e usos que as circunstâncias oferecem (CERTEAU, 2020). Teço Conversas sobre gênero, raça, ódios, entre outras questões, enredando *prácticasteoriaspráticas* de resistência. Tais conversas, juntamente as escritas, fazem, portanto, parte dos resultados esperados para a investigação, tendo como perspectivas iniciais as subversões e potência do cotidiano defendendo o poder da criação da pessoa comum (CERTEAU, 2020).

Como dito no capítulo anterior, a prova precisou ser adaptada para o formato remoto, sendo realizada através da ferramenta gratuita *Google Docs*. Contando com um conteúdo riquíssimo de imagens e escritas, a partir da leitura da prova platô, destaco uma série de trechos que evidenciam os rizomas, onde os múltiplos singulares se encontram, porque nos rendem narrativas como: “Mano, falar sobre gênero e sexualidade sem tabu nenhum, preconceito e tratando essas temáticas como algo importante e que interfere diretamente o acesso e, sobretudo, a permanência dos estudantes foi algo que me transformou” (ANEXO 3.2, p.131).

Os currículos escorrem por entre nossos dedos, dada a impossibilidade de sua captura por completo, mas é possível admirá-lo e se sentir preenchido com

---

<sup>26</sup> **Homens são os grandes responsáveis por tiroteios em massa nos EUA**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/homens-sao-os-grandes-responsaveis-por-tiroteios-em-massa-nos-eua/>. Acesso em 07 out. 2021.

sentimentos de esperança, para “QUE AS CORPAS QUE ANUNCIAM E DENUNCIAM CURRÍCULOS EM DIFERENÇA, CONSTRUAM ESSE ESPAÇO, ATITUDES, CONVERSAS, AFETOS ABERTOS E COTIDIANOS” (ANEXO 3.2, p.117).

Essa dissertação é um esforço para dialogar com esses currículos, que muitas vezes emergem como práticas de solidariedade, de responsabilidade coletiva, de reconhecimento de outras práticas culturais e outros saberes.

Ao pensar sobre currículo a primeira coisa que vem em nossas mentes são os conteúdos que temos que dar conta ao longo do ano escolar. Porém, ao cursar a disciplina de currículo o que percebemos é a amplitude desse conceito e como limitamos nossa prática e nossa concepção a respeito do que é educação, escola e o papel social de ambas. Ao longo da disciplina pude perceber que o currículo está em tudo que nos cerca e que enquanto educadores estamos longe da neutralidade. Nenhuma escolha que fazemos é imparcial ou sem intenção. Precisamos estar atentos àquilo que naturalizamos e cristalizamos no nosso cotidiano escolar e procurar maneiras de romper e refletir sempre com nossos alunos sobre nosso dia a dia e o mundo que nos cerca (ANEXO 3.3, p. 140).

Pelo o amor de Obá que disciplina foi essa? Uma baita moca na cabeça pra gente ficar esperto e se ligar na responsabilidade que as licenciaturas carregam.

Quando me inscrevi na disciplina imaginei que seria abordado sobre as leis da formação do currículo, sei lá, uma coisa mais chata, entediante, que não dá nem um pingão de tesão, sem graça e mais do mesmo, sabe? PAGUEI COM A MALDITA DA LÍNGUA KKKKKKKK

Acho que vocês cutucam a ferida da responsabilidade que a escola, principalmente com o currículo, tem em manter todas as desigualdades que a gente vê por aí (ANEXO 3.2, p.130).

O investimento políticoepistemológico no (re)conhecimento do trabalho docente como criação intelectual e no direito do estudante a aprender na e com a diferença, impôs a pensar os conhecimentos no plural, considerando sua cotidianidade e possibilidade de usos (CERTEAU, 2020), na busca por práticas mais democráticas e solidárias com o “outro” nas múltiplas redes de sociabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muitas dificuldades e oportunidades para adaptar o material literário para a televisão. Ou seja, a série *The Handmaid's Tale* (O Conto da Aia) utiliza recursos do cenário e de detalhes mesclando elementos para levantar aspectos de raça, por exemplo, visto que Moira é apresentada como uma mulher negra na série e na literatura como uma mulher branca (MATTOS, 2020).

Representar o mundo *Sob os Olhos* do colonialismo, patriarcado e capitalismo, demarca formas de divisão, reduz os leques de possibilidades expressivas e acentua a dinâmica homogeneizadora que se coloca como capaz de dar conta de ver/ler/ouvir/ sentir o mundo (ALVES, 2008). Esse conhecimento dominante é o olhar que reduz, normaliza, prevê, regula, domina e legisla maneiras concretas de ser e de viver na sociedade, se habituou a olhar as pessoas como coisas e a guiar-se por um objetivo que é o seu próprio objetivo e não de quem se olha.

É preciso que, para além dos que se sentem seguros para saírem às ruas para protestar, os que ficam em casa tenham suas práticas de resistência contadas, pesquisadas e reconhecidas. Há resistência, criatividade até nos atos tidos como “fraqueza”. Permitir que o comandante a estupe por ser uma aia parece ser uma tática de sobrevivência, assim como o ato de permanecer junto a um companheiro que a agride pode ser a cruel escolha de dar um lar e comida aos filhos.

É necessária uma transformação na divisão social/sexual do trabalho e, acima de tudo, o reconhecimento do trabalho reprodutivo como trabalho, dando aos que o desempenham o direito à remuneração, de modo que os membros da família responsáveis pelo cuidado não sejam penalizados por fazerem esse trabalho (FEDERICI, 2019a, p. 273).

Como afirma Couto (2011, p. 23) “Estamos dispostos a denunciar injustiças quando são cometidas contra a nossa pessoa, o nosso grupo, a nossa etnia, a nossa religião. Estamos menos dispostos quando a injustiça é praticada contra os ‘outros’”. Portanto, precisamos garantir a existência do outro, reconhecendo-o em sua alteridade, para que nós também possamos existir.

Só dentro da estrutura de tal modelo é que se pode discernir o que uma pessoa como Mozart, envolvida por tal sociedade, era capaz de fazer enquanto indivíduo, e o que, não importa sua força, grandeza ou singularidade, não era capaz de fazer (ELIAS, 1995, p. 19 apud CAPUTO, 2001, p.3).

Há riscos ao deslocar as linhas de abissalidade (SANTOS, 2007) desenhadas por Gilead e enfrentar seus epistemicídios (SANTOS, 2018) cotidianamente sendo, portanto, um ato de bravura, assim como amar e/ou ser solidária a dor da outra. June/Offred se apaixonou por Nick, motorista da família Waterford, da mesma forma que foi solidária a dor de Janine/Ofwarren ao se separar da filha que deu à luz, entregando-a para a Esposa de seu comandante. Moira criou com Luke a filha de June/Offred e Nick, cuja concepção ocorreu forçadamente por Serena Joy que ansiava por ter um filho, para protegê-la, e a partir desta situação, afirmo que existem inúmeras realidades e arranjos familiares que são impossíveis de serem capturadas e/ou definidas em mundo vivo e inventivo ou nas teorias.

Uma mudança no próprio enredo criado por Atwood, no último capítulo do livro intitulado “Notas Históricas”, que em um grande *plot twist*<sup>27</sup> dá um salto temporal da narrativa alterando consequentemente seu narrador, a história desloca a relato da aia para um estudo historiográfico feito a partir de fitas que ela deixou após fugir. Gilead já não existe sendo objeto de estudo em uma Associação de Pesquisa e o planeta aparentemente já não sofre com o declínio da natureza. Tal reviravolta é um deslocamento, ilustrado pelo estudo historiográfico do período gileadiano, o estudo do caucasiano, que se tornou infértil, transforma-se no estudo e proteção de uma *minoría*. Aproximando, nesse final, da perspectiva de Eco, em seu livro O fascismo eterno (2019), quando alerta para as ideologias fascistas, que são perigosas, tendo em vista que ainda nos espreitam.

[...] embora os regimes políticos possam ser derrubados, e as ideologias, criticadas e destituídas de sua legitimidade, por trás de um regime e de sua ideologia há sempre um modo de pensar e de sentir, uma série de hábitos culturais, uma nebulosa de instintos obscuros e de pulsões insondáveis (p.23).

Finalizo a dissertação com a seguinte fala de Offred no episódio 09, 2ª temporada da série, que na situação de confinamento em seu quarto durante a gravidez, entendendo seus poucos privilégios como ter uma cadeira, possibilidade de ver a luz do sol e de até mesmo estar viva diz: “Não são coisas pequenas. Não são coisas que se deve menosprezar. Essas são as coisas possíveis entre meus poucos privilégios” (THE HANDMAID’S TALE, 2018), como um convite a resistência, esperança, solidariedade e desobediências em nossos cotidianos.

<sup>27</sup> Palavra em inglês que significa reviravolta no enredo. Disponível em: <https://www.yazigi.com.br/noticias/ingles/o-que-e-plot-twist>. Acesso em 09 maio 2021.

## REFERÊNCIAS

A DECADÊNCIA de uma espécie (THE HANDMAID'S TALE). Direção: Volker Schlöndorff. Intérpretes: Natasha Richardson; Elizabeth McGovern; Faye Dunaway e outros. Roteiro: Harold Pinter. Produtora: CinecomEntertainmentGroup Inc. 1990. 108min.

AGUIAR, J. V.; VASCONCELOS, M. C. C. "Meus caros paes": A educação das Princesas Isabel e Leopoldina. **Revista Educação em Questão**, v. 44, n. 30, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4079>. Acesso em 20 nov. 2021.

ALVES, N.; CHAGAS, C.; MENDONÇA, R. H. Usar filmes para fazer surgir modos de atuar nos currículos – migrações e cotidianos escolares. *In: Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. (Org). Curitiba: CRV, 2019, p. 199-211.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. *In: Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2008.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém, um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

ATWOOD, M. **O conto da aia**. Riode Janeiro: Rocco, 2017.

BAYARD, P. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CAETANO, M. et al. Apresentação: Educação e interseccionalidades: cartografias de um campo de saber. **Revista Interritórios**, v.6, n.10, p.01-07, 2020. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/342374718\\_Educacao\\_e\\_interseccionalidades\\_cartografias\\_de\\_um\\_campo\\_de\\_saber](https://www.researchgate.net/publication/342374718_Educacao_e_interseccionalidades_cartografias_de_um_campo_de_saber). Acesso em 05 mar. 2021

CAPUTO, S. G. Fotografia e pesquisa em diálogo sobre o olhar e a construção do objeto. **Revista Teias**, v. 2, n. 4, p. 10, 2001. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23898>. Acesso em 20 set. 2021.

CARMO, L. A. *ENTRE A DOCÊNCIA E A DISCÊNCIA: CONVERSAS, PROVAS PLATÔ E UM BANHERÃO – relatos de uma monitora do curso de pedagogia da Unirio, 2019*. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Tradução: Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12. Ed. 8ª reimpressão. Petrópolis: Vozes, 2021.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. Vol.1, 5ª reimpressão, 2020.

COUTO, M. **E se Obama fosse africano?**. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2011.

DUARTE, I. Empregadas domésticas, negras no cenário da pandemia: aspectos sobre vulnerabilidade. **Revista da SJRJ**, v. 24, n. 49, p. 75-92, 2020. Disponível em: <http://revistaauditorium.jfrj.jus.br/index.php/revistasjrij/article/view/441/279>. Acesso em 03 mar. 2021.

ECO, U. **O FASCISMO ETERNO**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2019. 5ª Edição.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIAS, M. Travesti denuncia que foi impedida de usar banheiro feminino em shopping de Maceió. G1 Alagoas. 04 Jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/01/04/travesti-denuncia-que-foi-impedida-de-usar-banheiro-feminino-em-shopping-de-maceio.ghtml>. Acesso em 17 ago. 2020.

FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019a.

FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2019b.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete Magalhães. "Currículo, cotidiano e conversações". **Revista e-curriculum**, PUC-SP. v. 9, n. 2, p. 1-17 maio/ago. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/10985>. Acesso em 23 ago 2019.

FIGUEIREDO, A. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Revista Tempo e Argumento**, v. 12, n. 29, p. 01-24, 2020. DOI: 10.5965/2175180312292020e0102. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180312292020e0102>. Acesso em 04 abr. 2021.

GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. *In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos*. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2008. p. 1-16.

GERSHON, W. S. A INQUIETANTE NOÇÃO DE RISCO: dissenso, dissonância e o fazer sentido para aprendizagem com estudantes. **Revista Espaço do Currículo**, v. 10, n. 3, p. 367-383. 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/322283747\\_A\\_inquietante\\_nocao\\_de\\_risco\\_dissenso\\_dissonancia\\_e\\_o\\_fazer\\_sentido\\_para\\_aprendizagem\\_com\\_estudantes/fulltext/5a50324eaca2725638c4edc2/322283747\\_A\\_inquietante\\_nocao\\_de\\_risco\\_dissenso\\_dissonancia\\_e\\_o\\_fazer\\_sentido\\_para\\_aprendizagem\\_com\\_estudantes.pdf](https://www.researchgate.net/publication/322283747_A_inquietante_nocao_de_risco_dissenso_dissonancia_e_o_fazer_sentido_para_aprendizagem_com_estudantes/fulltext/5a50324eaca2725638c4edc2/322283747_A_inquietante_nocao_de_risco_dissenso_dissonancia_e_o_fazer_sentido_para_aprendizagem_com_estudantes.pdf). Acesso em 01 dez 2021.

GINZBURG, C. SINAIS Raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, Emblemas e Sinais*. GINZBURG, C. São Paulo: Cia Letras, p. 143-179, 1989.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução: Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAROCHE-BOUZINAC, G. A carta, gênero menor?. *In*: **Escritas Epistolares**. HAROCHE-BOUZINAC, G. Tradução: Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 17-33. 2016.

HILÁRIO, L. C. Teoria crítica e literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de literatura: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras, Literatura Brasileira e Teoria Literária**, v. 18, n. 2, p. 201-215, 2013. Disponível em: <https://www.sumarios.org/artigo/teoria-cr%C3%ADtica-e-literatura-distopia-como-ferramenta-de-an%C3%A1lise-radical-da-modernidade>. Acesso em 01 out. 2021.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: BhuvilLibanio. 13ªed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

hooks, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. Tradução: Paulo Fróes; Marie Muraro; Carlos Byington. 5ª Ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2020.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução: Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 1ª Edição digital, 2019. eISBN:9788531615344.

MACHADO, R. Preconceito e falta de acesso a banheiros aumentam o risco de infecção urinária em pessoas trans. Drauzio Varella. 08 out. 2019. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/sexualidade/preconceito-e-falta-de-acesso-a-banheiros-aumentam-o-risco-de-infeccao-urinaria-em-pessoas-trans/>. Acesso em 10 jun. 2020.

MADEIRO, C. Segurança condenado: "Nunca pediu desculpa", diz trans barrada em banheiro. *Universa UOL*. 10 Jun. 2021 Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/10/trans-barrada-em-banheiro-de-shopping-transforma-dor-em-luta-contr-a-fome.htm>. Acesso em 10 jun. 2021.

MATTOS, T. R. *Abençoado seja o fruto: uma análise de The Handmaid's Tale e O Conto da Aia à luz dos Estudos Culturais*. 2020. recurso online (100 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/349269>. Acesso em 15 set. 2020.

MBEMBE, A. **CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA**. Ed. Antígona, Lisboa, 2017.

MBEMBE, A. Biopoder soberania estado de exceção política da morte. *Arte & Ensaio*. **Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em 20abr. 2021.

MIGNOT, A. C. V. **Armanda Álvaro Alberto**. Recife: Editora Massangana, 2010.

MUSEU DO AMANHÃ. **Meio ambiente e Diversidade - ENSINO FUNDAMENTAL I**. Rio de Janeiro: Museu do Amanhã. 2019. 50p.

OLIVEIRA, I. B. de. Currículo e processos de aprendizagem ensino: políticas práticas educacionais cotidianas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 3, p. 375-391, 2013. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss3articles/oliveira.pdf>. Acesso em 04 mar. 2021.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O Currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: DP&A, 2012.

ORLANDI, E. P. A língua brasileira. **Ciência e cultura**, v. 57, n. 2, p. 29-30, 2005. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200016&fbclid=IwAR31dK6gxbMmot1b\\_bpNnc2pcUjQOpqa0yLGdJrPQUqsWEGKlxKT6t1ioDQ](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200016&fbclid=IwAR31dK6gxbMmot1b_bpNnc2pcUjQOpqa0yLGdJrPQUqsWEGKlxKT6t1ioDQ). Acesso em 10 Mai. 2021.

OYEWÙMÍ, O; FREITAS NETO, L.; PINHO, O. Visualizando o corpo: Teorias ocidentais e sujeitos africanos. **Novos Olhares Sociais**, v. 1, n. 2, p. 294-317, 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/ojs/index.php/novosolharessociais/article/view/452>. Acesso em 18 Jun. 2020.

PIMENTA, A. *DA DOCÊNCIA DE BERMUDAS (usos de MÁQUINAS DE GUERRA em salas de aula na luta contra os epistemicídios)*. 2018. Recurso online (98p.) Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, RJ. Disponível em <<http://www.unirio.br/ppgedu/DissertaoPPGEduAlanPimenta.pdf>> Acesso em 04 mai. 2021.

PINAR, W. PUNK'D. *In: Queer(i)zando currículos e educação*. RODRIGUES, Alexsandro; CAETANO, Marcio; SOARES, Maria da Conceição Silva (Orgs). 1ª Ed. Salvador: Editora Devires, 2020. p. 62-92.

PINAR, W. Multiculturalismo malicioso. **Currículo sem fronteiras**, v. 9, n. 2, p. 149-168, 2009. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2009/vol9/no2/9.pdf>. Acesso em 03 mai. 2021.

PINAR, W. O corpo do pai e a raça do filho: Noé, Schreber e a maldição do pacto. **Revista Brasileira de Educação**, v.13, n. 37, p. 35-44, 2008. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782008000100004&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782008000100004&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em 03 mai. 2021.

POMPEU, D. B. A. LULA E A LÍNGUA FLUIDA–UMA RELAÇÃO POLÍTICA. **Revista Fórum Identidades**, ano 12, v 26, n16. 2018. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/issue/view/655>. Acesso em 13 Mai. 2021.

PRECIADO, P. Ser trans é cruzar uma fronteira política. 2019a. Disponível em<[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743\\_132497.ht](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743_132497.ht)> Acesso em 10 abr. 2020.

PRECIADO, P. Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019b. ISSN: 2316-8102. Disponível em: <https://performatus.com.br/traducoes/lixo-e-genero/>. Acesso em: 20 Dez. 2019.

RODRIGUES, Alexsandro et al. No entre-lugar da criança (des) viada e (des) avisada: A língua afiada corta e nos faz crianças. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 9, p. 192-213, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25646/16112>. Acesso em 01 nov. 2021.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a economia política dos sexos. Recife: SOS Corpo, 1993.

SANTOS, B. S. O Norte, o Sul e a utopia. *In*: **Construindo as Epistemologias do Sul**: Antologia Esencial. SANTOS, B. S; MENESES, M. P. Volume I: Para um pensamento alternativo de alternativas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018. p.145-222.

SANTOS, B. S. Ecologia de saberes. *In*: **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. SANTOS, B. S. São Paulo: Cortez, 2008. p. 137-165

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 79, p. 3-46. 2007. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004). Acesso em 30 set. 2019.

SILVA, N. D. Reflexões sobre Direitos Humanos e Geografia Cultural: o caso da mutilação genital feminina. **Revista Verde Grande**: Geografia e Interdisciplinaridade, v. 3, n. 01, p. 53-67, 2021. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande/article/view/3816/3840>. Acesso em 20 set. 2021.

STANLEY, J. **COMO FUNCIONA O FASCISMO**: A política do “nós” e “eles”. Tradução: Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2020.

SÜSSEKIND, M. L.; RIBEIRO, M. A. S; BRASIL, L. LGBTfobia, Internet e Educação LADOC de ideias. Canal do LADOC UFS no Youtube, 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=37OfBJV8Ukk&list=PLTwsf4rtGJhWWmehWsDzUKj1FOFr6nRYc&index=9>. Acesso em 10 de out. 2021

SÜSSEKIND, M. L.; GONÇALVES JUNIOR, S. W. P.; OLIVEIRA, L. T. A. MONSTRAS E CURRÍCULO DE GÊNERO AO SUL DE MAPLE ST. *In: Queer(i)zando Currículo e Educação: narrativas do encontro*. RODRIGUES, Alexandro; CAETANO, Marcio; SOARES, Maria da Conceição Silva (ORGs). 1ª Edição. Salvador: Editora Devires, 2020. p. 109-128.

SUSSEKIND, M. L. ; YORK, S. W. ;CARMO, L. A. . - Quem vai ao banheiro é o que? - É gente. **REVISTA COLETIVA FUNDAJ**, v. 12, p. 01-05, 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencas-e-n12>. Acesso em 15 jul. 2021

SÜSSEKIND, M. L.; PIMENTA, A.; FERREIRA, D. A. DA BANALIDADE DO ÓDIO: A ESCURIDÃO DO ESPELHO EM QUE NOS MIRAMOS. **Communitas**, v. 4, n. 7, p. 19-33, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/2792>. Acesso em 17 jul. 2021.

SÜSSEKIND, M. L.; REIS, G. R. F. S.; PEREIRA, F. Parasita (s), contaminados, invisíveis, abissais. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 37, n. 2, p. 487-509, 2020. Disponível em: <https://seer.furg.br/remea/article/view/11331>. Acesso em 30 mar. 2021.

SÜSSEKIND, M. L.; CARMO, L. A.; NASCIMENTO, S. D. L. 'Alfinetar': currículos, ódios e gêneros. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/c6h7sWF7qd8SbkyNhskcCnj/?lang=pt>. Acesso em 08 out. 2021.

SÜSSEKIND, M. L. et. al. Da conversa à prova platô ao banheirão Relatos de uma pesquisa nos/dos/com os cotidianos à captura de escritas curriculares. (Trabalho Encomendado GT 12- Currículo/ANPEd). 2019.

SUSSEKIND, M. L.; PAVAN, R. Outras metodologias e outras epistemologias: pesquisas com currículos a caminho de bacurau. **Revista Teias**, v. 20, n. 59, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/47485. Acesso em 18 jan. 2020.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o “novo” Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Retratos da Escola**, 2019, v.13, n. 25: 91-107. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/980/pdf>. Acesso em 20 de out. 2019.

SÜSSEKIND, M. L. “Educação em Pauta”. **Revista da ADCPII** [online], ano V, n. 1, ago. 2018. Disponível em: [http://adcpii.com.br/wp-content/uploads/2018/07/ebook\\_revista\\_6.pdf](http://adcpii.com.br/wp-content/uploads/2018/07/ebook_revista_6.pdf). Acesso em 20 ago. 2019.

SÜSSEKIND, M. L. O que aconteceu na aula? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública. **Revista Teias**, v. 18, n. 51, p. 134-148, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/30506/22825>. Acesso em 18 out. 2019.

SÜSSEKIND, M. L.; PELLEGRINI, R. “Não existe pecado do lado de baixo do Equador”: políticas de currículo, direito à educação e as escritas nunca escritas. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. especial, set./dez. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/Juvenal/Desktop/NAO\\_EXISTE\\_PECADO\\_DO\\_LADO\\_DE\\_BAI\\_XO\\_D\\_O\\_EQUADOR\\_poli.pdf](file:///C:/Users/Juvenal/Desktop/NAO_EXISTE_PECADO_DO_LADO_DE_BAI_XO_D_O_EQUADOR_poli.pdf). Acesso em 15 set. 2020.

SÜSSEKIND, M. L.; LONTRA, V. Narrativas como travessias curriculares: Sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. **Roteiro**, v. 41, n. 1, p. 87-108, 2016. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/299403602\\_NARRATIVAS\\_COMO\\_TRAVESSIAS\\_CURRICULARES\\_SOBRE\\_ALGUNS\\_USOS\\_DA\\_PESQUISA\\_NA1\\_FORMACAO\\_DE\\_PROFESSORES](https://www.researchgate.net/publication/299403602_NARRATIVAS_COMO_TRAVESSIAS_CURRICULARES_SOBRE_ALGUNS_USOS_DA_PESQUISA_NA1_FORMACAO_DE_PROFESSORES). Acesso em 05 mar. 2021.

SÜSSEKIND, M. L.; REIS, G. F. S. “Currículos como experiências vividas: um relato de embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro”. **Currículo sem Fronteiras** [online], v. 15, n. 3, p. 614-625, dez. 2015. Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/sussekind-reis.pdf>. Acesso em 18 ago. 2019

SÜSSEKIND, M. L. As (im)possibilidades de uma base comum nacional. **E-curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p.1512-1529, 2014a. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/21667/15917>. Acesso em 15 jul. 2020.

SÜSSEKIND, M L. **Quem é William F. Pinar**. Petrópolis: de Petrus Et Alii, 2014b.

SÜSSEKIND, M. L. “O ineditismo dos estudos nos/dos/com os cotidianos: currículos e formação de professores, relatos e conversas em uma escola pública do município do Rio de Janeiro, Brasil”. **E-curriculum** [online], São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1-21, ago. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/766/76623546007.pdf>. ISSN 1809-3876. Acesso em 26 mai. 2019.

SÜSSEKIND, M. L. *Teatro de Ações: arqueologia dos estudos nos/dos/com os cotidianos – relatos de práticas pedagógicas emancipatórias*, 235f. Tese, UERJ, RJ, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp093504.pdf>. Acesso em: 10 Ago. 2021.

THE HANDSMAID’S tale. Direção: Reed Morano, Mike Barker et al. Produção: Margaret Atwood, Bruce Miller, Dorothy Fortenberry et al. Toronto: Daniel Wilson Productions Inc et al. 2017-2020. 4 temporadas (47- 60min), son., color., 35 mm.

TOMMASELLI, G. C. G. NECROPOLÍTICA, RACISMO E GOVERNO BOLSONARO. **Revista Caderno Prudentino de Geografia**, São Paulo, v.4, n.42, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7868>. Acesso em 01 mai. 2021.

## ANEXO 1 – LISTA DE PRODUTOS INTELECTUAIS.

Publicações	
Artigo	SÚSSEKIND, M. L.; CARMO, L. A.; NASCIMENTO, S. D. L. 'Alfinetar': currículos, ódios e gêneros. <b>Revista Estudos Feministas</b> , v. 28, 2020. Disponível em: <a href="https://www.scielo.br/j/ref/a/c6h7sWF7qd8SbkyNhskcCnj/?lang=pt">https://www.scielo.br/j/ref/a/c6h7sWF7qd8SbkyNhskcCnj/?lang=pt</a> . Acesso 08 out. 2021.
	SUSSEKIND, M. L.; YORK, S. W.; CARMO, L. A. - Quem vai ao banheiro é o que? - É gente. <b>REVISTA COLETIVA FUNDAJ</b> , v. 12, p. 01-05, 2020. Disponível em: <a href="https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencas-e-n12">https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencas-e-n12</a>
	ALMEIDA, C.B.; CARMO, L. A. Os usos da imprensa: as representações sobre o movimento estudantil em contextos de luta pela democracia. <b>REVISTA EDUCAÇÃO PÚBLICA (RIO DE JANEIRO)</b> , v. 18, p. 01-10, 2018. Disponível em: <a href="https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/9/os-usos-da-imprensa-as-representaes-sobre-o-movimento-estudantil-em-contextos-de-luta-pela-democracia">https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/9/os-usos-da-imprensa-as-representaes-sobre-o-movimento-estudantil-em-contextos-de-luta-pela-democracia</a>
Capítulo de livro publicado	SUSSEKIND, M. L.; MASSENA, E.P.; AMADOR, E. A.; CARMO, L. A. ; PASTANA, F.; ANGRIZANI, L.; PORTO, M.; REIS, M. S. A ESCRITA PRA MIM NUNCA FOI UM LUGAR DE EMANCIPAÇÃO: conversas, escritas e currículos ao Sul. <i>In</i> : Lúcia Gracia Ferreira. (Org.). <b>Docência, currículo e formação: experiências, perspectivas e desafios</b> . 1ed. Curitiba: CRV, 2017, p. 95-117.
Resumo Expandido	CARMO, L. A.; SILVA, I. O CONTO DA AIA: RESISTÊNCIAS, BURLAS E TÁTICAS. <i>In</i> : a <b>40ª Reunião Nacional da Associação Nacional de PósGraduação e Pesquisa em Educação - ANPEd</b> , 2021, Belém. Anais das Reuniões Nacionais da ANPEd. Rio de Janeiro: ANPEd, 2021. p. 1-5.

## 1.1. Comprovantes de publicações

### Dossiê Inflexões feministas e agenda de lutas no Brasil contemporâneo

#### 'Alfinetar': currículos, ódios e gêneros

Maria Luiza Sússekind<sup>1</sup>  0000-0002-7296-615X

Lorena Azevedo do Carmo<sup>1</sup>  0000-0002-8110-8560

Stephanie Duarte Láu do Nascimento<sup>1</sup>  0000-0002-3432-8106

<sup>1</sup>Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.  
22290-240 – ppg\_edu@unirio.br



**Resumo:** O artigo parte da reclamação feita por uma pessoa, estudante do curso de Pedagogia/Licenciaturas numa universidade pública, na prova final, na qual alega sentir-se 'alfinetada' em seu modo de pensar e existir pelas conversas realizadas durante as aulas. O 'alfinetar' é capturado e usado como bússola para percorrermos os debates que aconteceram nas aulas. Nesse manuscrito, os fios dessas redes de conhecimentos e teorias curriculares exibem nós de preconceitos e ódios contra quem não é seu 'próximo', assumindo o desejo de aniquilação do outro e de apagamento da diferença. Concluímos que é possível apontar relações entre as conversas complicadas travadas nas aulas e provas e o contexto do tsunami neoliberal global de fortes tendências conservadoras.

**Palavras-chave:** currículo; tsunami; ódio; conversa.

#### 'Pinning': Curricula, Hatred and Gender

**Abstract:** The article takes a complaint made by a student of the Teaching Education Program of a public university, claiming of being 'pinned' in their way of thinking and existing within the class conversations. The idea of being 'pinned' is captured and used as a compass to navigate the debates that take place in class. In this manuscript, the threads of these networks of knowledge exhibit prejudice and hatred against those who are not 'close', assuming the desire to annihilate the other and erase the difference. We conclude that it is possible to point out relations between complicated conversations held in class and tests in the context of global neoliberal tsunami of strong conservative tendencies.

**Key words:** Curriculum; Tsunami; Hatred; Conversation.

#### Introdução

Entender os currículos como criação cotidiana é assumir que estudantes são pessoas

# Educação e Diferenças e...

n.º 12 | 02 de março de 2020

Editores Temáticos: Alik Wunder e  
Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

[Anteriores](#)

Curta 59

Compartilhar

- Quem vai ao banheiro é o que?  
- É gente. [1]

Maria Luiza Sússekind  
Sara Wagner York  
Lorena Azevedo do Carmo

Entre rolos de papel higiênico, ódios e solidariedades, à captura das intervenções em nossa intervenção, currículos nos escorrem pelas mãos. Apostando conhecer nos fluxos e deslocamentos, fazendo com coletivos-singulares complicados e implicados nas conversas, no ano de 2019, decidimos apresentar os resultados de nossas investigações, também, sob uma estética de ocupação. Organizamos a Intervenção Curricular na qual bricolamos, em 13 banners e uma gravação, alguns rastros das escritas produzidas pelos estudantes, e montamos no banheiro masculino [2]. Tessituras de múltiplos sentidos de currículos que apareceram nas escritas de final de semestre, como palimpsesto, rascunhavam as cartografias das abissalidades habitantes dos conhecimentos curriculares, das políticas educacionais, e nas arquiteturas sociais e edificadas. Anteriormente, argumentamos no sentido de entender que



ISSN: 1984-6290  
B3 em ensino - Qualis, Capes  
DOI: 10.18264/REP

## Os usos da imprensa: as representações sobre o movimento estudantil em contextos de luta pela democracia

Lorena Azevedo do Carmo

*Graduada em História (Faculdade Fernanda Bicchieri/Fabel), graduanda de Pedagogia (União)*

Cíntia Borges de Almeida

*Doutora em Educação (ProPEd/UERJ), professora na Licenciatura de História e Pedagogia e na Pós-Graduação em Gestão Integrada da Educação (Faculdade Fernanda Bicchieri/Fabel)*

Uma pergunta que não quer calar: qual o papel, qual a importância da imprensa na divulgação do movimento estudantil, frente às políticas educacionais enfrentadas no período militar instituído na década de 1960 e, ainda, frente às reformas da educação impostas nos dias atuais? Há alguma relação?

Para pensar a presença da força dos estudantes, propomos analisar historicamente alguns discursos que circularam sobre as diferentes formas de manifestação desses movimentos no Rio de Janeiro de 1960 a 1969, a partir da análise das notícias publicadas no jornal *A Luta Democrática: um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*. Veremos que, muitas vezes, a imprensa teve forte apelo e decisão nos destaques e silenciamentos que envolviam as reformas instituídas pela política do contexto e as ações do movimento estudantil.

Assim, este breve estudo visa evidenciar a disputa de poder existente nos impressos, responsáveis muitas vezes por legitimar ou negligenciar as diferentes formas de resistência, reivindicações praticadas pela organização estudantil, compreendida como principal associação de formação educativa e política dos estudantes. Para tanto, nosso campo de análise trata dos discursos circulados no periódico *A Luta Democrática* em um contexto de instabilidade social e ideológica diante de uma conjuntura de rupturas políticas. Não se pretende tratar o tema com aproximações contemporâneas que possam gerar análises anacrônicas, devido a contextos, sujeitos e políticas específicos. Contudo, vale pensar as rupturas e

Copyright © da Editora CRV Ltda.  
**Editor-chefe:** Railson Moura  
**Diagramação e Capa:** Editora CRV  
**Revisão:** Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
 CATALOGAÇÃO NA FONTE

F345

Ferreira, Lúcia Gracia.

Docência, currículo e formação: experiências, perspectivas e desafios / Lúcia Gracia Ferreira (organizadora) – Curitiba: CRV, 2017.  
 190 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-444-1833-8

DOI: 10.24824/978854441833.8

1. Educação 2. Docência 3. Currículo e formação I. Título II. Série.

CDU 37

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação 370

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.  
 CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2017

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 - E-mail: [sac@editoracrv.com.br](mailto:sac@editoracrv.com.br)

Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracrv.com.br](http://www.editoracrv.com.br)

## “A ESCRITA PRA MIM NUNCA FOI UM LUGAR DE EMANCIPAÇÃO”: conversas, escritas e currículos ao Sul

*Eduardo Prestes Massena  
Elias Alves Amador  
Fagner Pastana  
Lorena Azevedo do Carmo  
Luciana Angrizani  
Maria Luiza Süsseskind<sup>1</sup>  
Manuela Porto  
Matheus Saldanha Reis*

### Introdução

Diante de um contexto nacional e global de ameaça à democracia e à educação pública, torna-se ainda mais importante conversar *com o Sul*. Temos defendido com Santos que “A luta pela justiça social global deve, por isso, ser também uma luta pela justiça cognitiva global. Para ser bem-sucedida, esta luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal” (SANTOS, 2007, p. 10). A busca por práticas pós-abissais deslocando os currículos em direção ao *Sul* tem alguns princípios teóricos, epistemológicos e metodológicos que pretendemos relatar nesse capítulo apostando em pensar docência, formação, escritas e os cotidianos nas salas de aula na universidade pública.

Na UNIRIO, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, vimos trabalhando no GPPF/Grupo de Pesquisa Práticas educativas e Formação de professores com um grupo de doutorandos, mestrandos, bolsistas de monitoria, iniciação científica e docência na busca de *praticarpensar os currículos* (OLIVEIRA, 2012) de modo pós-abissal, que nos compromete com a copresença, a tradução e a ecologia de saberes, em busca de situações de *aprenderensinar*<sup>2</sup> que produzam menos injustiça cognitiva. Justiça cognitiva é uma noção que aparece em Santos (2010) e sugere que a pluralidade e a coexistência de diferentes conhecimentos são emancipatórias e pautam a luta contra as injustiças dos sistemas colonial, patriarcal e capitalista que produzem

1 UNIRIO/JCE-FAPERJ/PIBID-CAPES/UNIVERSAL-CNPq.

2 Inserida no campo das pesquisas *nosdoscum* os cotidianos, nossa escrita emprega em muitos momentos a justaposição, escrita e estetização diferenciada de palavras afim de buscar reinventar as palavras já que a [língua] prescrita não alcança acessos aos sentidos do vivido.

## O CONTO DA AIA: RESISTÊNCIAS, BURLAS E TÁTICAS.

### RESUMO

Apresentamos resultados final e parcial de pesquisas de mestrado que se entrelaçam por sua originalidade temática, tendo suporte nos estudos dos cotidianos, nas teorias dos currículos para pensar nas relações de força que organizam os *espaçotempos* com foco nas redes de ódio que alimentam processos de antioesão (ARENDR, 1999) que atravessam os currículos e a sociabilidade. A metodologia se dá pela análise do conteúdo da ficção especulativa (MATOS, 2020) que é a obra de Atwood (2017), buscando fazer conexões distópicas e diatópicas com a história e o contexto da ocidentalidade colonial patriarcal e capitalista que também perpassam os currículos que criamos com nossos estudantes nas escolas públicas.

Palavras-chave: *conto da aia; escola pública; resistência; currículos;*

Na difícil tarefa de fazer-se escrever e ouvir (n) o complexo momento em que vivemos, reafirmamos o nosso compromisso de *suspender o céu* com a escola pública e suas comunidades escolares na busca da valorização de processos comunitários e de solidariedade. *Suspender o céu* é ampliar as possibilidades das forças mudas dos cotidianos, é enriquecer as nossas subjetividades, é potencializar as inventividades que não estão no retrato dos álbuns, mas existem e pulsam (KRENAK, 2019).

Nós, professoras e pesquisadoras do campo do currículo consideramos importante refletir sobre a opressão abissal do presente, com o entendimento de que é hora de se pensar nos movimentos permanentes que estão em jogo e reaparecem trazendo os objetos do momento. Apresentamos aqui, resultados parciais de duas pesquisas curriculares que se abalroam na conversa complicada (PINAR, 2012 apud SÜSSEKIND, 2014) enredadas nas experiências e nas possibilidades particulares de *praticantes* que “criam surpresas, operam golpe por golpe, lance por lance e aproveitam as ocasiões das possibilidades oferecidas” (CERTEAU, 2014, p.94-95) para fortalecer as redes de solidariedade pelos currículos que também fala dos currículos de ódios e dos currículos de solidariedades. Uma das pesquisas está em andamento e outra foi defendida este ano, sendo esse resumo expandido resultado de inúmeros desdobramentos com os quais aqui tecemos e dialogamos.

Nosso diálogo nessa pesquisa tem como ponto de partida a narrativa distópica de “O conto da Aia” de Margaret Atwood (2017), para se pensar nas táticas dos praticantes que fragilizam o conhecimento que normaliza, reduz e exclui as inventividades. Também nos propomos problematizar a infertilidade da Natureza devastada pela ação desenfreada e altamente destrutiva do capitalismo, o que possibilitou a escassez das reservas naturais em

## ANEXO 2 – SINOPSES

### SINOPSE LIVRO

---

Offred tem 33 anos e é uma serva na República de Gilead, apenas uma aia na casa de um enigmático comandante do alto escalão do exército e de sua esposa. Ela tem permissão para fazer compras uma vez por dia em mercados cujos letreiros foram trocados por desenhos, já que agora as mulheres são proibidas de ler. Ela também é livre para rezar, fechada em seu quarto, seguindo os preceitos do velho testamento. E, sem que ninguém saiba, Offred também pode se lembrar de um tempo em que vivia com o marido e a filha e tinha um emprego, antes de perder seu nome próprio.

Mas a República de Gilead oferece apenas uma função real para as aias: procriar. E um mundo devastado pela radiação e pelos efeitos de uma guerra em andamento, a maioria das mulheres no que outrora foram os Estados Unidos da América são inférteis. Com a queda da natalidade, Offred foi separada de sua família e hoje é propriedade do governo, pertencendo à casta das mulheres escolhidas que ainda podem gerar filhos.

Caso não cumpra as expectativas, Offred pode se tornar uma das Não mulheres – aquelas que não podem engravidar, as homossexuais, viúvas, adúlteras e feministas, condenadas a trabalhos forçados nas colônias, lugares onde o nível de radiação é fatal. Caso quebrem as regras, as aias podem ter o mesmo destino dos criminosos comuns: o fuzilamento e a subsequente exposição no Muro, onde os mortos servem de exemplo em praça pública a todos os cidadãos.

Em meio à opressão de um Estado teocrático e totalitário, Offred se agarra à esperança de saber o paradeiro da filha e do marido. E resiste, extraindo os segredos íntimos daqueles que controlam seus movimentos, ainda que isso ponha sua vida em risco. Mas nem mesmo o fundamentalismo cristão de Gilead poderá obliterar o desejo – nem o de Offred, nem o dos homens que detêm seu futuro.

## SINOPSE FILME

---

A República de Gilead é um estado totalitário que tenta usar a Bíblia para fundamentar seus atos. Kate (Natasha Richardson) foi presa por tentar atravessar a fronteira, seu marido foi morto e ela nunca mais viu a filha. Neste país qualquer mulher que comete um delito, e homossexualismo está entre eles, se é estéril vai para as colônias penais, mas se é fértil se torna uma "serva". Como só 1% das mulheres são férteis, estas "servas" são obrigadas a terem relações sexuais com quem o governo determina e é bom ficarem grávidas, pois o defeito nunca é do homem. Esta esterilização em massa é consequência do ar ficar cheio de produtos químicos radioativos e as águas das chuvas terem sido contaminadas com moléculas tóxicas. Após ser cruelmente treinada por "Tia" Lydia (Victoria Tennant), ela é designada para ser a serva do comandante (Robert Duvall), o supremo chefe militar. Porém Serena Joy (Faye Dunaway), sua esposa, é ciumenta e Kate se sente atraída é por Nick (Aidan Quinn), um ordenança do comandante. Ao mesmo tempo um movimento de resistência começa a desafiar o regime.

## RESUMO COM MINHAS PALAVRAS

---

O Conto da aia é narrado por uma das aias, que no filme é chamada por Kate e na série, antes dos Estados Unidos sofrerem o Golpe de Gilead, era chamada de June Osborne. No atual regime, June/Kate, recebe o nome de Offred, sendo o 'Of' uma preposição possessiva para representar o pertencimento a Fred que, no caso de June, é o chefe da casa em que está alocada (Of + Fred = Offred).

O movimento da consolidação de Gilead se iniciou lentamente, a princípio com ataques ao Capitólio e a Casa Branca, golpes pontuais contra a democracia dos Estados Unidos da América, por um grupo de homens fundamentalistas chamados Filhos de Jacó, que culpabilizam terroristas por seus atos, além de contar com um cenário nada favorável de declínio nas taxas de natalidade, infertilidade do solo, devido ao uso indiscriminado, inclusive dos recursos naturais, juntamente a guerras nucleares.

Posterior aos ataques, as mulheres foram retiradas de seus empregos e tiveram suas contas bancárias e seus respectivos dinheiros bloqueados e

encaminhados para a custódia de algum homem ‘responsável’ por ela como, por exemplo, o marido ou o pai. A perda da autonomia econômica e mais tarde a perda da identidade individual vai traçando o caminho da ‘servidão procriativa doméstica’ da mulher.

O grande número de pessoas inférteis deu lugar ao sequestro de mulheres férteis que eram solteiras, divorciadas ou casadas/em união estável com homens ou mulheres divorciados/separados, antes do Estado de Gilead, para servirem como aias e serem submetidas ao estupro institucionalizado, do ato compreendido como cerimônia que ocorre no período fértil das aias, a partir do seguinte pressuposto bíblico:

Vendo pois Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja de sua irmã, e disse a Jacó, Dá-me filhos, ou senão morro.  
Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel, e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?  
E ela disse: Eis aqui minha serva Bilha: entra a ela, para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu assim receba filhos por ela (Gênesis 30.1-3 *In: BÍBLIA SAGRADA, 1969*).

Contudo, se uma aia não engravida durante um determinado período, ela é substituída por outra, porque a concepção de que homens podem ser inférteis em Gilead é inconcebível. No caso de uma não gravidez há também o risco da aia ser enviada às colônias para trabalhar até a morte.

Seu corpo violado pertence sempre à outra pessoa, seja ao comandante, seja a Esposa ou até mesmo ao Nick que é motorista da família com quem é obrigada, por Serena Joy, a ter relação sexual a fim de conceber uma criança para entregar aos Waterfords.

As mulheres de Gilead são estratificadas e separadas por cores em: aias que usam vestido vermelho, esposas, casadas com homens do alto escalão, usam vestidos azuis, marthas, escravizadas, responsáveis por todo o trabalho doméstico, usam vestidos verdes e as Econoesposas que usam vestidos com as três cores, já que acumulam as três primeiras funções citadas. Também existem as Tias que são as únicas mulheres a ocuparem um cargo no governo, elas usam vestidos de cor marrom, as Não-mulheres um grupo constituído por mulheres inférteis, membros na comunidade LGBTQI+, ativistas, acadêmicas e religiosas de outras vertentes que devido a sua posição são mortas ou enviadas às colônias, nas colônias usam roupas gastas e cor envelhecida de difícil identificação e por último as Jezebéis que apesar de não reconhecidas oficialmente pelo governo ocupam o lugar de prostitutas

usando roupas e fantasias do período anterior. Os homens se distinguem se forem ou não comandantes ou que tenham uma posição de soldados do governo, assim como os anjos, guardas e/ou olhos, estes últimos agentes infiltrados cuja identidade é secreta.

Entre os personagens principais, temos: Offred, já citada, Serena Joy esposa de Fred Waterford, sendo este último um comandante. Temos Rita, uma Martha que apenas no livro e no filme é assistida por outra Martha chamada Cora. Há Nick motorista dos Waterford. Outras aias chamadas: Moira, Janine, Emily, Alma, Natalie que ao decorrer da história acabam alterando seu nome patronímico por serem realocadas e por último, mas não menos importante em nossa narrativa, temos a Tia Lydia que atuam na “Educação e realocação das aias”.

## **ANEXO 3 – PLANEJAMENTO DA OFICINA O CONTO DA AIA**

### **Introdução**

Devido à pandemia de Covid-19, as aulas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, estão ocorrendo de modo remoto, destarte, a oficina será realizada por meio da plataforma Zoom e compartilhada posteriormente em um canal do Youtube, já informado, para contemplar aqueles que não puderam estar presentes sincronamente.

Serão dois dias de oficina com duas horas cada, correspondendo ao horário de aula do componente curricular Currículo, ministrado em duas turmas da graduação, sendo a primeira turma com aulas às segundas-feiras, turno vespertino, e a segunda às sextas-feiras, turno matutino. Totalizando quatro encontros.

Dia 1 Link: <https://www.youtube.com/watch?v=9SMOSvWEvbk&t=2013s>

Dia 2 Link: <https://www.youtube.com/watch?v=9YY0staib9U&t=1034s>

### **Objetivo**

Discutir a narrativa de ‘O Conto da Aia’ perpassando interseccionalmente pelos estudos de gênero, raça, classe e feministas, de modo à desinvisibilizar redes de resistência e solidariedade, principalmente entre mulheres, frente ao tsunami neoliberal global de tendências conservadoras (SUSSEKIND, 2018) por meio de pistas (GINZBURG, 1989) na narrativa Atwood, assim como acontecimentos mundiais.

Pensar as relações entre currículos e gênero a partir de diferentes olhares e da defesa aos direitos humanos, de maneira a contrapor a todas as formas de preconceito e ódio às diferenças.

### **Metodologia**

No primeiro dia, conversaremos sobre recortes de duas pesquisas de dissertação distintas acerca da narrativa. Logo após as apresentações, haverá uma roda de conversa com palestrantes e estudantes.

No segundo, com a mesma organização, será abordado conceitos de currículo, transdocência, travestilidade e docência e o transbordamento da questão de gênero que nos alcança cotidianamente. Ao final do segundo dia, teremos como desfecho a Prova Platô.

### **Material**

ATWOOD, M. O Conto de Aia. Trad. de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

THE HANDSMAID'S tale. Direção: Reed Morano, Mike Barker et al. Produção: Margaret Atwood, Bruce Miller, Dorothy Fortenberry et al. Toronto: Daniel Wilson Productions Inc et al. 2017-2020. 4 temporadas (47- 60min), son., color., 35 mm.

A DECADÊNCIA de uma espécie (THE HANDMAID'S TALE). Direção: Volker Schlöndorff. Intérpretes: Natasha Richardson; Elizabeth McGovern; Faye Dunaway e outros. Roteiro: Harold Pinter. Produtora: Cinecom Entertainment Group Inc. 1990. 108min.

## ANEXO 3.1 – MATERIAL UTILIZADO

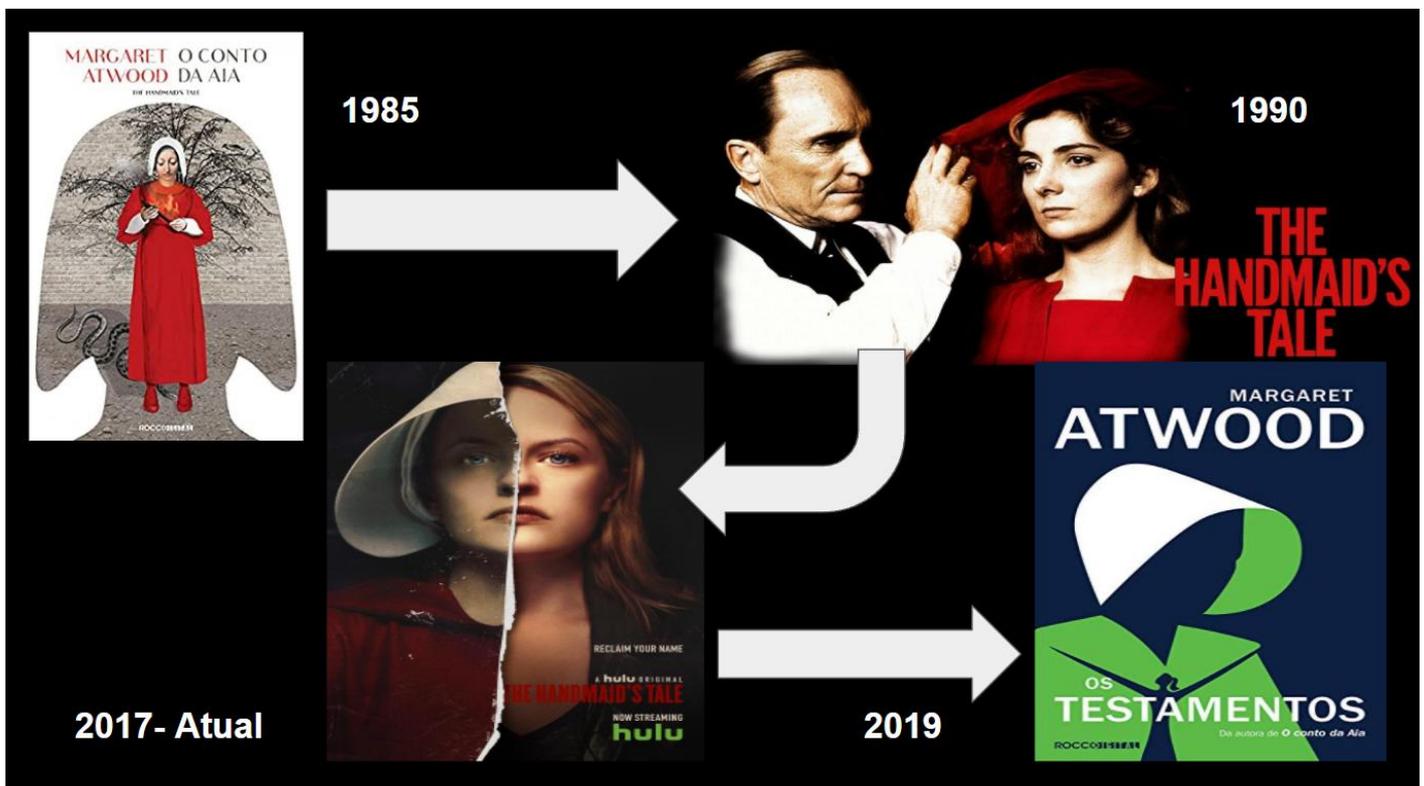
### 3.1.1 – Imagem dos slides apresentados no primeiro dia da oficina



1º Momento: Apresentação do projeto intitulado SOB NOSSOS OLHOS: resistências, burlas e táticas.

2º Momento: Apresentação da dissertação concluída de Thamires Ribeiro de Mattos, intitulada: ABENÇOADO SEJA O FRUTO: UMA ANÁLISE DE THE HANDMAID'S TALE E O CONTO DA AIA À LUZ DOS ESTUDOS CULTURAIS.

3º Momento: Conversa.



"O corpo e a sexualidade ocupam na atual mutação industrial o lugar que a fábrica ocupou no século XIX. Há, ao mesmo tempo, uma revolução dos subalternos e apátridas em andamento e uma frente contrarrevolucionária lutando pelo controle dos processos de reprodução da vida" (PRECIADO, 2019).

A opressão e a exploração econômicas baseiam-se tanto na transformação da sexualidade feminina em mercadoria quanto na apropriação pelos homens da força de trabalho das mulheres e de seu poder reprodutivo como aquisição econômica direta de recursos e pessoas (LERNER, 2019, p. 140)

"Porém, não são as mulheres que são reificadas e comercializadas, mas sua sexualidade e sua capacidade reprodutiva" (LERNER, 2019, p.143)

Salvatore Rizzuti - Vespro Siciliano (terracotta) 55 cm. 1982 [Civic Museum of Caltabellotta]



- **ESTUDO DOS COTIDIANOS;**

(Gilles Deleuze , Michel de Certeau, etc)

É “[...] recuperar a importância das práticas microbianas, singulares e plurais, dos praticantes da vida cotidiana”

(OLIVEIRA, 2008, p. 162)

- **PARADIGMA INDICIÁRIO;**

(Carlo Ginzburg)

“[...] é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis”

(GINZBURG, 1989, p.144)

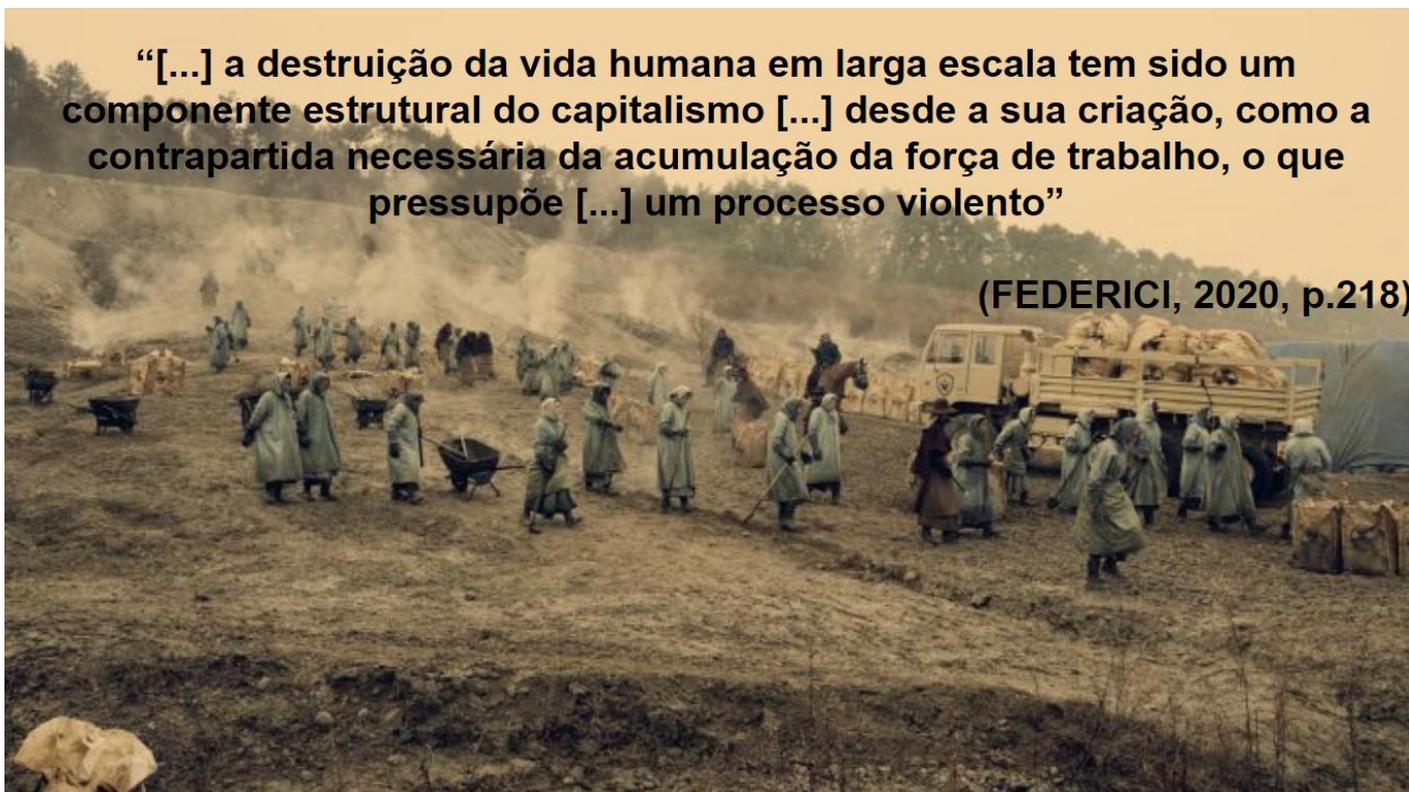
- **ESTUDOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE;**

(Lélia Gonzalez, Silvia Federici, Gerda Lerner, etc)

“Considera-se a função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase toda a vida adulta a ter e criar filhos” (LERNER, 2019, p. 37).

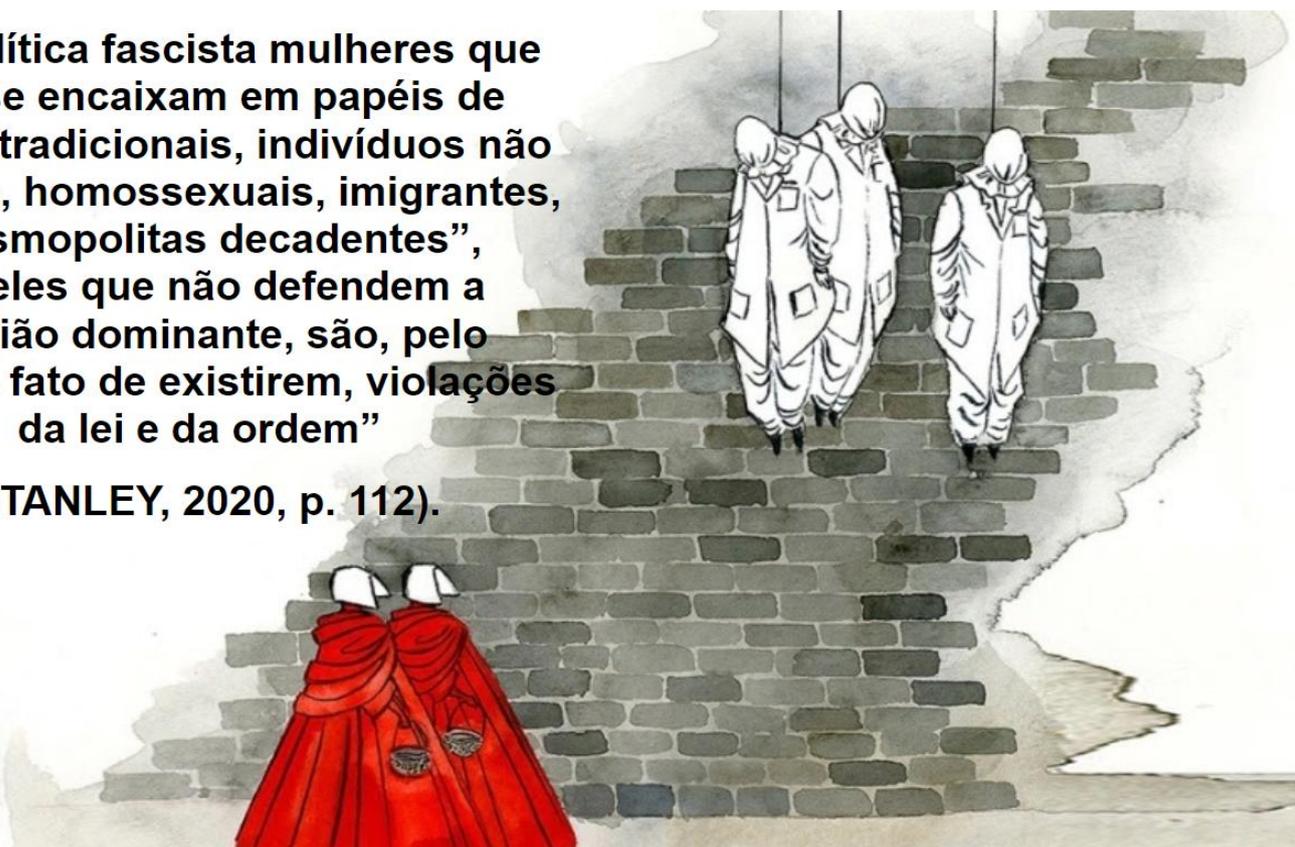
“[...] a destruição da vida humana em larga escala tem sido um componente estrutural do capitalismo [...] desde a sua criação, como a contrapartida necessária da acumulação da força de trabalho, o que pressupõe [...] um processo violento”

(FEDERICI, 2020, p.218)



**“Na política fascista mulheres que não se encaixam em papéis de gênero tradicionais, indivíduos não brancos, homossexuais, imigrantes, “cosmopolitas decadentes”, aqueles que não defendem a religião dominante, são, pelo simples fato de existirem, violações da lei e da ordem”**

**(STANLEY, 2020, p. 112).**



INDETECTÁVEL



INTRANSMISSÍVEL



Home

Sobre nós

Notícias

Artigos

Eventos

Palestras

Serviços

Biblioteca

Dicionário

05/08/2021 - 10h13

## Folha de S. Paulo: Seguros de saúde exigem consentimento do marido para inserção do DIU em mulheres casadas



Disponível em:

<https://agenciaaids.com.br/noticia/folha-de-s-paulo-seguros-de-saude-exigem-consentimento-do-marido-para-insercao-do-diu-em-mulheres-casadas/>. Acesso em 14 ago. 2021

ECONOMIA

# Mulheres são responsáveis pela renda familiar em quase metade das casas

Levantamento feito pela consultoria IDados com base em números do IBGE revela que a soma de mulheres responsáveis financeiramente pela renda familiar é crescente a cada ano e chega a 34,4 milhões atualmente

AP André Phelipe\*, Marina Barbosa

postado em 16/02/2020 08:00



**“Ser membro de um grupo explorado não torna ninguém mais inclinado a resistir. Se assim fosse, todas as mulheres (e isso inclui todas as lésbicas do planeta) teriam tido vontade de participar do movimento de mulheres” (hooks, 2020, pp.137 e 138).**





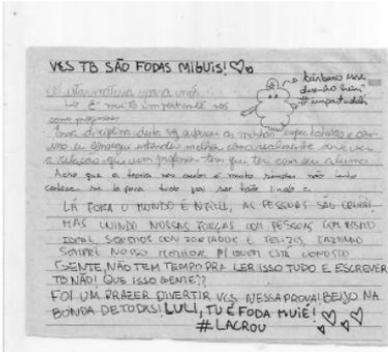
Mulheres em protesto pela descriminalização do aborto em Buenos Aires no ano de 2018.



Mulheres vestidas de aia protestam em Washington contra o corte de verbas no planejamento familiar no ano de 2017

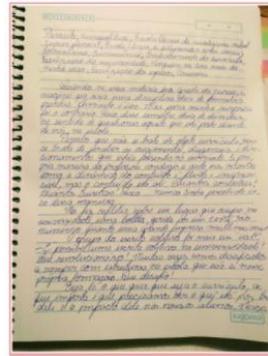
## PROVA PLATÔ

- Início em 2016.
- “E, argumentando com William F. Pinar que os currículos são conversas complicadas sugerimos que a prova platô é uma modalidade possível dessa conversa e usamos a prova na busca de praticar currículos democráticos” (SÜSSEKIND, et. All, 2019, p.5)
- Até o primeiro semestre de 2018, a prova platô se dava em dois momentos: a escrita em platôs em sala e a leitura comentada, posteriormente, e compartilhada com os estudantes, via e-mail, em um pdf das provas escaneadas. Mas, em 2018.2, não fizemos isso por conta do aparecimento de manifestações de racismo, misoginia e ódio, inclusive também dirigidos à nossa equipe.
- A prova platô, como desejávamos, vem operando como uma forma de registro a posteriori, além de viabilizar novas criações/produções a partir de seu denso material como, por exemplo, o Banherão.



forma como ela nos dá espaço para falar, ela escuta, promove discussões e debates democráticos. Dessa matéria me envolvi muito com a pauta de política "disciplinas" e ainda a cargo que ela carrega nas áreas de educação, e como são precarizadas sobre os professores. Para finalizar gostaria de parabenizar monitores e todos grupo que participou da aula de Funk, foi muito rico, divertida e construtivo. Se agradece e sem dúvidas carregarei essa bagagem.

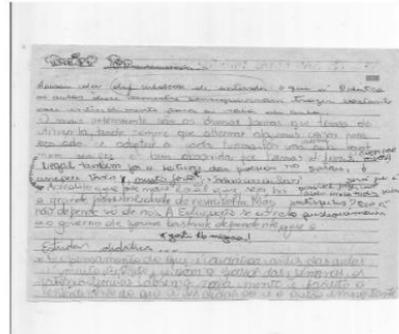
discussões, de poder falar com os professores e rodar, pois não é dessa forma o debate alternativo de que os conteúdos de material com os quais são desenvolvidos (através) (apesar de fazer seus conteúdos e entender a importância). Na disciplina eu aprendi muito e foi a maior prova de que não é apenas importante para os alunos, mas também é dentro de uma sala de aula. Sobre a importância de uma educadora/pessoa que atua de forma parat (é impossível ser imparcial) em relação ao direito do outro, ao conhecimento, ao todo percebendo, é incluído, ao anti-racismo, ao respeito, ao feminismo, Paratial sei que possibilita e garante todos e todas que estão no nosso contexto.



Costumo pensar que cada disciplina tem um papel fundamental na minha formação e tanto entrar o máximo de conteúdo do professor. A disciplina de currículo não está sendo diferente, ler textos grandes e complexos confuso que não é o meu ponto forte porém tenho me esforçado e conseguido acompanhar a disciplina, uma vez que os textos indicados são, na minha opinião, de extrema importância para uma pessoa crítica. Como futuro professor, gostaria ter um outro ponto de vista com as rodas de conversa com a participação dos outros estudantes que já tem uma experiência na área, uma visão completamente da que eu tenho sobre estas profissões. O que eu levo dessa disciplina é respeito a particularidade de cada indivíduo e que cada conhecimento é importante, e diferente não é errado! Fiquem com a imagem mais clichê da internet!



Para mim o mais importante da disciplina foi o quanto ela trabalhou com aspectos críticos em uma contextualização atual. Tratar temas como o funk é super importante para a questão de estigmas, algo tão importante a ser feito em nossa sociedade atual. Apesar de ter sido algumas questões e nem sempre ter conseguido estar presente em todas as aulas cênicas, todos os vídeos expostos para que nos



# REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes. Petrópolis/RJ: DP et Alii, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. Vol.1, 5ª reimpressão, 2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2020.

PRECIADO, Paul. Ser trans é cruzar uma fronteira política. 2019. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultural/1554804743\\_132497.ht](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultural/1554804743_132497.ht)> Acesso em: 10 abr. 2020.

STANLEY, J. Como funciona o fascismo. A política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2020.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. As (im)possibilidades de uma base comum nacional. **E-curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p.1512-1529, 2014. Disponível em < <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/21667/15917>> Acesso em 15 jul. 2020.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; PELLEGRINI, Raphael. "Não existe pecado do lado de baixo do Equador": políticas de currículo, direito à educação e as escritas nunca escritas. **Cadernos de Pesquisa**, São Luis, v. 23, n. especial, set./dez. 2016. Disponível em <file:///C:/Users/Juvenal/Desktop/NAO\_EXISTE\_PECADO\_DO\_LADO\_DE\_BAI\_XO\_DO\_EQUADOR\_poli.pdf> Acesso em 15 set. 2020.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; LONTRA, Viviane. Narrativas como travessias curriculares: Sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. **Roteiro**, v. 41, n. 1, p. 87-108, 2016. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/299403602\\_NARRATIVAS\\_COMO\\_TRAVESSIAS\\_CURRICULARES\\_SOBRE\\_ALGUNS\\_USOS\\_DA\\_PESQUISA\\_NA1\\_FORMACAO\\_DE\\_PROFESSORES](https://www.researchgate.net/publication/299403602_NARRATIVAS_COMO_TRAVESSIAS_CURRICULARES_SOBRE_ALGUNS_USOS_DA_PESQUISA_NA1_FORMACAO_DE_PROFESSORES)>. Acesso em 05 mar. 2021.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; LONTRA, Viviane. Narrativas como travessias curriculares: Sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. **Roteiro**, v. 41, n. 1, p. 87-108, 2016. Disponível em <[https://www.researchgate.net/publication/299403602\\_NARRATIVAS\\_COMO\\_TRAVESSIAS\\_CURRICULARES\\_SOBRE\\_ALGUNS\\_USOS\\_DA\\_PESQUISA\\_NA1\\_FORMACAO\\_DE\\_PROFESSORES](https://www.researchgate.net/publication/299403602_NARRATIVAS_COMO_TRAVESSIAS_CURRICULARES_SOBRE_ALGUNS_USOS_DA_PESQUISA_NA1_FORMACAO_DE_PROFESSORES)>. Acesso em 05 mar. 2021.

### 3.1.2 – Imagens dos slides apresentados no segundo dia da oficina.



**1º Momento:** Apresentação do *Banherão* e do texto “*Quem vai ao banheiro é o que? É gente!*”.

**2º Momento:** Apresentação da Profª Sara Wagner York sobre direitos, conceitos e o lugar das pessoas trans na sociedade.

**3º Momento:** Conversa.





# EXPOSIÇÃO BANHERÃO

Conversas na/da/com a formação: uma instalação curricular



“[...] pensamos uma instalação curricular onde capturássemos, das centenas de páginas de provas, desenhos, diálogos e narrativas que apontassem para dois temas que foram mais urgentes e frequentes, principalmente, nos últimos 3 semestres: os currículos de ódio e os currículos de solidariedade” (SÜSSEKIND et AlI., 2019, P. 10)

“Assim como lemos nas portas e paredes dos banheiros da universidade, elementos estéticos, repetições, grafismos, que aparecem nas provas platô, tematizam diversas questões: racismo, feminismo, misoginia, ódios e solidariedades” (SÜSSEKIND et AlI., 2019, P. 9)

Financiamento:



09/10/2019 - 10h40

## Preconceito e falta de acesso a banheiros aumentam o risco de infecção urinária em pessoas trans

Uma pesquisa realizada pela Universidade da Califórnia identificou que 54% das pessoas transgênero entrevistadas tiveram problemas de saúde relacionados à falta de acesso a banheiros públicos, incluindo infecção urinária. Aproximadamente 70% tiveram dificuldade para utilizar os banheiros ou sofreram ofensas e ataques físicos nesses locais.



<https://agenciaaids.com.br/noticia/preconceito-e-falta-de-acesso-a-banheiros-aumentam-o-risco-de-infeccao-urinaria-em-pessoas-trans/>

obo.com g1 ge gshow videos

ASSINE JÁ MINHA CONTA E-MAIL ENTRAR >

MENU G1

ALAGOAS TV GAZETA

Q BUSCAR

## Travesti denuncia que foi impedida de usar banheiro feminino em shopping de Maceió

Lanna Hellen disse que segurança bateu na porta do banheiro e pediu para que ela se retirasse porque uma cliente se sentiu incomodada. Shopping disse que ela não foi impedida de usar o banheiro feminino e que vai apurar o que aconteceu.

Por Michelle Farias, G1 AL

04/01/2020 11h39 - Atualizado há um ano



<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2020/01/04/travesti-denuncia-que-foi-impedida-de-usar-banheiro-feminino-em-shopping-de-maceio.ghtml>



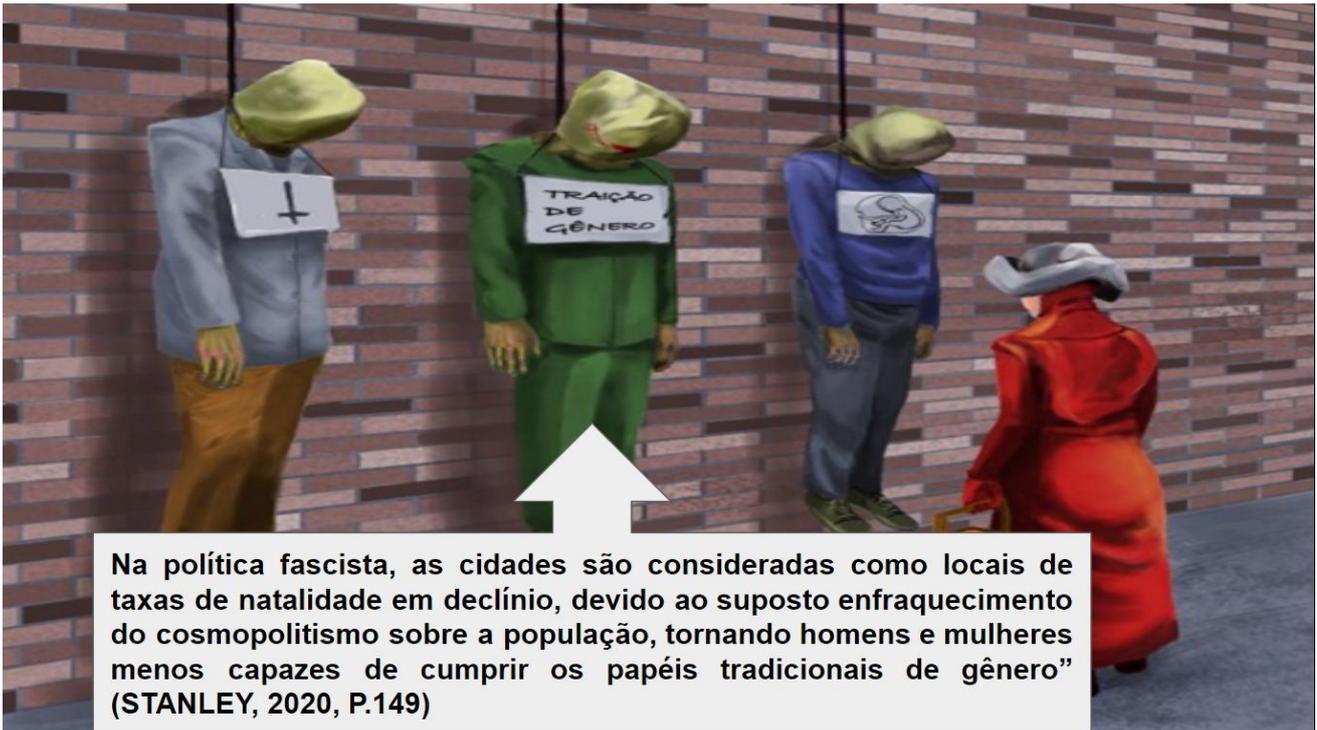
Lanna Hellen  
Imagem: Arquivo pessoal

### Segurança condenado: "Nunca pediu desculpa", diz trans barrada em banheiro

Carlos Madeira  
Colaboração para Universa, em Maceió  
10/06/2021 15h25

A Justiça de Alagoas condenou um segurança do shopping Pátio Maceió que, em 2020, impediu o acesso de Lanna Hellen ao banheiro feminino por ser uma **mulher transexual**. A decisão saiu na segunda-feira e a pena foi definida em um ano e seis meses de reclusão, mas foi convertida em prestação de serviços comunitários e pagamento de dez salários mínimos.

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/06/10/trans-barrada-em-banheiro-de-shopping-transforma-dor-em-luta-contra-a-fome.htm>

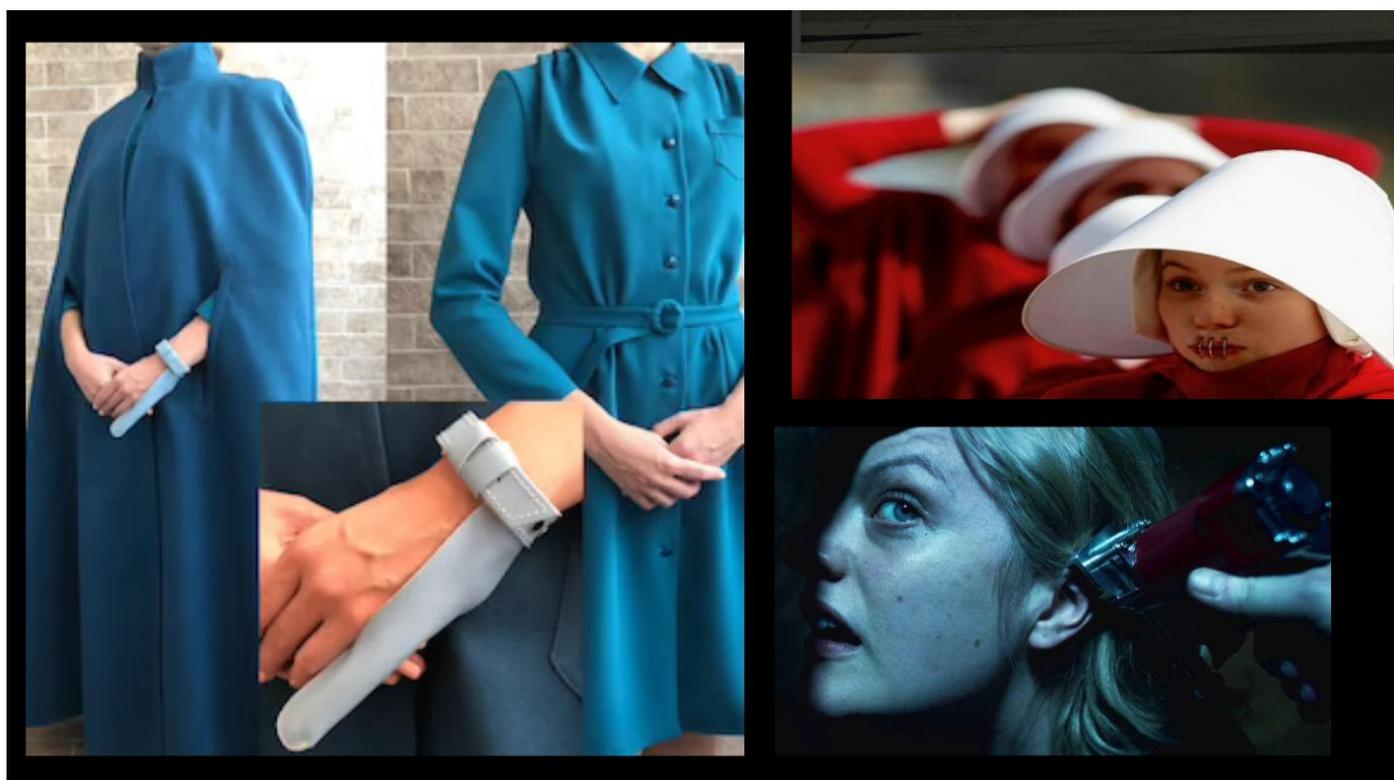


Na política fascista, as cidades são consideradas como locais de taxas de natalidade em declínio, devido ao suposto enfraquecimento do cosmopolitismo sobre a população, tornando homens e mulheres menos capazes de cumprir os papéis tradicionais de gênero” (STANLEY, 2020, P.149)

## CORPO

“Para que a lei se escreva sobre os corpos, deve haver um aparelho que mediatize a relação de uma com os outros. Desde os instrumentos de escarificação, de tatuagem e da iniciação primitiva até aos instrumentos da justiça [...] uma série de objetos destinados a gravar a força da lei sobre seu súdito, tatuá-lo para fazer dele uma demonstração da regra, produzir uma cópia que torne a norma legível” (CERTEAU, 2020, P. 211).

“[...] a mulher, a monstra, a outridade desumanizada e abissalizada, deixando, por isso, de ser sujeita de direitos e podendo ser aniquilada” (SUSSEKIND, GONÇALVES JUNIOR, OLIVEIRA, 2020, P.115)



“Somos estupradas, tanto em nossa cama quanto na rua, precisamente porque fomos configuradas para ser as provedoras da satisfação sexual, as válvulas de escape para tudo o que dá errado na vida dos homens, e os homens têm sido sempre autorizados a voltar seu ódio contra nós se não estivermos à altura do papel[...]” (FEDERICI, 2019, P. 57).



**“Dessa forma, alimentando-se da ausência da *outra*, obcecada por mesmidade, a masculinidade odeia a *outridade*, numa forma feminina da alteridade, e provoca inexistência e ausência dos conhecimentos outros e plurais e, como consequência, admite sua aniquilação como pessoa” (SÜSSEKIND, GONÇALVES JUNIOR, OLIVEIRA, 2020, P.121)**

## REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes. Vol.1, 5ª reimpressão, 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2020.

PRECIADO, Paul B. Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino. eRevista Performatus, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102.

STANLEY, J. **COMO FUNCIONA O FASCISMO: A política do “Nós” e “Eles”**. Porto Alegre: L&PM, 2020.

SÜSSEKIND, M.L.; GONÇALVES JÚNIOR, S. W.; OLIVEIRA, L. T. A. MONSTRAS E CURRÍCULOS DE GÊNERO AO SUL DE MAPLE ST. In: **Queer(i)zando Currículos e Educação: narrativas do encontro**. Alexsandro Rodrigues, Marcio Caetano, Maria da Conceição Silva Soares (Orgs.). Salvador: Editora Devires. 1a Ed. 2020. p. 109-128.

SÜSSEKIND, M. L.; GONÇALVES JÚNIOR, S. W.; CARMO, L. A. QUEM VAI AO BANHEIRO É O QUE? É GENTE!. **Coletiva**, nº12, 2020. Disponível em: <https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencas-e-n12>. Acesso em 20 ago. 2021.

## ANEXO 3.2 – PROVA PLATÔ TURMA SEGUNDA-FEIRA (VESPertino)

**ATENÇÃO: este é um documento de pesquisa e não pode ser divulgado.**

### PROVA PLATÔ - CURRÍCULO (VESPertino) 2021.1

**Este documento ficará disponível entre os dias  
06/09/2021 às 14h até 13/09/2021 às 16h**

Neste documento vocês podem discorrer de forma livre e anônima sobre aquilo que produziram/aprenderam durante o curso de Currículo.

Vocês podem mudar a **COR**, a **FONTE** e **O TAMANHO** para diferenciar sua escrita das escritas de seus colegas de turma, bem como adicionar imagens e/ou fazer desenhos (clikando na barra superior em Inserir > Desenho > + Novo).

Nessa matéria de Currículo, pude perceber o quão **IMPORTANTE** é poder sair de dentro da minha bolha e perceber que existem outras realidades por fora. Tivemos debates essenciais em nossas aulas e queria agradecer imensamente à **SARA WAGNER YORK** por trazer um pouco de sua vivência e me fazer abrir os olhos para certas desigualdades e preconceitos gritantes que ainda ocorrem em pleno 2021. Além disso, queria falar que achei simplesmente **PERFEITAAA** a indicação de Sussekind e Lorena à respeito do livro e da série “O Conto da Aia”! É incrível o quanto essa série aborda tantos assuntos relevantes e assustadoramente atuais.. Não poderia deixar de agradecer por todas as reflexões trazidas por Thamires com a sua apresentação do seu TCC a respeito dessa série que estava impecável!

Li algumas indicações propostas e gostei muito da forma que a matéria “Currículo” foi abordada nas aulas! Para mim, ficou bem claro o tipo de currículo que eu quero passar para meus futuros alunos. Que aprendam que nenhum tipo de preconceito é tolerado e que todos nós temos voz e **DEVEMOS USÁ-LA!!!!** - **Nicole Costa Papa Mangia**

Neste período cursando as disciplinas Didática, Currículo e vindo da filosofia, aprendi que os currículos são projetos de sociedade que queremos, são conversas desconfortáveis, mas essenciais para o aprendizado conjunto e coletivo sendo construídos por diversos agentxs, diferente das listas de conteúdos que são disponibilizadas às escolas e que muitas vezes fizeram/fazem parte do (meu) ensino. Portanto, nessa perspectiva o alunx se torna um agentx de história, narrativas que também compõem a escola e o mundo, escrevendo e reescrevendo história com agentxs diversos, com narrativas diversas.

[ **Conversas desconfortáveis mas essenciais.** Gostei disso. Me reconheço pois sinto algo assim. Valeu! ]

*Olhei essas frases diversas vezes aqui no documento. “Desconfortáveis” e “essenciais”. É louco pensar que em mais de 2021 anos da nossa sociedade, a gente ainda esteja precisando ESSENCIALMENTE falar do que é desconfortável.*

*Eu não me lembro quando virei feminista. Eu nasci numa família conservadoramente machista mesmo sendo composta 95% por mulheres. Minha avó foi a primeira mulher da nossa linha a ter conversas desconfortáveis, desagradáveis e constrangedoras. Nada muito uau para geração Z, mas muito incômoda para 1930. Tentaram calar ela de todas as formas. Com violência, com negação, com abandono, isolamento. Ela não venceu tudo, mas ela não perdeu a coragem em nada. Minha avó sempre disse que viver nas condições que vivemos nos impelia a sermos mulheres que constroem e incomodam para que as mulheres que venham depois não sejam mais constrangidas e incomodadas. Eu acho que a gente ainda não ganhou, porque conversas desconfortáveis ainda são essenciais, mas eu acho que a gente também não perdeu, porque as conversas desconfortáveis são essenciais. Se debruçar pra trabalhar currículo é isso. Desconfortável, incômodo, mas essencial.*

Em A cruel pedagogia do vírus, Boaventura de Souza Santos, coloca o vírus como agente que demonstra as veias abertas das desigualdades no Brasil. Essa última (desigualdades) produzidas por diversos fluxos de falta de garantia de vida, emprego, saúde e moradia, nascendo junto com as mudanças e nas mudanças capitalistas, neoliberais que descartam as pessoas e a vida. Nesse sentido, a crise no mundo está em seu estado permanente, produzindo espaços cada vez mais invisíveis. A sul da quarentena percebemos o espaço-tempo político social e cultural criado, onde as desigualdades, racismo, xenofobia, machismo constroem dinâmicas sociais e verticais de poder, esvaziando e atrofiando os corpos em garantias de direito e de suas vivências “plenas”.

Outro agente importante que precisa ser considerado em nossos currículos e projetos de mundo, pessoas e vida é o mundo/planeta enquanto agentx. Bruno Latour vai chamar esse agentx de Gaia, onde ela é indiferente a ação dos humanos e aos seus afetos, agindo de acordo com sua própria agência. Gaia aparece numa relação em colapso, onde a relação de extração e uso dos humanos sobre a natureza é insustentável e irreversível, onde o aquecimento, a alteração dos oceanos é ponto máximo da côncava, alertando um declínio. Esse declínio não é o da existência do planeta e de suas alterações, mas é o declínio da existência humana no mundo, no hoje. Tendo escrito isso, há de se pensar outras alternativas de relação de humanxs, natureza e Gaia e que essas não sejam um novo capitalismo camuflado, mas que sejam fruto dos agentes e sua relação com seu espaço comum mais horizontal, saudável, tendo a natureza como agente (A cruel pedagogia do vírus, cap 5), porque

caso não haja, essa quarentena será um curto intervalo entre outras pandemias.

Revolucionemos!!!!!! Em todos os lugares e nos lugares!!!!

Para isso, há de se pensar outras alternativas para papéis sociais de gênero, masculino e feminino e outras identidades e narrativas que possam surgir.

Em “Queerizando currículos e educação: Narrativas do encontro”, o autor expõe datas na história em que foram pensadas coletivamente por projetos políticos, homens brancos e outras o papel do masculino e feminino e seus “lugares”. Para essas expressões tornarem objeto é porque elas não são dadas e nem engessadas, mas fruto de relações e de tornar-se(s).

O texto expõe tentativas norte-americanas após Segunda Guerra de associar o homem americano à paternidade e a construção de família, porque a relação de confinamento, combate e parceria na guerra entre os homens, estava indo além das relações práticas, mas se tornando relações afetivas/emocionais e sexuais.

O pai, nesse recorte temporal, se tornou um projeto político de “salvar” os meninos e meninas de portarem masculinidade e feminilidades não esperadas pelo projeto e que os pais (homens) tinham que ser mais presentes na vida de seus filhos (homens) e construí-los como homens heterossexuais. O projeto não deu certo porque não só recaiu sobre os pais a obrigação de prover necessidades materiais e econômicas, sendo esses principais vetores de deslocamento dos espaços cotidianos com os filhos (homens), mas recaiu sobre os homens a responsabilidade de ter uma família, identidade de gênero, papel social e expressão masculina.

O logan “Nenhuma criança deixada para trás” é outra tentativa de esvaziar e isolar o masculino em corpos de meninos e tirá-los de relações afetivas com as mulheres, professoras e mães, questionando somente a escola como responsável da educação.

O texto finaliza demonstrando que a escola não é o único espaço de educação observado com funções sociais e de construção de identidades e expressões, embora as responsabilidades em não superar as expectativas, recaiam sobre ela e sobre seus agentes que constroem alternativas e mundo mais diversos e inclusivos.

A monstruosidade dos projetos também é observada no texto “Monstras e currículos de Gênero ao sul”, onde o ódio não escolhe suas vítimas sem pensar, mas que essas são expressões/pessoas/vida da diferença da centralidade esperada. Ao sul essa monstruosidade sempre foi presente e destilada pelas práticas de poder e poderes pulverizados, não necessariamente precisando da força do Estado para o aniquilamento, porque as práticas já foram engessadas pela história de uma colônia de desordem.

QUE AS CORPAS QUE ANUNCIAM E DENUNCIAM CURRÍCULOS EM DIFERENÇA, CONSTRUAM ESSE ESPAÇO, ATITUDES, CONVERSAS, AFETOS ABERTOS E COTIDIANOS. **Luiz Henrique Souza Pereira.**



Um retrato da necropolítica atual. Cena de “O conto da aia” (Temporada 1 Episódio 5)

A cara de bom moço e arrependimento do personagem ao dizer que as condições criadas para Gilead faz com que a gente acredite em um mísero segundo que elas são escolhidas ao acaso, são justas e igualitárias na medida em que há uma seleção “natural” para quem está no poder e quem está sobre dominação. **NÃO É ACASO!** Nem na conjuntura da série e nem em outros momentos de dominação da história do mundo. As classes dominantes tem o mesmo perfil e as classes dominadas também. São pessoas de cor, mulheres, LGBT's, pessoas em vulnerabilidade social - principalmente no modelo capitalista.

Dentro desse período cursando a matéria de Currículo se uma coisa ficou clara para mim é a importância de certos debates no atual contexto que vivemos e a reflexão de qual tipo de currículo eu gostaria de apresentar aos meus alunos, um que não leve em consideração quem ele é ou um que o respeite, o aceite assim o ajudando nesse caminho que é educar. O material apresentado "O conto da Aia" que foi motor para muitos dos debates, diálogo com questões de gênero que já são questionadas faz muito tempo mas mesmo permem nossa sociedade e o fato da obra se passar num futuro próximo e distópico logo nos faz questionar o tanto que supostamente evoluímos e o tanto que ainda infelizmente seríamos capazes de regredir. **Miguel Henrique Castro dos Santos**

Nesse período cursando essa matéria confesso que me surpreendi, esperava algo da matéria, mas obtive algo diferente e isso foi muito interessante. Pude entender a importância de debater pautas como racismo, machismo, homofobia e etc.. para construção de um currículo na atualidade, que demanda muito sobre tais temáticas.

Os materiais de referência foram muito interessantes, o conto da aia foi o que eu mais gostei e me surpreendi. Por ser mulher, vejo essa história como muito importante para o movimento feminista, pois não está longe da realidade. Com o conto da aia é possível entender que se houver qualquer guerra civil ou problema que seja, os direitos das mulheres já conquistados ou de qualquer minoria, são colocados em jogo, são destruídos, e também é perceptível que tais acontecimentos que se encontram no livro/ série, existem na atualidade, seja de " formas " diferentes, mas tendo o mesmo sentido ou sendo igual, pois é notório verificar isso a todo momento em culturas islâmicas, como o Talibã por exemplo.

O livro me gerou a seguinte questão " o movimento feminista na atualidade é para quais mulheres?" Enquanto de um lado do mundo estamos lutando pela nossa emancipação, preservação dos nossos direitos e vida, do outro lado do mundo tem mulheres que nem ao menos podem estudar, escolher com quem casar, trabalhar e sonhar, são apenas vistas com o papel de reprodutora, tendo nem ao menos os direitos básicos de um cidadão.

Em relação às aulas assíncronas, gostei muito da participação, apresentação, de Sarah, foi muito importante. Fez com que eu pudesse refletir sobre a sociedade que vivemos e conseqüentemente os conteúdos, valores e aprendizagens que eu quero poder construir junto dos meus futuros alunos, na minha carreira de docente.

Camilla Pereira □

Nesse período cursando a disciplina de Currículo, pude perceber o quanto a discussão de raça, gênero e classe perpassa o currículo, pude perceber lendo os textos que foram disponibilizados para a disciplina e o quanto é importante inserirmos esses debates nas nossas aulas enquanto professores. A disciplina me trouxe muitas inquietações, me fez ficar várias vezes muito pensativo e repensar sobre a minha própria prática, não só enquanto professor mas enquanto cidadão também, faço destaque para a importância das nossas rodas de conversa, estas são maravilhosas. Dou destaque para conversa com Sara, trazendo debates muito atuais, trouxe um pouco da sua experiência e da sua vivência, me trouxe muitas reflexões.

Me chocou muito o livro do Conto da AIA, várias questões que o livro traz vivemos no cotidiano brasileiro, então te dá um choque de realidade, livro bastante pesado, entretanto é muito atual, não consegui ler o livro todo, porém abriu muito a minha visão sobre a pauta das mulheres, o patriarcado, a sociedade machista etc.

Me trouxe também a importância de valorizar os saberes de noix estudantes, essas conversas foram fundamentais para ver o quanto sabemos e impulsionamos as discussões referentes à disciplina

Por fim, a disciplina é maravilhosa, curti muito, acrescentou muito a minha formação enquanto pessoa, enquanto cidadão e fica ainda mais evidente enquanto essas discussões são importantes para criarmos uma sociedade outra.

**Essa disciplina foi uma grata surpresa. Oferece uma compreensão dos diversos mundos em que habitamos. Nos faz perceber o quão pouco o termo "evolução" nos pertence, em determinados aspectos.**

**Por estar no final do período e participando de disciplinas de final de curso que estão sendo arrastadas pelos professores, eu não esperava tamanha dedicação com conteúdos desta matéria.**

Cada leitura, cada indicação, cada encontro foi transformador. Eu queria ter tido a oportunidade de conhecer essa disciplina antes, imagino o quanto poderia ter discutido os temas aqui trabalhados dentro do meu curso, onde a licenciatura é apenas mais uma modalidade comparada ao bacharel.

Todo esse aprendizado levarei para vida, onde a luta certamente continua.

Essa disciplina me mostrou o quão limitada era a minha visão de currículo. Não ter respostas para as perguntas e sim ser instigado a ir em busca delas no início atacou diretamente a minha ansiedade kkkk (culpa do meu ascendente em Libra) mas hoje eu vejo o quão importante é ir atrás do conhecimento, não só nessa matéria mas na vida! Estamos tão acostumados a ter tudo de mão beijada e só aglutinar aquilo às nossas vidas que corremos grande risco de cair no limbo da alienação.

Sou muito feliz pelo privilégio de ter uma aula não só incrível como também importantíssima com a Sara Wagner York e ouvir um pouco de sua história e trabalho. Pessoas trans e travestis (assim como as demais minorias, levando em consideração sempre os marcos da interseccionalidade) por muito tempo foram apenas foco de estudo e, hoje, ver essas pessoas PRODUZINDO e tendo oportunidade de APRESENTAR suas produções e projetos em uma universidade PÚBLICA é o que nos dá esperança por dias melhores. Para uma pessoa que viveu e continuará vivendo com a opressão poder ouvir uma fala tão potente quanto a de Sara me dá forças a continuar lutando pelo o que eu sou e acredito. Inclusive isso me lembrou de uma música incrível chamada "Comigo Ninguém Pode" da Mc Tha, vão lá dar stream na lenda kkbjs: <https://youtu.be/FF9W8Glyccc>.

**Eu confesso que me surpreendi muito com a disciplina positivamente. Me inscrevi sem muita pretensão pois precisava de uma optativa pra completar as horas pqto no fim do curso. Mas com certeza a disciplina é enriquecedora e esclarecedora. O conhecimento que obtive aqui, fica comigo pra sempre. Todos os temas muito necessários, e o debate e conversas sobre o Conto de Aia que é uma série que eu adoro, apesar de ser pesada e ter que ter estômago pra assistir. Agradeço a todes que tiveram a frente da disciplina, parabéns pela organização e dedicação.**

Esse curso foi muito importante para mim. Claro que por vivermos numa época digital com tantas informações disponíveis, é fácil ter acesso a muitos textos, blogs e vídeos. Mas um dos problemas é encontrar algo que realmente tenha valor, além do que essa busca pode nos fazer consumir bastante tempo. E no final não encontrar tanta coisa assim. Isso porque na internet os sites de busca já traçaram o nosso perfil e nos apresentam apenas aquilo que eles acreditam que seja do nosso interesse, ou

talvez deles mesmo. Estamos realmente retidos num mundo pequeno, numa bolha mesmo, apesar da rede nos vender a ideia de que ela se trata de um mundo infinito e sem fronteiras. Por isso a relevância desse curso, por apresentar bastante material de qualidade, repletos de conteúdo e discussões que nem imaginava que existiam. Aproveitei bastante os links e os textos disponibilizados. Apesar de ter lido ou visto tão pouco. Boaventura, Sara, J Stanley, Süsskind, ANPEd, Mbembe entre outros. Li o livro o Conto da Aia já dentro do contexto desse curso, de forma que o impacto foi bem maior do que sentiu a minha companheira quando leu o livro a uns três anos atrás. Seja porque devido ao curso já estava mais atento, de olhos e ouvidos bem abertos, às mensagens, alertas e denúncias que ele trazia. Seja por causa dos tempos que estamos vivendo atualmente no nosso país. Lembrei do filme Parasitas, tratado num dos textos disponibilizados. Tive até vergonha pois de certa forma vi um outro filme. Por isso, todo o curso foi importante, por trazer mais conteúdos, por proporcionar uma visão diferente das coisas ao meu redor, por revelar mais um pedacinho do mundo que existe fora e dentro de mim.

*Blessedbethefruit*



Copiei de :

<https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/162503-the-handmaid-s-tale-autora-se-inspirou-em-fatos-historicos-para-construir-o-conto-da-aia.htm>

## O livro que li.

Ler o livro enquanto via a série fez alguma confusão na minha cabeça. Não sabia mais onde as coisas haviam acontecido, se no livro ou na série. Seria a minha leitura do livro uma espécie de *spoiler* do que ainda viria a acontecer na série? E depois a minha imaginação começou a ficar mais limitada pois ao ler o livro as imagens dos personagens da série surgiam na minha frente, eu já não imaginava como deveria ser a June ou a Moira, elas já estavam dadas na série. E por isso fiquei surpreso quando a Thamires disse que em nenhum momento do livro a personagem principal é referida como June. Juro que havia lido June o tempo todo no livro. Fiz uma busca rápida e só encontrei June no capítulo 1, na página doze, mas apenas como mais um nome presente naquele ginásio esportivo. Aliás, arrancar o nome das pessoas é algo bem maquiavélico, a pessoa vai ficando sem identidade, sem referências, sem história. A pessoa se sente anulada, sem forças, deixa de ser uma pessoa. E dessa forma se vai seu amor próprio, não se sente mais merecedora de nada, é facilmente conduzida e manipulada. Muita violência isso tudo.

Enquanto lia o livro ficava ansioso para chegar no Salvamento. O capítulo XIV do livro, já perto do fim. Conforme podia ver no sumário do livro. Corri, lutei contra as palavras, queria chegar logo na solução de tudo. E para a minha decepção, o capítulo do salvamento não tinha nenhum salvamento. Fiquei frustrado. Adoro finais felizes. Acho que assisti muitas novelas brasileiras e filmes de Hollywood. Mas para o meu alívio descobri que existe um outro livro, que deve ser a continuação desse primeiro. Vou ler. Mas pelo andar da carruagem devo terminar a série primeiro.

Por fim gostei do pai Nosso rezado pela June. Um momento difícil onde ela considerou desistir de tudo e abandonar essa vida. Às vezes acontecem coisas que parecem ser maiores que nós, que não vamos conseguir superar, mas o tempo é o senhor da razão, se não traz a solução do problema, pelo menos ajuda a colocá-lo no tamanho certo, de forma que é sempre possível encará-lo em algum momento. E melhor ainda se você puder contar com a ajuda dos amigos. Mas num mundo como Gilead, quem são os nossos amigos? Com que podemos contar? Parece que estamos sempre a um passo de amanhecer pendurados numa forca. Complicado. Mas é preciso correr algum risco se queremos crescer e obter algumas vitórias.

Por fim as notas históricas. Essa parte do livro é um choque de realidade. Mas não era o tempo o senhor da razão como disse há pouco? Pois é, parece que existe justificativa para tudo. Problemas ambientais, taxa de natalidade caindo. Era preciso salvar o mundo? O que fazer? Nessa situação algumas perdas são aceitáveis? Vão-se os anéis e ficam os dedos? Meu Deus, isso é material para uma longa discussão moral. Mas o que posso afirmar é que não se pode aceitar a submissão e escravização das pessoas. A liberdade é fundamental. Há que haver consentimento. Tá bom, já ficou muito longo. Abraço.



## "Under His eye" ("Sob os olhos d'Ele")



A República de Gilead na história do Conto da Aia me faz lembrar a **maçonaria**, principalmente por causa da expressão "underhiseyes" e do olho que aparece diversas vezes na série. Pesquisei rapidamente na internet e vi que a **maçonaria** seria uma associação semi-secreta, difundida no mundo todo, que adota os princípios de fraternidade e da filantropia entre seus membros. Li também que a **maçonaria discrimina as mulheres**. E que ela não é uma seita religiosa, embora o único obstáculo para aceitação de um novo membro seja o ateísmo, já que todos os membros professam crer em um Ser Supremo.

**O olho que tudo vê** é um dos símbolos usados pelos maçons. Ele representa o olho de Deus, que observa a humanidade. Então fiquei com a impressão de que Gilead de alguma forma também se inspirou na maçonaria. É possível ver também na internet um outro aspecto da maçonaria, de que seria uma entidade filantrópica que tem como propósito reunir pessoas comprometidas com o bem comum para atuar na defesa das mudanças sociais. Puxa, o bem estar comum e mudanças sociais, o que incluiria, na situação em que os EUA estavam naquele momento do livro, fazer qualquer coisa para aumentar a taxa de natalidade e recuperar o meio ambiente. Vejo Gilead nisso o tempo todo.

Quando ainda podíamos estar presentes na universidade, eu lembro de ter conversado com uma amiga sobre o Conto da Aia, e ela estava acompanhada de outra amiga que fez um questionamento que me bate forte até hoje: "qual é o espanto que as pessoas têm hoje com essa história sendo que as mulheres pretas passaram por isso por séculos e pouco se discute sobre isso". E eu concordo, assim como discordo de algumas falas ditas em aula sobre como o livro aborda questões raciais, porque eu os considerei rasos. Ainda que eu me considere inserido na luta racial como aliado, eu entendo que sim, toda premissa do livro já aconteceu, e no nosso território. Mulheres pretas tiveram que lutar para não serem mortas, e as que se rendiam eram usadas como serventes, objetos, "barrigas de aluguel". Aias. Com certeza nenhuma delas quis nada disso, mas foram leis criadas por homens brancos que se consideravam donos, não somente delas, mas também de suas parceiras e dos espaços que ocupavam. Então nada do que é descrito e trazido no livro é novo, assim como os "crimes de traição de gênero". O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+, nossos corpos são expostos em praça pública, em praças virtuais, até mesmo em espaços que consideraríamos como acolhedores. Ver como é exposto na série causa sim espanto, mas não é nada distante do que já vivemos, tanto no passado como na atualidade. Toda nossa luta não pode se fixar em textos e estudos, é necessário ação. E mesmo que seja triste, a realidade é que muita gente ainda vai sofrer e perder a vida por conta da luta e da resistência, porque se existe a nossa ação, vai existir a reação de nossos algozes. Não vamos desistir, mas temos que agir de fato onde é necessário agir.

A disciplina de currículo foi muito importante neste período. Ampliou meu campo de conhecimento em diversos conteúdos, me instigando a refletir, pesquisar e debater. Todas as oportunidades de diálogos foram válidas e a oferta do livro foi de suma importância. Por mais que a minha participação não tenha sido 100%, por conta de todas as consequências do período remoto, acredito que o meu esforço e a facilidade no acesso aos conteúdos tenham agregado para o entendimento da disciplina como um todo.

Gostei muito do conteúdo da matéria, mas até a aula retrasada confesso que apesar de amar os debates que tivemos, tive muito problema em relacionar o conteúdo do semestre com a matéria Currículo. Nas duas últimas aulas eu consegui entender que temos que estar abertos pois os currículos tradicionais que são bem mais fechados precisam ser revistos, precisamos falar sobre muitas coisas que os currículos atuais não abordam. Achei riquíssimo e de uma grandeza trazer a Sara para expor a sua visão e o trabalho de tanto estudo, afinal de contas precisamos escutar todas as vozes que queiram falar. Assim como achei muito bom a indicação do livro "O conto da AIA", já haviam me indicado a série, mas o primeiro capítulo não me prendeu e eu acabei não dando continuidade, já depois de iniciar o livro eu fiquei mais curiosa e consegui iniciar a série! É um show de feminismo do início ao fim, é a força da mulher que não se deixa mais ser colocada de lado, é a força da mulher que vem sempre sendo subjugada pelo homem, pela sociedade machista e o patriarcado, este que vem caindo cada vez mais. Não nos calamais mais. Nós por nós. AyendHammad.

A disciplina Currículo é um dos pilares do curso de Licenciatura em Pedagogia, a meu ver, porque a base comum curricular que norteia os processos de ensino-aprendizagem do aluno e aluna e por isso há muitas disputas políticas em torno. As aulas ministradas pela Professora Maria Luiza, a ementa do programa apresentada e as palestras dos/das convidados(as), muito contribuíram para a construção de uma base sólida de conhecimento a ser aplicado no cotidiano escolar por futuros docentes, como eu.

A partir das discussões foi possível observar que os textos e o vídeo se relacionam em diversos aspectos, sendo destacada a importância de se considerar as vivências individuais e coletivas. Repensar nossa estrutura enquanto sociedade e questionar, com um olhar crítico, a fim de reconhecer nossas falhas e do sistema, além de entender o que precisamos conquistar; Criar empatia pelas vidas humanas, acabar com a coisificação de seres humanos. Mudar o pensamento de que basta não compactuar com as desigualdades, mas sim mudá-las e combatê-las; Desenvolver um plano de ação para mudar o sistema em que vivemos, e derrubar o pensamento

capitalista que envenena o ensino no país, evitando o raciocínio de que a escola serve para formar mão de obra e não pessoas com pensamento crítico.

Foi possível ter uma percepção de que, durante momentos extremos como o que estamos vivendo durante a pandemia, é muito difícil colocar em prática o ideal da educação libertadora e formadora de pensamento crítico, pois, além dos desafios normais de uma aula presencial, é preciso driblar outras questões que surgem, como a falta de acesso a internet. Esse tipo de análise é valiosa, pois percebemos ainda mais as divergências entre os alunos, e como é necessário entender os contextos sociais onde eles estão inseridos para poder desenvolver um aprendizado pleno e que contemple suas individualidades.

O texto que muito me chamou atenção foi o *Quem vai ao banheiro é o que? - É gente*, completando com a maravilhosa e enriquecedora aula da Professora Sara Wagner, que nos trouxe experiências e vivências impactantes em como mesmo nos dias atuais, ainda nos deparamos com preconceitos que nos marcam profundamente a nossa alma e nos dificulta no caminhar.

*E o conto da Aia* que nos trouxe reflexões de um mundo diferente, onde mulheres não possuem direitos ou segurança, voltada principalmente à privações femininas e a todos aqueles do sexo masculino que também possuem pensamentos e/ou atitudes contrárias as permitidas naquele cenário. É um grupo cristão fundamentalista que instauram em pouco tempo uma ditadura nunca antes vista. Sentimentos e diálogos que causam uma dor e tristeza ao imaginar o mundo naquela situação e ultimamente, infelizmente, algumas situações se assemelham. Luciana Zanetti

Na terceira temporada da série ocorre o encontro do Luke e a bebê com Serena num aeroporto do Canadá. É incrível a diferença de percepção da realidade dos dois. A Serena não parece ter noção do mal que eles têm produzido por lá. Foi chocante. E o pior é que de tanto ver a série até eu, sem perceber, já estava achando que é assim mesmo, Gilead é desse jeito, é um tipo de normal... Claro que não. É inaceitável. É um absurdo. Precisamos ter cuidado com isso. É como diz o texto a seguir: "nossa percepção do que é normal depende, além de nossos princípios, do que consideramos estatisticamente normal. Assim, por exemplo, por incrível que pareça, quando a crueldade se torna mais frequente ela se torna mais aceitável". E isso é muito ruim, essa tentativa de normalização da exploração, da desigualdade, do sistema capitalista. Sobre esse último, gerador de tanta dor, não parece mostrar sinais de fraqueza. Sabemos que por causa de determinados problemas como a estagnação econômica; a diminuição da liberdade, com custos imensos em vidas humanas e como também devido ao aumento da pobreza e do sofrimento, muitos sistemas fracassaram. Mas esse não parece ser o caso do capitalismo, que tem produzido todas essas

condições impunemente. Mas até quando? Será que ele já está tão normalizado assim? Não existem alternativas? O que seria pior? Insistir nessa situação pensando que um dia vai melhorar ou buscar um rompimento cujo desfecho seria imprevisível? Dominados pelo medo, optamos em permanecer desse jeito mesmo. Pois parece que ainda temos mais a perder do que a ganhar com qualquer rompimento desse sistema. O que não se aplicaria a Gilead por parte da população explorada e privada de liberdade. Eles já estariam além do limite suportável.

Honestamente, eu não tinha certeza do que esperar sobre a matéria de currículo além do estereótipo da matéria que ensina professores sobre a organização da maneira como dão aula. Há! Está aí uma coisa que essa matéria me ajudou a realizar, como estereótipos não tem lugar num currículo a não ser que seja para discutir e desconstruir, assim como o preconceito. Essa disciplina me ajudou a entender o quanto o currículo é mais que uma meia dúzia de folhas com conteúdo arbitrário, ele pode e, na minha opinião, deve ser uma conversa que busca sempre a melhoria, do ser humano e da sociedade, da nossa percepção do que está ao nosso redor para além da nossa bolha pessoal de experiências. Nós tivemos ao longo dessas aulas a oportunidade de discutir a crise ambiental e sócio-econômica, a pandemia e suas consequências tanto para a educação quanto para a sociedade, as questões de gênero e sexo, o patriarcado, o machismo e a misoginia que ainda estão tão presentes em pleno século XXI e e como o incrível livro 'O conto da Aia' trabalha essas questões.

Como mulher, a série me deixou extremamente desconfortável, pois eu não quero me imaginar na posição das mulheres daquela sociedade, tendo suas liberdades individuais tão fundamentalmente extirpadas que elas se tornam apenas convenientes parte do plano de fundo na vida de outras pessoas, sem liberdade de se expressar ou ir aonde queiram ou mesmo pensar o que querem fazer da vida, porque toda a vida delas já está predeterminada no momento que elas sangram por entre as pernas. Mesmo desconfortável, eu posso ver na minha mente (ou talvez nas notícias da noite) coisas do gênero acontecendo, porque elas de fato aconteceram, talvez não como está descrito na série ou talvez ela seja mais fiel a realidade do que queremos pensar a respeito, mas o controle sobre o corpo feminino, a falta de direitos, são coisas que ou já foram a realidade das mulheres ou ainda são! O que é a razão pela qual a discussão desses tópicos, mesmo que desconfortáveis, é tão importante! E a razão pela qual um currículo deve ser capaz de tratar de questões como essa e outras mais, de trazê-las para a sala de aula e ter uma discussão a respeito, porque isso é importante, mesmo que alguém pense que não o afete diretamente, pois somos todos parte dessa nossa sociedade.

Eu sinto que, mesmo com todas as dificuldades que a pandemia trouxe para todos nós alunos e professores e sociedade, as aulas que tivemos foram importantes para a minha formação como professora, mas, mais do que isso, elas foram importantes para mim como pessoa. Isabelle Sgarbi.

Quando observamos a palavra “Currículo”, ainda mais na grade de uma licenciatura, no meu caso, Pedagogia, logo atrelamos a questão do “currículo escolar”, e é isso **MERMO**, mas também tem muita coisa inclusa. *Não adianta*, gosto sempre de reforçar a questão do “*currículo de vivências*”, que nossas similaridades, individualidades, realidades, o lugar que ocupamos em sociedade sejam ouvidos, valorizados e respeitados. Eu não vou citar exatamente os textos, aulas, oficinas, séries, filmes e nem os autores, porém queria expressar **AKI** que aprendi demais com os conteúdos e estou muito grata a todos que contribuíram para isso, mesmo que seja nos mínimos detalhes, obrigada! No entanto, sei que ainda tenho muito o que aprender, e estou disposta, então bora que bora! *Desejo* ser uma pedagoga capaz de transformar indivíduos em sujeitos, mediando o “ensino” e a “aprendizagem” (e adquirindo conhecimento em conjunto nessa “missão” também né) visando a inserção de meus alunos no meio social através da equidade. Em síntese, é isso, acho que vou deixar meus detalhes para a autoavaliação? kkkkkkkkkkk currículo é complicado e é importante. Beijokas da Lavie -Lavínia Blaiso.

O governo totalitário de Gilead é dominado por políticas fascistas. Nesse ponto o material disponibilizado no nosso curso serve de guia na identificação dessas políticas no Conto da Aia. Um exemplo seria, por exemplo, quando é considerado como violação da lei e da ordem o comportamento das mulheres que não se encaixam em papéis de gênero tradicional. Aliás, essa pretensa aplicação da lei serve apenas para justificar os abusos vistos como necessários para proteger a “sociedade virtuosa”. Outra questão do fascismo é a hierarquia, que seria incompatível com a aspiração de igualdade sob a democracia liberal. E lá as mulheres valem pouco. Um outro ingrediente importante do fascismo é a oposição à ciência e a uma educação pública liberal. A ciência e a educação tendem a desmentir as versões da realidade criadas pelo governo fascista que não tolera a verdade. Mas em Gilead a informação não circula livremente e as mulheres nem podem ler. Essa reflexão sobre o fascismo além de esclarecedora é também assustadora, pois parece que ela está descrevendo o que está acontecendo no nosso país no momento atual. O mundo descrito no Conto de Aia se encaixaria com certa perfeição no modelo que o nosso atual governo procura impor ao nosso país. Mas a nossa história precisa ser escrita de outra forma.

Currículo. Educação. É fundamental. Não está restrito ao ambiente de sala de aula. Já tinha uma ideia de como grupos bem informados e

organizados podem ajudar e interferir nas políticas públicas ao ver minha filha participar de uma plenária aberta do Consea-Rio (Conselho consultivo municipal, para controle social, acompanhamento e proposição de programas e políticas públicas relacionadas à segurança alimentar e nutricional) e integrar grupos de discussões sobre o segurança alimentar com vereadores. Agora no grupo de Whatsapp do nosso curso fiquei sabendo da participação da ANPEd numa audiência do STF para discutir sobre políticas para a educação especial. E fiquei ciente de vitórias no STF em ações que tratam de leis municipais antigênero, que pretendiam proibir o debate de gênero e sexualidade na escola. E esses debates sobre sexualidade são muito importantes se queremos construir uma sociedade mais esclarecida e um pouco mais justa. Se queremos proteger crianças, mulheres e os demais grupos vulneráveis precisamos de mais educação, de mais informação. São muitas as frentes desse combate. Como na melhoria, ou mesmo na reformulação geral da Política Nacional da Educação Básica. Como discutido no texto “O que aconteceu na aula?” da professora Maria Luiza Sússekind Veríssimo disponibilizado no material do curso. Afinal é na base que se constrói os alicerces de uma sociedade mais justa e esclarecida.

No livro temos várias situações de machismo e misoginia, situações que também pertencem a nossa realidade atual. Poderia parecer improvável que isso ocorresse depois de tantos genocídios, guerras e violações na história da humanidade. Mas não, ao que parece ainda vamos conviver com essas situações por muito tempo. Mas porquê? Esse comportamento violento faz parte da natureza humana? Nos sentimos tão ameaçados assim pelo outro que precisamos reagir dessa forma? O livro é o Conto da Aia é um alerta, mais um grito contra tanto coisa ruim que ameaça e oprime tantas pessoas no dia a dia. Acredito que é a educação, a discussão contínua desses problemas e a convivência com o diferente que podem nos fazer seres mais tolerantes, desenvolver empatia e nos tornar mais disponíveis a ajudar.

Há quem considere os EUA uma sociedade teocrática. Pode ser um exagero, mas é inegável que eles apoiam uma das sociedades mais retrógradas desse planeta, que é a da Arábia Saudita. Uma ditadura familiar que não tolera qualquer oposição e pune severamente os defensores dos direitos humanos e que prega as interpretações mais radicais do Islã. Um lugar onde as mulheres são proibidas de dirigir e não podem estudar, viajar ou submeter-se a uma intervenção médica sem a permissão do homem que detenha sua tutela. Então não é preciso buscar inspiração em tempos distantes para se imaginar a Gilead do Conto da Aia. Mas por falar em tempos remotos, em certos momentos enquanto assistia a série tinha a impressão de que tudo se passava num tempo distante, tal qual a Idade Média de tão retrógrado que me parecia aquilo tudo.

Retrógrado também parece ser o caminho para o qual o atual governo insiste em tentar levar o país. Ao invés procurar buscar na história exemplos e aprendizados que possam ajudar na construção de uma sociedade mais livre e menos injusta, o presidente atual se inspira em Trump, Mussolini e seus congêneres. Um atraso. Então é preciso insistir na educação, lutar contra a escola sem partido e desmascarar a ideologia de gênero. Precisamos de mais luz, trazer todos esses temas para a discussão, e libertar as pessoas de todas as amarras.



*Eu to muito feliz,  
muito de verdade*

**ACHO QUE UM MEME NUNCA ME DEFINIU TANTO AAAA**

Pelo o amor de Obá que disciplina foi essa? Uma baita moca na cabeça pra gente ficar esperto e se ligar na responsabilidade que as licenciaturas carregam. Quando me inscrevi na disciplina imaginei que seria abordado sobre as leis da formação do currículo, sei lá, **uma coisa mais chata, entediante, que não dá nem um pingo de tesão, sem graça e mais do mesmo, sabe?** PAGUEI COM A MALDITA DA LÍNGUA KKKKKKKK

Acho que vocês cutucam a ferida da responsabilidade que a escola, principalmente com o currículo, tem em manter todas as desigualdades que a gente vê por aí.



**Esperava ficar vendo série durante a aula, recebi choro, motivação e uma sessão da terapia só falando sobre a disciplina.**

Quando fui ler o cronograma e vi todas as referências e fechando com chave de ouro a oficina sobre O Conto da Aia, tive a certeza que não seria uma matéria qualquer. Pelo menos não foi abordado de uma forma qualquer. Mano, falar sobre gênero e sexualidade sem tabu nenhum, preconceito e tratando essas temáticas como algo importante e que interfere diretamente o acesso e sobretudo, a permanência dos estudantes foi algo que me transformou. Nunca fiquei tão animada na segunda-feira.



## Lorena e Luli montando as aulas.

Pra mim foi uma oportunidade ímpar realizar essa disciplina, principalmente nesse semestre escuro que tô cursando. Os debates, as leituras e toda a troca foi um sopro de esperança e de alegria. Sei que pode ter alguns alunos que esperavam uma outra lógica, abordagem ou sei lá o que, mas quando leio as referências entendo o porquê de todo o incômodo. **Sair do lugar de privilégio é dolorido.**

**Minha única reclamação é que eu queria muito que essas aulas fossem presenciais pra depois a gente ir pra Mureta encher a cara de cerveja. Fora isso, ADOREI E INCLUSIVE QUERO MAIS.**

**PS: QUE SABOR DELICIOSO É PODER FAZER UMA PROVA SEM TER QUE FICAR SEGUINDO NORMA ABNT.**



Luli e Lorena ouvindo gente querendo que a disciplina fosse só sobre teoria do currículo

*Durante as aulas de currículo nesse período, passei a ver ainda mais a escola como um dos palcos principais para a mudança na construção social e essencial para acesso à cultura, ao pensamento crítico e participação cívica. Mas que é também instrumento político de determinadas ideologias, estruturas sociais, culturais e reforçar as relações de poder. Por isso, o currículo escolar deve englobar não apenas os conteúdos que serão aprendidos ao longo dos anos na instituições de ensino, mas deve agregar as experiências e aprendizagens vivenciadas pelos estudantes e ressaltar a sua individualidade e o contexto social que estão inseridos, se mantendo adaptável a cada realidade e metodologia pedagógica. É importante introduzir novas práticas sempre que possível para acompanhar as evoluções tecnológicas e transformações nos interesses e necessidades sociais.*

Me impressionei bastante com o curso, me fez abrir os meus olhos e perceber a grandiosidade que é o currículo, no início fiquei bastante confusa, fiquei pensando "o que esses assuntos tem haver com currículo?" Mas percebi o quão importante são essas discussões e problematizações para a construção de um currículo transformador, que não reafirme os preconceitos mas que os combata.

**ANEXO 3.3 – PROVA PLATÔ TURMA SEXTA-FEIRA  
(MATUTINO)**

**ATENÇÃO: este é um documento de pesquisa e não pode ser divulgado.**

**PROVA PLATÔ - CURRÍCULO (MATUTINO)  
2021.1**

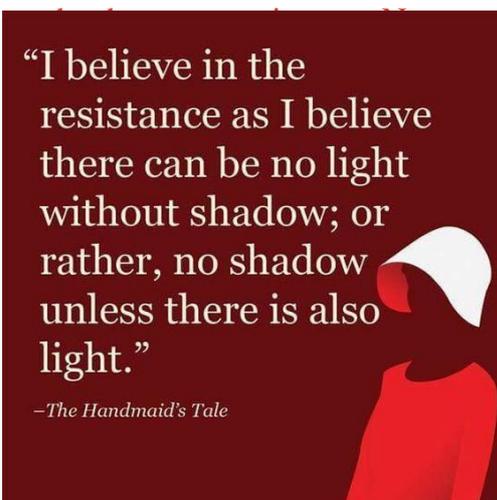
**Este documento ficará disponível entre os dias  
10/09/2021 às 10h até 17/09/2021 às 12h**

Neste documento vocês podem discorrer de forma livre e anônima sobre aquilo que produziram/aprenderam durante o curso de Currículo.

Vocês podem mudar a **COR**, a **FONTE** e **O TAMANHO** para diferenciar sua escrita das escritas de seus colegas de turma, bem como adicionar imagens e/ou fazer desenhos (clitando na barra superior em Inserir > Desenho > + Novo).

Esta disciplina de Currículo tem sido de grande importância para a minha vida e, com certeza, para a todos aqui matriculados, pois trata-se de um momento de reflexões, trocas de vivências e experiências entre alunos e professores convidados, tornando a aula muito mais prática, orgânica e impactante. Tivemos a oportunidade de mergulharmos em literaturas que nos fazem ter uma visão ampliada sobre o papel do Currículo, assim como uma oficina sobre o famoso livro “O conto da Aia” (Margaret Atwood) que vem como uma facada em nossa consciência para enxergarmos o fato de que a dominação masculina foi e ainda é uma realidade que subjuga as mulheres a uma vida de escravização. Esta oficina me fez refletir que não podemos nos omitir, desde os pequenos atos de ameaça às mulheres, aos grandes atos que ficam conhecidos através da mídia, como as imposições do grupo Talibã que ameaçam a vida das mulheres no Afeganistão.

“.. Se acontecer de você ser homem, em qualquer tempo no futuro, e tiver chegado até aqui, por favor lembre-se: você nunca será submetido à tentação de sentir que tem de perdoar um homem como uma mulher. É difícil resistir, acredite. Mas lembre-se de que o perdão também é um poder. Suplicar por ele é um poder, e recusá-lo ou concedê-lo é um poder, talvez de todos o maior. Talvez não seja realmente sobre quem pode possuir quem, quem pode fazer o quê com quem e sair impune, mesmo que seja até levar à morte. Talvez não seja sobre quem pode se sentar e quem tem que se ajoelhar ou ficar de pé ou se deitar, de pernas arreganhadas. Talvez seja sobre quem pode fazer o quê com quem e ser me diga que dá no mesmo. ”



Conforme a leitura dos textos, das unidades, fui compreendendo o que de fato é o estudo do currículo e a sua grande importância no mundo em que vivemos e que esperamos ter de fato uma evolução. O campo de estudo é muito vasto e em diversos artigos indicados que eu li, eu enxerguei diversos problemas existentes que muitas vezes estão bem na frente da gente e não teorizam ou discutimos de forma problemática. A começar por exemplo no artigo: “O que aconteceu na aula” Políticas, currículos e escritas nos cotidianos nas formações dos professores, numa Universidade pública. Está presente na Unidade II, de autoria de Maria Luiza Sussekind. Achei extremamente necessário e de forma interessante, que a escrita na formação dos professores é algo muitas vezes como uma prisão e de seguir um padrão complicado para muitos alunos, sendo eles diversos, de classes sociais diferentes e de currículos ao longo da sua trajetória. Há muitas minorias deixadas de lado pelo Estado, desamparadas, que chegam na Universidade como no caso do graduando de música na época citado no texto passou por diversas humilhações por sua dificuldade com a escrita e leitura. Eu mesmo já vi uma situação dentro da Universidade, de um professor querer um texto padrão a todos alunos. Algo um tanto sem sentido, limitado, excludente, pois são as nossas percepções e entendimentos postos dentro do texto. Nós seremos futuros professores, devemos estar atentos às diversidades que vão ser encontradas dentro das escolas e não excluí-las. Temos que entender que o processo vai ser diverso e fazer o currículo de outras formas que não se limitem a escrita, mas possa explorar a oralidade, o desenho, entre outras formas de se expressar. Esta disciplina me abriu os olhos a como devemos estar atentos quanto

às práticas de currículo que podemos fazer com os nossos alunos, buscando um entendimento da diversidade, da emancipação política, da autonomia, entre outros temas para que consigamos fazer uma sociedade um pouco mais atenta. No Brasil e no mundo, está um completo caos. Não digo somente pela pandemia mas a situação no mundo hoje é de total retrocesso, intolerância, negacionismo que em dias atuais como hoje não podem ser tolerados. Parece que estamos voltando a 50 anos atrás ou até mais, bem mais(risos),pois estamos vendo no mundo todo uma negação a ciência, a diversidade. É muita coisa ruim acontecendo ao mesmo tempo, e devemos como educadores e cidadãos estar atento a esses tempos sombrios, aguentar e mudar, aos poucos, estar bem atento aos currículos que queremos levar para os nossos alunos de forma diversa.

Tem sido muito gratificante participar da disciplina porque aborda muitas questões importantes e atuais. Não esperava ver nem metade do que vimos durante as discussões e também na leitura dos textos, e realmente me acrescentou muito. O texto falando sobre "A equivocada educação do público nos Estados Unidos" por exemplo. UAU!! Eu não tinha parado para pensar dessa forma e faz muito sentido, como se a gente estudasse para "ser alguém na vida", como se já não fôssemos alguém. O estudo vai muito além disso, é para nosso autoconhecimento e essa leitura reforçou o que penso sobre a matéria currículo, essa disciplina me tirou da zona de conforto. E o conto da Aia que é um tema muito atual, e infelizmente nos deparamos todos os dias com essa desvalorização da mulher.

**Quando me inscrevi em currículo, eu tinha em mente que seria abordado mais questões curriculares, e fui surpreendido com uma aula bem ampla, onde os assuntos diversos são debatidos de forma clara e aberta, e isso é bom, ainda mais no cenário que entraremos que é a sala de aula e isso nos ajuda em muito. Eu antes não tinha muito essa visão de "diferenças" e com a matéria eu comecei a enxergar isso, não é a toa que hoje eu estou estagiando numa escola com alunos de 5 ano, e posso ver e aplicar tudo o que assisti em aula, e até mesmo com um aluno que possui deficiência, e tanto a aula quanto por em prática esta me fazendo ver o mundo com outros olhos, e isso é genial. Mas uma coisa que muito me chamou a atenção também, foi a oficina "O CONTO DA AIA", apesar de não vivermos muita diferença do que se passa na trama, podemos ver como o mundo é machista em relação a outro ser, as vezes fico pensando comigo mesmo, como pode o homem ter tanto medo da mulher que precisa mostrar da violência para tentar o ar da superioridade, só que cara, viemos dela, e Mais dependemos dela para vir ao mundo. Não devemos "endeuzar"? Sem uma mulher não nascemos. E com a oficina me bateu uma tristeza em saber que a trama reflete muito a nossa sociedade. Bom eu não sou muito bom com escritas, mas fica aqui meu relato. Obrigado dona Sussekind, por essa ótima aula, e fique sabendo que esse ensinamento vou levar para dentro de sala de aula mais e mais <3.**

Inicialmente, quando me matriculei na turma de Currículo, não esperava que os assuntos tratados pelos textos e as discussões em sala de aula seriam tão abrangentes, relevando discussões que muitas vezes não nos damos conta. Durante as conversas em turma, foram tratados diversos assuntos, como o racismo, que, embora não seja o assunto principal tratado no “O Conto da Aia”, ainda sim é extremamente necessário que seja debatido esse tema. Como exemplo, é possível citar os textos compartilhados, como o “Pai Contra Mãe” de Machado de Assis, que descrevem algumas situações acerca dos tempos de escravização no Brasil.

Agora, indo mais a fundo do “O Conto da Aia”, uma das cenas mais emblemáticas da série é quando a personagem June Osborne, renomeada como Offred no governo totalitário de Gilead, tenta fugir da chacina ocasionada pelos soldados desse governo em sua ascensão ao poder, em que essa personagem estava participando de um protesto contra isso e os soldados reagem matando pessoas. Não só esse episódio, mas muitos outros vão mostrar partes de como era a vida antes que esse movimento autoritário religioso tomasse todo o país EUA.

Ainda que a ideia do livro tenha sido descrever uma distopia, acaba que até a própria autora, conscientemente, utilizou situações que aconteceram na história e ainda podem acontecer atualmente, como o principal tema mostrado que é o da submissão da mulher ao homem, ou seja, sempre um homem tendo posição de destaque na sociedade e a mulher apenas sendo utilizada para a reprodução, como é o caso das aias no “O Conto da Aia” em que são mulheres com a única função de reproduzir filhos, sendo duramente estupradas e subjugadas pelos homens.

Com isso, busquei contextualizar todo um mini resumo para que chegasse de fato aonde queria, que era mostrar um caso real vivido atualmente no Afeganistão e pode, facilmente, ser relacionado à distopia do “O Conto da Aia”, no qual mulheres novamente perdem seus direitos e são forçadas a serem instrumentos dos homens, inclusive também utilizando a religião que nesse caso é o islamismo. Durante toda a humanidade, as mulheres sempre tiveram um papel de cuidar da casa e da família e, felizmente, atualmente o cenário é diferente, mas isso não significa que os direitos da mulher estão completamente seguros, pois basta a instauração de um totalitarismo para que tudo que foi conquistado seja perdido, já que sempre a mulher será subjugada pela sociedade patriarcal, assim como a série e o livro “O Conto da Aia” mostrou.

Todas as discussões que ocorreram durante os encontros síncronos foram fundamentais para que meu repertório cultural fosse aprimorado, inclusive me mostrando que o campo do Currículo é extremamente abrangente e deve preparar o profissional da educação para que este seja capaz de dialogar e incluir as diferenças no convívio social da sala de aula e não as excluir.

Em um dos encontros síncronos, foi apresentado um vídeo em que foi dado o relato de transfobia vivida pela Linda Brasil, mostrando como a universidade, geralmente conhecido como um lugar que gera conhecimento, pode ser capaz de excluir uma pessoa trans impossibilitando o uso de um nome social em um cadastro. Esse relato me impressionou, pois geralmente as universidades deveriam ser um lugar de inclusão, o que, infelizmente, não é verdade e foi provado isso nesse caso. Em um país que elege uma pessoa que disse preferir um filho morto em um acidente do que um filho gay, já era de se esperar esse comportamento em grande parte da sociedade, infelizmente.

Agora, um exemplo prático de texto que me acrescentou muito também foi o do Boaventura chamado “A cruel pedagogia do vírus”, em que mostra mais uma vez como o Currículo é abrangente, discutindo inclusive sobre o sistema econômico capitalista em que devemos superar a pandemia desse sistema para que ficássemos livres de outras pandemias, ou seja, Boaventura claramente mostra que o capitalismo é o culpado por tudo que vivemos, o que eu particularmente concordo. Com isso, agradeço a todos os encontros síncronos feitos pela Maria Luiza e pela Lorena, que foram capazes de me apresentar uma área de estudo que não se resume apenas a definir o que será apresentado em uma sala de aula de forma oficial, mas também deve preparar o professor para as mais diversas situações que podem ocorrer em uma sala de aula.

Ao me matricular na disciplina de currículo eu fiquei pensando em tantas possibilidades de abordagem sobre o assunto, tais como: como seriam ministradas as aulas, quais temas mais relevantes, atualizações implementadas nos currículos, BNCC, quantas coisas vieram em minha cabeça!!

Aí quando efetivamente iniciamos os estudos e os conteúdos iam paulatinamente sendo disponibilizadas, depois vieram as discussões, comecei a perceber que tudo aquilo que eu pensara anteriormente, caía por terra.

Quanta novidade, quantas questões que nem se quer paramos para pensar que estão envolvidas no que chamamos de currículo. Ao longo da nossa vida acadêmica vamos forjando um conceito muito “engessado” do que vem a ser a ideia de currículo e suas formalidades.

Com o desenrolar da disciplina, balizado pelos conteúdos sugeridos e os encontros síncronos, pude perceber o quão dinâmico, o quão inacabado é o currículo.

Como não podia deixar de ser, para mim o ponto alto da disciplina ficou em torno do “Conto de Aia”, não só pela densidade da trama, como também pela relevância dada nos encontros. O que fica de lição é que não devemos pré-julgar ninguém, não devemos discriminar ninguém e sim receber a todos de braços abertos e livres de preconceitos. Apesar de achar que algumas passagens não refletem a nossa realidade atual, são um pouco exageradas, servem para nos manter vigilantes e em reflexão constantes na busca de dias melhores para todos, buscando o equilíbrio e a igualdade. Devemos observar mais a sábia natureza que está em constante busca do ponto de equilíbrio e assim, também nós, devemos fazer o mesmo.

Sou suspeita para falar ou escrever, eu simplesmente AMO disciplinas que se preocupam com a necessidade de pontuar questões sociais. Porque é algo que não pode, e nem se deve ignorar. Sempre gostei bastante das disciplinas ofertadas no CCH exatamente por causa disso. Além da questão da troca com estudantes de outras áreas e professores MAIS REALISTAS em relação às questões de educação.

P.S.: Os professores do IBIO são MUUUUUUITO sem noção.

Admito que antes de cursá-la fiquei bastante perdida a respeito do conteúdo que a disciplina tratava. Com a necessidade de horas para disciplinas optativas, efetuei a matrícula. Com certeza essa foi uma ótima escolha.

Tanto os momentos síncronos quanto os assíncronos proporcionaram questões de extrema relevância que devem ser considerados pelas instituições de ensino na hora do planejamento referente ao ensino. Nossa sociedade não é, e nunca será, homogênea. Nossa singularidade deve ser respeitada e enxergada. Isso faz a diferença em um currículo que entende e está disposto a desconstruir. Mas é claro que, para isso, as instituições devem estar dispostas a desconstruir e questionar, e não ignorar as opressões e nem reforçá-las.

Currículo é uma disciplina extremamente necessária para todos os estudantes que estão ou seguiram a carreira da educação. É uma pena que para as licenciaturas seja uma disciplina optativa. Trouxe questões invisíveis ou ignoradas por algumas pessoas, que devem ser reconhecidas e trabalhadas.

A valorização e o apontamento de questões de minorias e pontos de vista de pessoas oprimidas e também simpatizantes das causas, foi uma experiência incrível. Apesar de ser incluída em duas minorias, ter outros pontos de vista e conhecer a opressão por outra minoria, que no caso não me enquadrava, foi enriquecedor. Sem falar na oficina maravilhosa sobre o livro/série *O conto da Aia*.

Para concluir dou os parabéns a professora Maria Luiza e a monitora Lorena por pensarem e fazerem um bom trabalho em relação ao planejamento da disciplina para essa modalidade remota.

Att.

B.M.

*“Vendo, pois. Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacó: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacó contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bila; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela.”*  
— GÊNESIS, 30:1-3

Esse foi o versículo, que de cara li, quando estava pesquisando sobre como seria a metodologia da matéria Currículo. A fim de compreender a importância do desenvolvimento do currículo para o desenvolvimento das ações a serem dialogadas na sala de aula, em favor da promoção de um encontro interdisciplinar. Eu gosto particularmente da palavra encontro. O que gera em termos de compromisso, ao mesmo tempo descompromisso com burocracia e fora de hierarquias da relação entre educador e estudante. Eu estou me graduando em Licenciatura em teatro, porém meu interesse durante minha trajetória, tem me levado as Relações Étnicas raciais em Arte

Educação. Um rumo mais pertinente e provocativo profissional . Ao me deparar com um acervo de debates sobre Relações Étnicas Raciais no canal da Educadora e pesquisadora e doutoranda Maria Luiza Sussekind, pude compreender mais sobre o papel da elaboração de um currículo no desenvolvimento de metodologias decoloniais e anti patriarcais.

Peço perdão por essa volta toda, rsrs mas porque pra mim, foi o que mais me moveu, pois está diretamente entrelaçado ao meu objetivo profissional. Bom, voltemos a bíblia rsrs eu venho acompanhado as temporadas da série The Handmaid's Tale ou em tradução livre O conto da Aia da autora Margaret Atwood e como bem destacou a monitora Lorena Azevedo, em algumas aulas, o que a autora narra em sua obra; Atwood ao ser questionada sobre suas inspirações responde: “ Então eu coloquei no livro coisas de todo o mundo, incluindo os Estados Unidos, que já haviam acontecido ou estavam acontecendo nos anos 80. Muitas ainda acontecem e ainda estamos sofrendo contratempos.” Eu não tinha lido o livro somente a série por completo, mas ao me deparar com esse versículo da relação de Sarah, Jacó e Bila, eu por ter parte da minha criação dentro da igreja evangélica, pude compreender mais ainda o ponto da obra, parece que tudo ficou mais concreto, de onde a autora partiu de uma obra literária universal que exerce tantas influências em sociedades patriarcais.

“Escrevi o livro para fazer várias perguntas, por exemplo: se os Estados Unidos tivessem um totalitarismo ou uma ditadura, de que tipo seria? Seria comunista? Seria chamada de fascista? Não, seria religiosa.”

O que mais me impressiona na obra de Atwood é o desenho desse futuro distópico,super possível e real em alguma parte do mundo , como vem ocorrendo recentemente no Afeganistão em um regime totalitário que destroem sensos de liberdade dos indivíduos e principalmente mulheres. Tenho um exemplo muito próximo, que seria minha mãe, uma mulher negra,que foi obrigada desde os nove anos de idade para ser empregada doméstica afazeres domésticos, em uma modernização dos princípios de uma casa grande e senzala, tendo seu grande sonho destruído de ser uma Arquiteta e Urbanista. Eu em minha trajetória, não consigo não relacionar a qualquer fator de opressão em sociedade sem destacar a raça primeiro, como ponto central do enfrentamento e sobrevivência a diversas opressões encaradas nessas sociedades que detêm em sua gene, o racismo, o machismo,a misoginia , a colonização, o regime , o totalitarismo, dentre tantos outros fantasmas e reencarnados que insistem na destruição das liberdades individuais. Sendo assim, deixo aqui meu agradecimento a Maria Luiza Sussekind e Lorena Azevedo pelo conteúdo disponível em um espaço livre para uma reflexão a futuros colegas pesquisadores e educadores para o desenvolvimento de uma Educação com responsabilidade social.

**Primeiramente gostaria de agradecer pelos excelentes debates que tivemos. Eu no início achei que seria muito voada a matéria, pois o caminho fica livre e até um ponto positivo da didática da professora deixar os temas livres para cada um, toppp.**

**Outro ponto , é comparar a ideia de como o livro tem a capacidade de nos fazer entender os riscos da naturalização e de como esses absurdos vão se esgueirando**

pela realidade sem nos darmos conta. Das perdas de direitos ao crescimento da intolerância, do preconceito à misoginia absoluta, da liberdade a um estado opressor. Mais um ponto é essa fomentada vontade com o corpo feminino e ver que elas na 'verdade não podem nem sequer ter liberdade com o seu corpo e o que fazer com ele.' Notamos uma realidade muito atual e muito combatida nesses dias, mas o mais incrível é saber que isso diz respeito a todas as mulheres, ou seja, luta grande sempre necessita de grandes 'lutadorasx' para atingir tal objetivo.

Ao pensar sobre currículo a primeira coisa que vem em nossas mentes são os conteúdos que temos que dar conta ao longo do ano escolar. Porém, ao cursar a disciplina de currículo o que percebemos é a amplitude desse conceito e como limitamos nossa prática e nossa concepção a respeito do que é educação, escola e o papel social de ambas. Ao longo da disciplina pude perceber que o currículo está em tudo que nos cerca e que enquanto educadores estamos longe da neutralidade. Nenhuma escolha que fazemos é imparcial ou sem intenção. Precisamos estar atentos àquilo que naturalizamos e cristalizamos no nosso cotidiano escolar e procurar maneiras de romper e refletir sempre com nossos alunos sobre nosso dia a dia e o mundo que nos cerca.

Com certeza, das matérias que fiz até o 3º período de licenciatura em música, essa foi a que mais abordou questões sociais e de inclusão! Não digo que foi a única pois tive a sorte de ter professoras maravilhosas que trouxeram também, debates, oficinas e discussões interessantes para os ambientes de aula e é sempre uma experiência agradável. Poder perguntar sem medo de ser julgado, tirar alguma dúvida sobre algum tabu ou assunto delicado e ter a resposta de alguém com vivências no assunto que responda com bastante propriedade e acabe por fim educando : ) Não consegui assistir a todas as aulas, mas as que pude assistir, já me levantaram tantos questionamentos que imagino como seria se tivesse acompanhado tudo. Ouvir os relatos da Linda Brasil foi por si só esclarecedor. Saí daquela aula e me dei conta da quantidade de coisas que não me atingem, mas que representam a luta da vida de muitas pessoas e isso de certa forma criou muitos questionamentos na minha cabeça. Enfim, queria ter participado mais, mas sinto que mesmo na encolha pude absorver ótimos conteúdos.